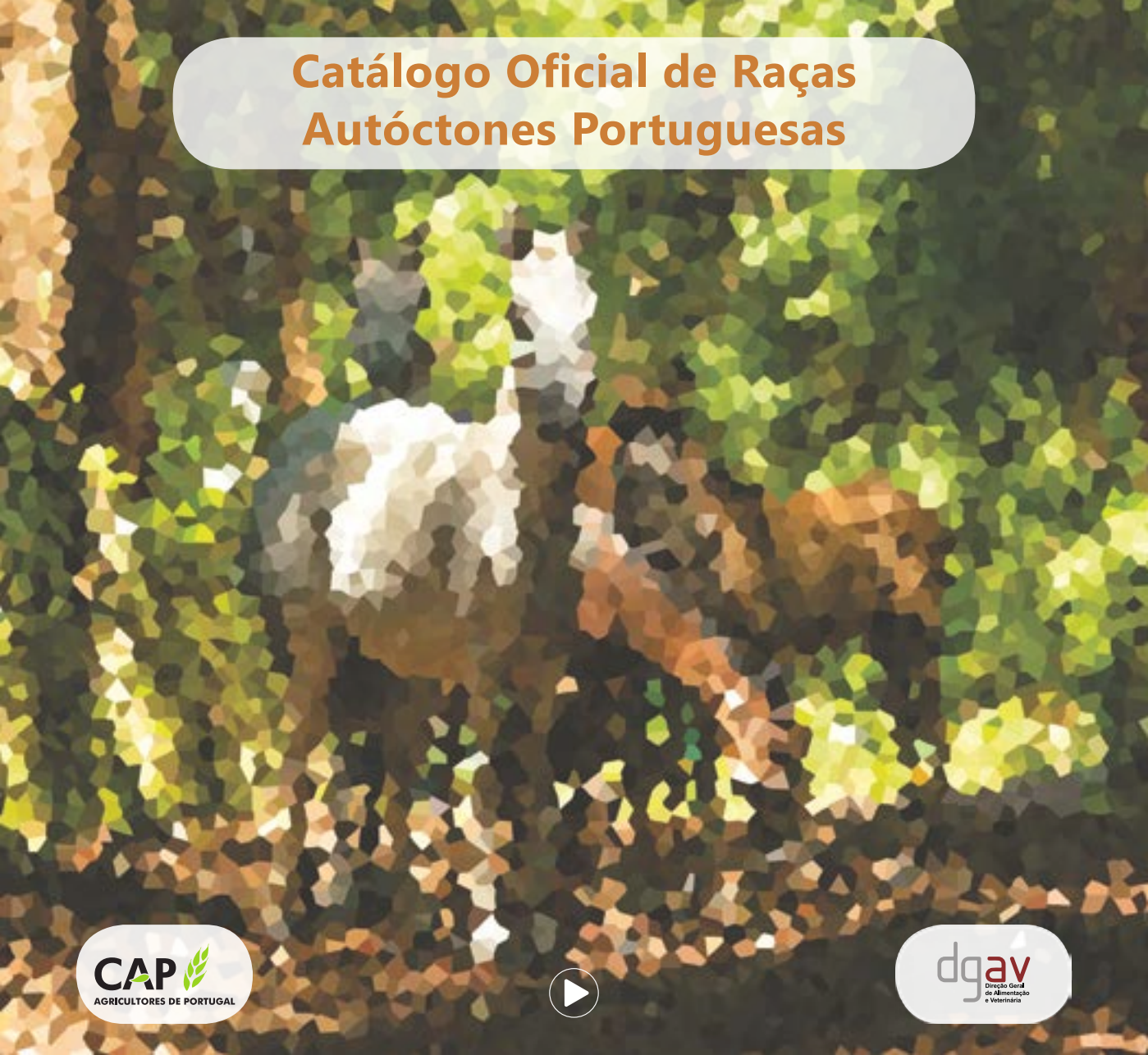
Catálogo Oficial de Raças Autóctones Portuguesas



CAP
AGRICULTORES DE PORTUGAL

dgav
Direção Geral de Alimentação e Veterinária

Catálogo Oficial de Raças Autóctones Portuguesas

Pretende-se com este documento a corporização de uma base de informação breve, mas sistematizada, de todas as Raças Autóctones Animais de Portugal.

Para cada raça, englobada no conjunto existente de cada espécie, dá-se conta da sua localização, número de animais e criadores, assim como da sua história, a sua evolução e as suas principais características, como a aptidão, o padrão da raça ou o sistema de exploração.

Para além das espécies pecuárias, bovinos, ovinos, caprinos, suínos, equídeos e galináceos, incluem-se também os canídeos, por serem intrinsecamente ligados ao mundo rural, à actividade agro-pecuária e cinegética e fazerem parte deste valiosíssimo património genético nacional.

A posição geográfica que Portugal ocupa no extremo Sul da Europa, ponto de passagem e fixação para muitos povos ao longo dos tempos; considerando que é um país com uma reduzida dimensão, com uma área de 95 350 km2 , Portugal apresenta uma enorme variabilidade de condições climáticas, orográficas, de solos, de estruturas fundiárias, de tradições e costumes que resulta numa acentuada diversidade técnicas de agricultura e de condições ambientais.

Em consequência desta diversidade, os animais domésticos foram sendo criados e selecionados para fazer face às necessidades de alimento, vestuário, proteção e companhia dos nossos ancestrais, numa adaptação harmoniosa às condições ambientais existentes nos diferentes tipos de territórios.

Este conjunto de fatores resultou numa elevada diversidade de Recursos Genéticos Animais (RGAn), representada por 50 raças autóctones das espécies pecuárias (15 raças de bovinos, 16 raças de ovinos, 6 raças de caprinos, 3 raças de suínos, 6 raças de equídeos e 4 raças de galináceos) e 11 raças de Canídeos. Este património único que urge salvaguardar, torna o nosso país um foco de grande importância pela diversidade dos seus RGAn.

O Catálogo Oficial das Raças Autóctones é um elemento fundamental para a sistematização e divulgação das nossas raças. Divulgando as raças estamos a contribuir para a sua conservação.

A DGAV agradece à Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP), na pessoa do Senhor Presidente, Eng.º Oliveira e Sousa a dedicação e o empenho despendido na elaboração do Catálogo Oficial das Raças Autóctones. Este catálogo é um elemento fundamental para a sistematização e divulgação das nossas raças, contribuindo desta forma para a conservação das mesmas.

Susana Guedes Pombo
Directora-Geral da DGAV - Direcção Geral de Alimentação e Veterinária

Em Portugal existe um conjunto significativo de raças autóctones que representam um património genético muito valioso, possuindo um grande potencial de conservação e valorização económica, associadas a produtos tradicionais de elevada qualidade.

Estas raças integram o património histórico e cultural do País e desempenham, no meio rural, um importante papel na fixação das populações e na dinamização da economia regional, num perfeito enquadramento com o ecossistema social e cultural em que se inserem, valorizando de forma particular o seu carácter gastronómico.

Como sabemos, muitas destas raças estiveram em risco, mas, com as ajudas comunitárias, um trabalho árduo dos criadores, das suas organizações e o indispensável apoio dos serviços oficiais, foi possível recuperar os efectivos para números que, em grande parte dos casos, afastaram a ameaça de extinção.

Nos dias de hoje, dadas as exigências acrescidas dos consumidores e face à qualidade dos produtos oriundos destas raças e dos seus modos de produção, a sua genuinidade no respeito pelo bem-estar animal e pelo ambiente em que são criados, são a garantia que sustenta o potencial de crescimento deste mercado nicho. Tal implicará o reconhecimento e a aceitação da justa valorização destes produtos, associada à sua exclusividade, oferecendo a este mercado, em crescimento, a garantia da sua superior qualidade e, por isso, do seu valor.

A Confederação dos Agricultores de Portugal, para além de ter como filiadas grande número de associações ligadas às raças autóctones e gestoras de livros genealógicos, sempre foi, e continuará a ser, uma fervorosa defensora da manutenção, apoio e dinamização das nossas raças, porque será através deste tipo de produções que muitos dos nossos agricultores poderão subsistir, produzindo com qualidade e vendo justamente remunerados os seus produtos, promotores de uma importante fonte de rendimento e, em muitas situações, a única forma de manterem uma actividade agrícola e pecuária sustentável e duradora.

Foi, pois, com todo o agrado que a CAP colaborou com a DGAV na execução deste Catálogo, que será ser um instrumento importante de divulgação das raças nacionais, junto dos técnicos e da população em geral, com grande enfoque para os jovens, através das instituições de ensino.

Manter e proteger as raças autóctones é uma forma de participarmos na continuação da história e respeitarmos o passado que é nosso.

Eduardo Oliveira e Sousa
Presidente da CAP - Confederação dos Agricultores de Portugal

Bovinos **Ovinos** **Caprinos** **Suínos**

Equídeos **Galináceos** **Canídeos**

(Nota: Fêmea em linha pura - Fêmea inscrita na classe de adultos com filhos inscritos na classe de nascimentos)



Bovinos



Ovinos



Caprinos



Suínos



Equídeos



Galináceos



Canídeos

Bovinos

Raças:

Alentejana
Algarvia
Arouquesa
Barrosã
Brava de Lide
Cachena
Garvonesa
Jarmelista
Marinhoa
Maronesa
Mertolenga
Minhota
Mirandesa
Preta
Ramo Grande

ALENTEJANA



História e Evolução

Os bovinos autóctones da região Alentejana representam uma forma primitiva e milenar da espécie bovina e disso são prova os fósseis existentes no Museu dos Serviços Geológicos de Lisboa, pelas semelhanças que apresentam com peças correspondentes aos atuais bovinos (Andrade, 1948). O mesmo autor refere que o gado bovino Alentejano é derivado de uma forma meridional do *Bos primigenius*, que se terá desenvolvido no sul da Península Ibérica e que terá emigrado para África, tendo regressado à Península Ibérica depois da última glaciação.

A raça bovina Alentejana, extremamente bem adaptada ao meio onde se insere teve, durante anos, a função principal de produzir trabalho. A sua evolução esteve ligada à revolução industrial, à mecanização da agricultura e ao crescimento populacional. Desde então novas técnicas agrícolas emergiram, com o objetivo de aumentar a produtividade, do mesmo modo que se iniciaram atividades relacionadas com o melhoramento animal, com o intuito de aumentar a produção de carne em detrimento da produção de trabalho.

A partir da segunda metade do século XX, apesar da oposição de algumas entidades oficiais, académicos e técnicos de destaque da altura, muitos criadores, na tentativa de quebrar a tendência de perda de rendimento com a atividade pecuária, nalgumas situações iludidos com a possibilidade de melhorar a rentabilidade das suas explorações, optaram por copiar modelos de produção de outros países e recorrer à importação de raças exóticas (Carolino, 2006). Nesta fase, verificava-se uma tendência clara para o aumento da exploração de raças exóticas ou para a realização de cruzamentos indiscriminados com estas raças, na tentativa de se obterem animais melhor conformados e com uma velocidade de crescimento mais elevada (Ralo, 1972). Durante este período, era difícil saber o número aproximado de bovinos de cada raça uma vez que, nem todos os Livros Genealógicos, tinham ainda sido constituídos e os censos “arrolamentos dos gados” apresentavam, mais frequentemente, os valores por região do que por raça.

O Alentejo é o solar de origem desta raça, como o seu nome sugere, sendo a sua representatividade bastante grande nesta zona do país.

A área de dispersão desta raça é essencialmente a zona Alentejana, distritos de Portalegre, Évora, Beja e alguns concelhos do distrito de Setúbal. Também existem algumas explorações nos distritos de Santarém, Castelo Branco, Guarda e Braga, embora seja reduzido o número de criadores nestes distritos.

O Alentejo é uma região com um clima temperado, tipicamente continental, com influências mediterrâneas. Este clima caracterizado por grandes amplitudes térmicas e baixa pluviosidade anual, concentrada sobretudo no inverno, e com um verão seco e longo, é pouco favorável ao desenvolvimento de pastagens de qualidade Estes fatores ambientais influenciaram o tipo de animais existentes nesta região, nomeadamente a morfologia dos bovinos pois as pastagens disponíveis, pobres e de má qualidade, obrigaram ao aumento da capacidade de ingestão e do volume do aparelho digestivo. As altas temperaturas dos verões quentes obrigam a um aumento da circulação periférica e da superfície corporal, razão pela qual esta raça apresenta uma grande barbela e uma caixa torácica aumentada, permitindo uma respiração mais lenta e mais profunda (Silveira, 1972).

Padrão da Raça

Aspeto Geral - A conformação desta raça advém das condições climáticas e regime alimentar a que foi sujeita ao longo dos anos. Este tipo de regime muito desequilibrado originou-lhe um grande desenvolvimento, da região abdominal e de toda a sua estrutura óssea. O desenvolvimento da tão caraterística barbela com as suas sete pregas, não é mais do que o aumento da área de transpiração dos animais permitindo-lhes, assim, suportar com melhor eficiência as amplitudes térmicas a que estão sujeitos;

Pele e pelagem - Vermelha, podendo ir do retinto ao trigueiro, sendo os pelos todos da mesma cor. São excluídos da raça, animais com interpolações de pelos brancos ou pretos em qualquer zona do corpo, exceto na borla da cauda onde se permitem os pelos brancos interpolados. As aberturas naturais são de cor rosada e normalmente desprovidas de pelos, podendo ter várias tonalidades de rosa;

Cabeça - Bem desenvolvida e com um tamanho considerável. A sua maior largura é por cima dos olhos, o chanfro é reto ou ligeiramente convexo. A marrafa é de forma arredondada e coberta por pelos mais desenvolvidos, que podem ser encaracolados; os cornos são simétricos e de considerável desenvolvimento nos animais adultos, a sua cor é o branco sujo com as pontas mais escuras, quase pretas. “Nascem” no prolongamento da marrafa e quando despontam é sempre com uma ligeira curvatura para a parte de trás da cabeça do animal, apresentando um crescimento sempre voltado para baixo, e depois dobram-se para a frente do animal tomando formas pouco variáveis; as orelhas encontram-se por baixo dos cornos e ligeiramente mais atrás do que estes, saem na horizontal e são revestidas de pelos, com tamanho considerável, especialmente no bordo superior;

Pescoço - Horizontal com comprimento médio e com um diâmetro considerável. Nos machos é uma zona de deposição de gordura formando o “murrilho” ou “cachaço”;

Tronco - O dorso e o lombo são bem conformados e com tendência para o retilíneo, tendo uma largura média;

Garupa - Comprida, bem musculada, em alguns casos descaída lateralmente, mas esta deiscência lateral tende a diminuir. A inserção do rabo é feita sobre a garupa, dando origem ao chamado rabo “apombinhado”, pois sobressai muito a “pombinha”. Com o diminuir da deiscência das faces laterais da garupa a inserção do rabo tende a ser cada vez menos saliente, tornando-se correta;

Membros - Bem aprumados, em alguns casos com os posteriores um pouco fechados, pois juntam nos curvilhões, devido à aproximação exagerada entre os ísquios. Esta aproximação tem sido corrigida pelos criadores, através da seleção de animais com aprumos corretos;

A conformação extremamente desproporcionada que caracterizava a raça, com o terço anterior bastante desenvolvido, diminuiu ao longo dos anos, pois os animais começaram a ser explorados unicamente para a produção de carne permitindo obter melhores conformações e, consequentemente, melhores rendimentos de carcaça e de desmancha. A alteração dos objetivos de produção, introduziu também alterações no regime alimentar, bem como, em todo o maneio produtivo.

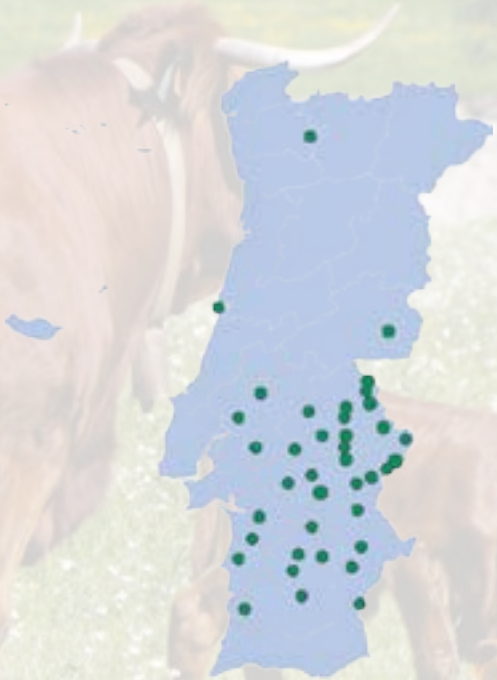
Área de dispersão dos criadores



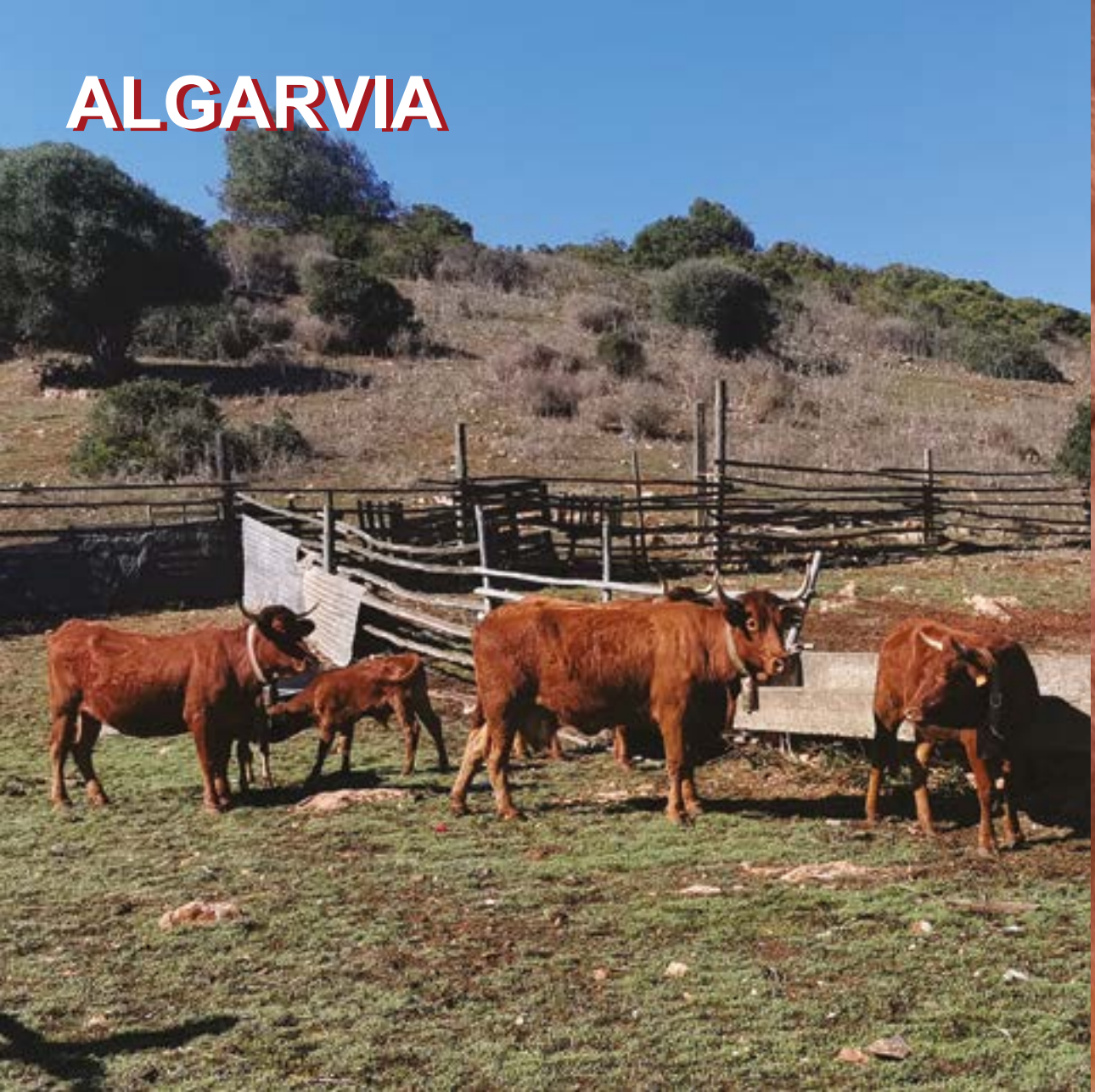





No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 200 machos e 8362 fêmeas em linha pura em 133 criadores.



ALGARVIA



História e Evolução

Rosado *et al.*, (1981), referem uma transformação na bovinicultura ligada à raça Algarvia, nomeadamente os cruzamentos efetuados com outras raças como Limousine e Charolês. Estes animais cruzados denominam-se “Chamuscos”. O aumento do rendimento da exploração bovina, através da produção de carne, e a comodidade de alimentar os animais sobretudo com concentrado e palha, levou a que os criadores de bovinos Algarvios se limitassem, à produção de produtos cruzados de modo a terem um crescimento mais rápido dos animais, com uma conformação corporal que lhes dava garantias de obterem carcaças com melhores peças de qualidade, e que como tal eram mais valorizadas.

Alguns autores consideram-na como uma sub-raça. Paula Nogueira (Andrade, 1952), incluiu-a na raça Transtagana, considerada como pertencente ao tronco Aquitânico.

No Relatório Nacional sobre o Estado dos Recursos Genéticos Animais em Portugal, em junho 2004, a raça foi considerada como sendo uma das três extintas no século XX em Portugal. No ano de 2005 foi iniciado um projeto de recuperação da raça Algarvia, que referenciou à data, a população Algarvia com 43 fêmeas e 4 machos e com variabilidade morfológica, caraterizando e representando uma população geneticamente diferenciada de outras raças bovinas autóctones da região Sul.

No passado a área de exploração da raça Algarvia encontrava-se perfeitamente definida por uma linha que partindo de Aljezur, contornava a zona do seu planalto, seguia o limite do Barrocal até Portimão, infletia para o norte até Monchique, circundava ao largo as alturas de Foia e da Picota, regressando ao Barrocal, e indo até ao concelho de Castro Marim, para aí se espraiar ao longo dos seus sapais e margem direita do Guadiana (Rosado *et al.*,1981). Além destas zonas consideradas como principal região-solar da raça, por todo o Algarve se fazia a sua exploração, dependendo fundamentalmente das flutuações do mercado.

Características e aptidões

√ Principalmente de trabalho √ Aptidão de carne √ Boa capacidade leiteira

Padrão da Raça

Pele e pelagem - Pelagem uniforme de cor vermelha ou castanha e pelos curtos;

Cabeça - Grande, de forma acentuadamente piramidal, fronte ampla com protuberância frontal pouco proeminente, órbitas bem afastadas, faces compridas, chanfro estreito e perfil ligeiramente convexo; cornos geralmente pouco desenvolvidos, de coloração clara e não uniforme sendo que nascem lateralmente e para trás, crescendo de forma mais ou menos espiralada ao dirigirem-se para os lados;

Pescoço - Largo e robusto, bem ligado e provido de uma ampla e solta barbela, esta começando logo atrás do mento e que se alarga até ao terço superior do pescoço, onde se estrangula ligeiramente, para se prolongar numa ampla prega até quase a meio do esterno, sem chegar ao nível do joelho;

Tronco - Peito pouco profundo, costado arredondado e amplo, espádua bastante desenvolvida, garrote pouco saliente e largo, dorso e lombo largos, compridos e bem musculados com linha dorso-lombar um pouco enselada, garupa comprida e um pouco descaída, ampla e arredondada;

Úbere - Bem desenvolvido. Malhado de branco com inserção reta;

Membros - Curtos, fortes, não muito grossos. Com pelos interpolados, sendo os membros traseiros mais escuros interpolados até ao curvilhão, unhas escuras;

Cauda - Bastante grossa logo na raiz, quase sempre de alta inserção; comprida com pelos mais claros interpolados.

Sistemas de exploração

Os bovinos da raça Algarvia são sobretudo explorados em regime extensivo de pastoreio contínuo de vegetação espontânea. São animais que apresentam características de elevada rusticidade e que se adaptam bem a áreas geográficas com solos pobres, enquadrando-se em sistemas de produção de baixo impacto ambiental.

Área de dispersão dos criadores



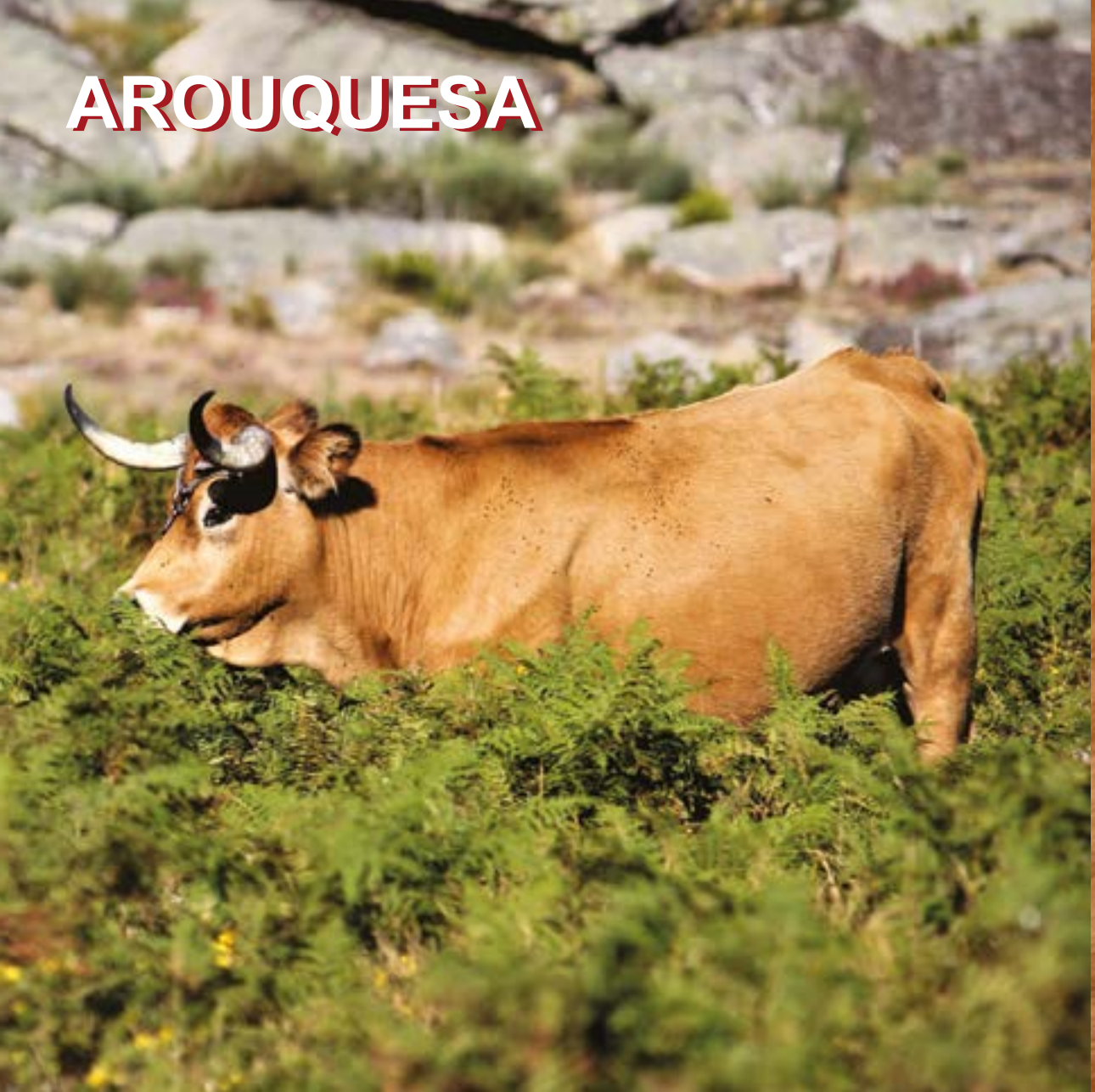





No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 2 machos e 2 fêmeas em linha pura em 3 criadores.



AROUQUESA



História e Evolução

A raça bovina Arouquesa define-se como uma raça local de montanha, uma vez que permanece praticamente circunscrita às encostas montanhosas entre os vales do Vouga ao Douro, região onde teve origem e onde continua a ser explorada pelos seus criadores.

Dotada de uma elevada rusticidade, vive perfeitamente adaptada a um clima austero e aos poucos recursos dos solos pobres que caracterizam a montanha desta região. São animais com boa capacidade dinamófora, produzindo carne de invejável valor gastronómico. São fundamentais nos trabalhos agrícolas, pois reúnem à sua robustez física, a paciência e uma forte capacidade de tração. As suas excecionais qualidades maternais complementam-se pela capacidade de produzir leite de excelente qualidade. O nome oficial da raça poderá estar ligado ao bovino Auroque, hoje extinto, embora alguns autores o relacionem à toponímia de Arouca. A raça no passado estava subdividida em vários ecotipos ligados à região onde eram explorados: Sulanos (S. Pedro do Sul), Paivotos (margens do Rio Paiva), Caramuleiros (Serra do Caramulo), Canaveses, (Marco de Canaveses e Baião), sendo ainda hoje utilizado por alguns criadores também a denominação de Serrano.

No fim do século XIX o solar da Raça Arouquesa, segundo a descrição de Silvestre Bernardo Lima (1919), “estende-se em toda a região da Beira que, partindo das alturas de Lamego e endireitando ao Caramulo, se compreende principalmente entre o Douro e o Vouga, fora da beira-mar”. A sua influência atingia, a norte, do rio Ave às abas do Marão. A sul, chegavam à Guarda e desciam pelo vale do Mondego até Coimbra, na parte ocidental deste distrito, entre o Mondego e o Zêzere. Daqui, dispersavam-se até à confluência com o Tejo, onde apareciam nalguns concelhos de Castelo Branco, Leiria e Santarém (Machado et al., 1981).

A região geográfica onde existe o maior número de bovinos da raça arouquesa são os concelhos de Cinfães, Castro Daire, S. Pedro do Sul, Arouca, Vale de Cambra, Resende e Castelo de Paiva a sul do rio Douro e Baião, Amarante e Marco de Canaveses a norte do mesmo rio.

No maneio do gado Arouquês, podem referir-se raros sistemas comunitários de pastoreio, pastoreio em baldios e ainda sistemas de estabulação permanente, estabulação invernal e semi-extensivo (apenas pernoitam no estábulo). Na sua adaptabilidade e rusticidade, o animal desta raça, conforma-se com os parcos recursos forraginosos da região, aproveitando as ervas espontâneas que medram no monte frequentemente agreste onde aproveita alimentos grosseiros como seja os rebentos do tojo, carqueja, giesta, carvalho, etc.

Padrão da Raça

Aspeto Geral - Raça braquicéfala, sub-côncava a côncava, eumétrica, mediolínea e de tipo constitucional fino, de andamentos leves e expressão dócil mas viva; animais de pequeno porte a mediano, possuindo esqueleto regular coberto com boa musculatura, de formas harmoniosas, roliças não deixando de ser varudas;

Pele e Pelagem - Grossa, elástica, bem destacada e repregada no pescoço e tórax revestida de pelos curtos e grossos, acamados e luzidios, exceto no inverno em que por vezes se apresentam compridos e ásperos. A pigmentação é geralmente escura na pele que envolve as aberturas naturais (mucosas); De cor castanha com vários tons, desde o "claro-palha" até ao castanho propriamente dito (acerejada e avermelhada). À volta das orelhas e dos olhos os pelos são mais escuros. A cor da pelagem esbate-se na face interna dos membros, no úbere e em torno do focinho e dos olhos em alguns exemplares;

Cabeça - Grossa, curta, com protuberância frontal pouco pronunciada. A fronte é larga, ligeiramente deprimida no centro, com perfil sub-côncavo e a marrafa é curta ou ausente. Os cornos de tamanho médio, grossos na base e de secção elíptica, claros nas duas primeiras terças partes e de pitons escuros; têm inserção no prolongamento do eixo da marrafa (saída ortocera) e são em forma de lira baixa. A fenda palpebral é ligeiramente oblíqua e os olhos são grandes, bem aflorados e circundados por pestanas e pálpebras escuras. As orelhas têm inserção alta, horizontais e de tamanho regular, providas de pelos mais compridos internamente que podem ser mais escuros nos bordos. As faces são triangulares, curtas e ligeiramente deprimidas na ligação com os ossos nasais. O chanfro é geralmente rectilíneo ou sub-côncavo, curto, algo deprimido nas suturas maxilo-nasais. O focinho é escuro de lábios grossos e marginado por orla de pelos mais claros até às comissuras labiais. As ganachas são convexas e bem afastadas formando uma fauce espaçosa;

Pescoço - Curto, grosso e bem ligado com a cabeça e as espáduas, com o bordo superior direito e horizontal e o inferior moderadamente embarbelado. A barbela, nascida logo atrás do lábio inferior é pouco desenvolvida até à parte média, aumentando progressivamente até ao peito, onde forma algumas pregas;

Tronco - Médio e harmónico, de cernelha pouco saliente, larga e de reduzida proeminência, costados bem arqueados, com dorso largo que se prolonga por um lombo robusto formando uma linha dorso-lombar direita ou levemente enselada. Peito largo e carnudo, espáduas bem musculadas e ventre um pouco volumoso. A prega do prepúcio é bem desenvolvida;

Garupa - Comprida, de ancas salientes e bem musculadas, as nádegas são de mediano comprimento e não muito convexas. A cauda é comprida, de inserção média e regularmente encabelada;

Membros - Curtos, grossos e bem aprumados, providos de largas articulações e terminados por cascos negros, rijos e debruados em cima por pequena orla de pelos.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 134 machos e 3680 fêmeas em linha pura em 3315 criadores.




BARROSÃ

História e Evolução

Alguns autores referem a existência, no Norte de África (Vale do Nilo), de animais com características morfológicas semelhantes à atual raça Barrosã, em especial no que se refere à forma, tamanho e espessura dos cornos. Estes animais são normalmente associados à designação subespecífica *Bos primigenius opisthonomus* (embora também se refira como *Bos primigenius mauritanicus* e como *Bos tauros desertorum*), e terá chegado à Península Ibérica através de várias rotas migratórias dos povos norte-africanos. A raça Barrosã poderia, assim ser incluída no tronco mauritânico, tendo como ancestral *Bos primigenius mauritanicus (Garcia et al., 1981)*. Aquele tronco foi descoberto por Thomas na região quaternária do Norte de África, sendo o ancestral paleontológico dos tipos côncavos brevilíneos denominado por *Bos primigenius mauritanicus* e descrito da seguinte forma: «a nuca era côncava ou pouco saliente; os olhos muito salientes; os cornos compridos e possantes eram situados no cimo da cabeça dirigiam-se primeiro para cima e para o lado, recurvando-se para diante, virando as pontas para dentro e para baixo». Neste contexto, poderá admitir-se que o gado que corresponde a este grupo se tenha instalado na Península Ibérica, provavelmente durante a longa ocupação Moura. Posteriormente, a raça Barrosã terá sido desalojada pelos troncos ibérico e aquitânico, restando apenas um núcleo populacional confinado às zonas planálticas do Barroso, onde permaneceu até hoje (Garcia, 1964).

A raça Barrosã apresenta aspetos morfológicos e histórico-evolutivos muito peculiares, sendo ainda hoje difícil proceder ao seu enquadramento no seio das restantes raças bovinas ibéricas.

Presente no Noroeste de Portugal desde tempos imemoriais, a raça Barrosã é o resultado de séculos de seleção e adaptação a que foi sujeita, tanto pelo ambiente agreste que caracteriza esta zona, como pelos usos e costumes dos povos que aí habitam.

Considerada a mais bela de entre todas as raças bovinas e sendo quase consensual igual classificação relativamente à carne que produz, não admira que seja hoje, e cada vez mais, explorada principalmente nesta vertente através da Denominação de Origem Protegida (DOP) “Carne Barrosã”.

O papel da raça Barrosã é de primordial importância, para o meio rural, principalmente nas zonas de meia-encosta e de montanha, pois só com a utilização de animais completamente adaptados ao meio envolvente se conseguem trabalhar as pequenas parcelas e socalcos, obter os fertilizantes naturais para adubação dos solos pobres e valorizar os parcos recursos alimentares disponíveis (carqueja e tojo).

Ao proporcionar um produto de qualidade, seguro e de alto valor económico, é a base para o aumento da rentabilidade das explorações agrícolas, preservando o ambiente e a paisagem, uma vez que está assente num sistema de produção extensivo que aproveita os parcos recursos forrageiros de zonas desfavorecidas ou de montanha, que de outra forma não seriam aproveitados.

Padrão da Raça

Aspeto Geral - Raça eumétrica, de perfil côncavo e brevilínea, de formas bastante harmoniosas, facilmente reconhecíveis pela sua armação córnea em lira alta, não deixando, no entanto de ter um temperamento muito dócil e um forte instinto maternal;

Pele e Pelagem - Pele bastante grossa mas macia, formando rugas, principalmente no pescoço. Nos animais adultos, são também aparentes rugas na região suprapalpebral. Pelos muito curtos e finos, observando-se pelos mais desenvolvidos no pavilhão auricular e na borla da cauda que é escura. As mucosas das aberturas naturais são escuras. Pelagem castanho-claro tendendo para o cor de palha ou para o acerejado, sendo esta tonalidade mais frequente no Minho. A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras, nunca atingindo o branco. Por vezes surgem manchas mais escuras na zona infra ou supra orbitária, em indivíduos mais fuscos. Geralmente observam-se pelos escuros no debrum das orelhas, na cutidura e na borla da cauda. As manchas da região facial vão-se tornando, por vezes, mais extensas e carregadas à medida que vai avançando o estado de gestação das vacas;

Cabeça - Curta e larga, encimada por forte cornamenta em lira. Fronte quadrada, deprimida ao centro, com pronunciada saliência da região orbitária. Chanfro direito, arredondado e pouco saliente, boca larga, de lábio superior desenvolvido, focinho negro, largo, um pouco grosso, tendendo para o arrebitado. A orla é mais clara sem atingir o branco. Conjunto ocular saliente. Abertura palpebral e pestanas escuras, por via de regra. As orelhas são de tamanho médio, orladas de pelos quase sempre escuros e providos interiormente de outros compridos. Chifres muito desenvolvidos em comprimento e em espessura, de cor branco-sujo, com pontas escuras. Secção aproximadamente elíptica;

Pescoço - Curto, bem ligado à cabeça e à espádua. Barbela muito desenvolvida, pendente sob a garganta, decota-se na origem do pescoço para depois cair largamente no peito, aproximando-se dos joelhos;

Tronco - Cernelha larga e pouco saliente com o costado bem arqueado e peito largo e descido. A região dorso-lombar é medianamente comprida; larga e horizontal; bem ligada à garupa, com ventre pouco volumoso. A garupa é horizontal, larga e comprida, por vezes mais larga do que comprida, com boa largura isquiática. As nádegas são largas, descidas, sub-convexas, com coxas regularmente largas e musculadas, tendo a cauda inserção média, terminada por regular borla de pelos, por regra escuros;

Membros - Membros de extremidades livres pouco desenvolvidas, bem aprumados, pouco ossudos, terminando por unhas escuras, rijas, pequenas e arredondadas;

Sistema mamário - Úbere de tamanho médio, bem proporcionado e com boa implantação, estando revestido de pelos mais claros espessos e compridos.

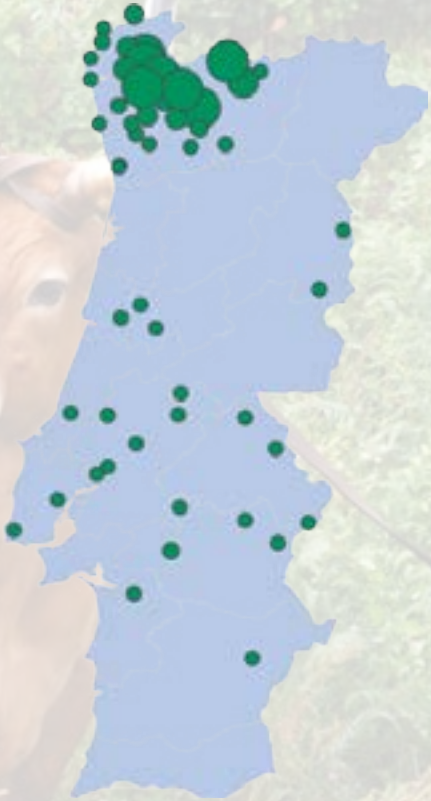
Esta raça possui como principais aptidões produtivas a inigualável carne de grande qualidade e a cada vez menos aproveitada capacidade dinamófora.

Área de dispersão dos criadores







No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 355 machos e 6775 fêmeas em linha pura em 1926 criadores.

BRAVA de LIDE



História e Evolução

A origem da raça Brava reporta ao toiro bravo *Bos taurus primigenius* – o *Uro* ou toiro selvagem do neolítico, o qual subsistiria até ao séc. XVI nalgumas regiões, sendo um dado adquirido que o abate do último exemplar ocorreu em 1630 na Polónia. Contudo, ao contrário das outras raças perpetuadas pelas suas tendências marcadamente gregárias e submissas, a raça Brava foi a única que se consubstanciou numa especialidade produtiva ligada a um caracter comportamental, ou seja, foi o cultivo da qualidade de agressividade, tendo como adjuvantes os acidentes externos do clima, vegetação e alimentação, que perpetuaram o bovino Bravo na Península Ibérica, originando uma série evolutiva resultante de diversos cruzamentos que vem a terminar no *Bos taurus ibericus*.

Assim, de todos os bovinos autóctones, qualquer que fosse o seu tronco filogenético, que registaram apreciáveis índices de agressividade e, apesar da intensa endogamia e até difusão quase exclusiva de uma ou duas castas, durante as últimas décadas, não foi suficiente para dissipar os diferentes caracteres étnicos que entraram heteromorficamente na sua formação. Num passado remoto estes animais fixaram-se em regiões de características rústicas e que aliavam a extensão despovoada e florestada – charnecas e serranias, à proximidade de água e pastagem abundante – lezírias e vales, procurando, a complementação da alimentação com o esconderijo que o seu estado selvagem exigia. Antes do século XIV, o bovino ibérico era objeto de montaria para treino guerreiro, diversão ou fonte alimentar.

Posteriormente, num presente já remoto, quando iniciado o desbravamento das terras de maior potencialidade, da simples caçada aos descendentes de *Uro* foi necessário recorrer a animais que, além de rústicos, tivessem capacidade estrutural para superarem as dificuldades do arroteamento, começando então as populações, a tomarem contacto mais direto com esses bovinos. As tralhoadas, frequentes ainda há poucas dezenas de anos, tiveram a sua origem em juntas desses animais, castrados e amansados, que aparelhavam às charruas na preparação dos solos e posteriores lavras.

Mas, como esta raça, durante essas atividades, apresentava frequentemente características de acometividade que permitia a diversão das gentes, foi sendo vulgarizada a realização, das operações de treino/maneio, em recintos fechados, surgindo então, o espetáculo tauromáquico como consequência da acometividade exibida. Permitindo a exaltação da destreza de alguns pelo seu cunho popular, esse espetáculo rapidamente se difundiu e aperfeiçoou, merecendo que os proprietários mantivessem a raça na sua região solar, não só para o trabalho, mas, também como fonte de rendimento através das características de bravura.

A raça Brava de Lide tem como área de exploração algumas regiões bem tipificadas, não só do Continente (Alentejo; Ribatejo e Oeste; Beira Interior e Beira Litoral) mas também dos Açores.

Padrão da Raça

Silhueta recortada e pele fina, com garupa e lombo desenvolvidos, de pouca barbela e ventre reduzido, de precocidade e rendimento de carcaça apreciáveis e ainda, o que é mais importante, grande bravura, nobreza e suavidade de investida, aspetos que nada têm a ver com as reses dos séculos passados. A morfologia da raça brava de lide é uniforme no essencial, mas consideravelmente variada noutros aspetos que fomentam uma diversidade étnica em função da sua procedência (encaste), já que a sua seleção é baseada em critérios de comportamento, ocorrendo cornamentas distintas, pelagens variadas, oscilações do perfil fronto-nasal, do tamanho, peso, precocidade, etc. Portanto, de acentuado dimorfismo sexual, elipsométrica, de grande desenvolvimento muscular e grande actividade dinamogénica. São animais de temperamento nervoso, de grande agressividade e nobreza de investida.

Aspeto Geral - De tamanho volumoso, com esqueleto fino, harmonioso e equilibrado. O peso dos adultos oscila entre os 500 kg no macho e os 280 kg na fêmea, valores médios;

Pele e pelagem - A pele apresenta um desenvolvimento variável, mas sempre menor que o das outras raças de exploração extensiva e as mucosas são geralmente de cor escura, mas havendo também exemplares de mucosas claras. Pelagem - a dominância e suas variedades, particularidades e sinais das pelagens dos bovinos bravos, constitui um conjunto também designado por pinta, capa ou pelame;

Cabeça - Tamanho médio e frente larga, perfil subconvexo ou reto, olhos oblíquos vivos de cor cinzenta azulada, bem implantados, cornos finos de inserção horizontal e secção elíptica, predominantemente em forma de gancho, orelhas pequenas e bem inseridas, de pelos compridos;no bordo superior;

Pescoço - Bem ligado, com barbela reduzida e muito musculado;

Tronco - Peito bem destacado, com o costado bem arqueado, cernelha pouco saliente e larga, dorso reto, horizontal, com boa ligação à garupa, bem desenvolvido e musculado, sendo o ventre pouco volumoso;

Garupa - Mais comprida que larga, com tendência para a horizontalidade, tendo a fêmea o úbere bem implantado, coberto de pelos largos e finos;

Cauda - Cauda fina e de inserção média;

Membros - Finos e aprumados, com articulações fortes, unhas lisas, rijas e bem unidas. Nádega bem descida e convexa, coxa forte e musculada;

Andamentos - Fáceis, enérgicos e corretos.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 475 machos e 5938 fêmeas em linha pura em 97 criadores.

CACHENA



História e Evolução

A pequena dimensão dos seus efetivos, aliada ao isolamento da região que ocupavam, mantiveram a raça Cachena no anonimato até às últimas décadas do século passado. A primeira referência a esta raça aparece em 1981, na monografia "Bovinos em Portugal", com edição da Direção Geral dos Serviços Veterinários, em que Garcia et al. (1981), mencionavam serem "…doze as freguesias serranas do Parque Nacional da Peneda-Gerês por ela abrangidas, possuindo aproximadamente 6.000 bovinos, dos quais cerca de 50% seriam animais ananicados, sem expressão étnica definida, existentes nas serras da Peneda e do Soajo e conhecidos como cachenos".

A raça Cachena, pelas suas caraterísticas e localização, deverá ter evoluído a partir dos mesmos animais que deram origem à raça Barrosã, que, ao longo dos últimos séculos, foram selecionados naturalmente para conseguir sobreviver em condições adversas de alimentação e clima. Nestas condições só sobreviveriam os animais mais rústicos, com menores necessidades alimentares, capazes de passar os rigorosos invernos na serra e sem necessidade de qualquer intervenção humana no processo reprodutivo. Assim, terá surgido uma raça de pequeno porte, resistente, de aspeto grosseiro e temperamento bravio.

Apesar desta possível origem comum, partilhando algumas semelhanças morfológicas com a raça Barrosã, possui características únicas que a distinguem das demais raças. Tem uma cabeça comprida, frente retangular e plana, perfil reto. Os cornos com secção cilíndrica saem lateralmente da cabeça para cima e para os lados tomando a forma de parafuso ou saca-rolhas, de reduzida estatura, ao contrário do Barrosão que tem secção elíptica dos cornos e em forma de lira.

Em 1994 foi iniciado o registo zootécnico desta raça, e em 1998, o Livro Genealógico da raça Cachena confere o reconhecimento oficial como raça autóctone. No final de 2010, o efetivo total da raça, quase ultrapassa as 2500 fêmeas e os 140 machos distribuídos por mais de 20 concelhos, com clara preponderância do solar da raça, os Arcos de Valdevez.

Atualmente, o efetivo total da raça é de cerca de 5869 fêmeas em linha pura e 257 machos, distribuídos por 10 distritos e 26 concelhos, mantendo-se, uma grande preponderância do distrito de viana do castelo, apesar do numeroso efetivo existente no Sul de Portugal (distritos de beja e évora).

O solar desta raça situa-se no Parque Nacional da Peneda-Gerês. Este estende-se desde Castro Laboreiro a poente, até ao extremo mais nascente do Gerês, isto é à denominada Serra da Mourela, entre Tourém e Covelães.

É considerada uma das raças domésticas portuguesas em risco de extinção, sendo também um dos bovinos mais pequenos do mundo, podendo a altura ao garrote ficar abaixo de 1,10 metros.

É uma raça de alta montanha, perfeitamente adaptada à sua região, com características de rusticidade dificilmente comparáveis em Portugal.

Padrão da Raça

Aspeto Geral - São bovinos muito pequenos, dos mais pequenos do Mundo, com uma índole bravia, que não esconde o modo de criação semisselvagem. Animais harmoniosos, de pequena estatura e extrema rusticidade;

Pele e pelagem - Pele grossa, mas macia. Pelos curtos e finos nas estações estivais, observando-se pelos mais desenvolvidos no pavilhão auricular e na borla da cauda que é escura. No inverno estes animais ficam com uma pelagem grande e grosseira para se defenderem do frio. As mucosas das aberturas naturais são sempre escuras. A pelagem é castanho-claro, tendendo para o cor de palha ou acerejado. Há alguns anos atrás havia muitos destes animais com tonalidades de castanho muito mais escuro que durante os meses de verão, «abriam à cor», isto é, passavam de castanho pezenho a castanho aberto. A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são geralmente mais claras nunca atingindo o branco. Nos touros reprodutores o terço anterior é geralmente mais escuro;

Cabeça - Comprida, de perfil reto, em que o comprimento desta é superior ao dobro da largura entre as arcadas orbitárias. Chanfro reto, arredondado e pouco saliente, de boca larga, de lábio superior desenvolvido, focinho negro, largo um pouco grosso. A orla do focinho é sempre mais clara sem nunca atingir o branco. Conjunto ocular pouco saliente. Abertura palpebral e pestanas sempre escuras. Orelhas de tamanho médio, orladas de pelos quase sempre escuros e providas interiormente de outros mais compridos. Chifres muito desenvolvidos, com secção circular, que saem para cima e para os lados tomando a forma de parafuso ou saca-rolhas;

Pescoço - Curto, bem ligado à cabeça e à espádua, barbela bem desenvolvida;

Tronco - Cernelha pouco saliente, com costado arqueado e o peito medianamente largo e descido. A região dorso-lombar é curta, estreita e horizontal; bem ligada à garupa com ventre volumoso. A garupa é comprida e descaída, com pequena largura isquiática. As nádegas são mal musculadas e pouco desenvolvidas, tendo a cauda inserção alta terminando por uma borla de pelos escuros;

Membros - Membros de extremidades livres pouco desenvolvidas, mal aprumados, terminando com unhas escuras, pequenas e arredondadas;

Sistema mamário - Úbere pouco desenvolvido, bem proporcionado e com boa implantação, estando revestido de pelos mais claros espessos e compridos;

As vacas Cachenas são boas criadeiras, com forte instinto maternal, em que sobressaem, apesar da dimensão, os úberes bem desenhados.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 257 machos e 5869 fêmeas em linha pura em 662 criadores.



Foto da Capa: Peter von Burg

GARVONESA



História e Evolução

Os bovinos garvoneses num passado mais remoto predominavam nas zonas de transição entre as planícies do Sul, os territórios da raça Alentejana e as serras a que correspondia o solar da raça Algarvia. Embora estas três raças sejam consideradas no tronco *Bos taurus aquitanicus*, a distância genética demonstrada entre a Alentejana e a Garvonesa sugere o isolamento destes grupos e as influências dos vários habitats. Hoje, os rebanhos de raça garvonesa distribuem-se principalmente pelos concelhos de Santiago do Cacém, Odemira, Ourique e Castro Verde, Almodôver, Barrancos, Vila Nova de S. Bento e Alcáçovas.

Desde há muito que a raça Garvonesa é referenciada nas muitas contribuições para o conhecimento dos bovinos portugueses. Tendo o seu nome associado à feira de Garvão, a designação antiga de “mestiço Garvonês” terá caído em desuso mas as de “gado chamusco” ou “gado farrusco” são ainda ocasionalmente utilizadas pela associação com os tons muito escuros da pelagem, com uma distribuição no corpo tão característica.

A rusticidade dos bovinos garvoneses, demonstrada na sua adaptação a condições adversas do clima, da muito variável disponibilidade e qualidade de alimentos, justificou a sua preferência para os trabalhos no campo em que a força de tração e bom temperamento eram essenciais.

Com a expansão da mecanização, o interesse pela raça Garvonesa foi decrescendo em favor de outras com maior aptidão para a produção de carne.

Ainda com um censo actual que a enquadra no grupo de raças muito ameaçadas, os esforços conjuntos da Associação de Agricultores do Campo Branco e do Parque Natural do sudoeste Alentejano e da Costa Vicentina iniciados em 1994 e orientados para a conservação, têm vindo a resultar num aumento gradual dos efetivos de bovinos garvoneses sobretudo por criadores sensíveis à necessidade de preservação de um património genético singular. Reconhecido este mérito, o número de animais é ainda insuficiente para o desenvolvimento de um programa de melhoramento, um objetivo ainda distante mas que tornará possível aumentar a competitividade produtiva desta raça, tão necessária para assegurar a sua continuidade.

Padrão da Raça

Aspeto Geral - Animais de tipo eumétrico de perfil convexo e longilínea;

Pele e pelagem - Na fêmea: Pelagem castanho avermelhado, apresentando o dorso mais claro; chanfro preto, cernelha preta, extremidades dos membros e da cauda pretas; focinho e contorno das aberturas naturais e mucosas de cor clara; No macho: Cor preta dominante em todo o corpo; dorso mais claro e avermelhado; focinho e contorno das aberturas naturais e mucosas de cor clara;

Cabeça - De tamanho mediano, fronte de largura média; perfil retilíneo, sub-convexo e convexo; olhos oblíquos e bem implantados; orelhas bem inseridas, horizontais e providas de pelos compridos na face interna. Cornos de tamanho regular, brancos, escurecidos nas pontas, saem do crânio no prolongamento da marrafa, dirigem-se para trás e ligeiramente para baixo, encurvando-se depois para a frente e para cima, pontas curvadas para trás. Marrafa arredondada e pouco saliente, coberta de pelos compridos, lisos e de cor preta;

Pescoço - Curto e mais espesso nos machos, barbela medianamente desenvolvida. Cernelha de largura média e pouco saliente. Peito relativamente destacado. Costado bem arqueado. Região dorso-lombar comprida e arredondada, levemente côncava, regularmente musculada e com boa ligação à garupa;

Garupa - Alta, mais comprida do que larga, regularmente musculada. Ventre não muito volumoso. Nádega relativamente descida, retilínea e sub-convexa. Coxa regularmente larga, com massas musculares pouco profundas;

Cauda - Fina e de inserção alta;

Membros - De grossura média, aprumados e bem musculados, providos de unhas lisas;

Úbere - Bem implantado.

Sistemas de exploração

A exploração da raça Garvonesa como animal de trabalho há já longos anos que deixou de ser uma realidade tendo sido um dos motivos que conduziu à sua quase extinção. Atualmente, embora o sistema de exploração seja extensivo e com base no pastoreio de recursos naturais, a maioria dos criadores recorre a pastagens semeadas e à suplementação dos efetivos com fenos, cereais e alimentos concentrados nas épocas de maior escassez de pastos.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 22 machos e 585 fêmeas em linha pura em 16 criadores.


JARMELISTA

História e Evolução

No arrolamento do gado de 1870 dizia-se: "… a raça Jarmelista acha-se localizada no antigo concelho do Jarmelo, que hoje faz parte do da Guarda…Esta raça é sem contestação não só a melhor do distrito mas talvez a do país e atrevo-me mesmo a dizer que pode rivalizar a vários respeitos com muitas raças estrangeiras". E prosseguia : "… não julgue V. Excelência que exagero as boas qualidades destes animais…ainda hoje existem bastantes indivíduos puros como sendo reservatório da raça, que não lhes acudindo em breve desaparecerá…"

Mais tarde, em 1904 João Tierno afirmava "A ganadaria vacum do Jarmello tão pouco corresponde a qualquer forma intermédia; afigura-se-nos, como logo se dirá, que não é uma sub-raça, mas um verdadeiro grupo ethnico independente…". Afirmava ainda este autor "…O professor Bernardo de Lima, nos seus belos estudos sobre raças bovinas portuguesas, apresentou ao de leve a hypothese, sem todavia a garantir, de ser este agrupamento uma variedade mirandesa; a mera suposição do mestre tornou-se como afirmativa terminante, e daí proveio esse erro vulgar, justamente combatido pelos que de perto, e não por outro, conhecem a morfologia e os caracteres physiologicos das reses jarmellas".

Em 50 anos a raça sofreu um profundo declínio como se deduz das afirmações de Manuel Virgílio Coelho (1954), acerca da extinta raça Jarmelista: "Não há dúvida de que a raça Jarmelista tinha carateres morfológicos bem distintos como tinha predicados inigualáveis por outra raça qualquer mesmo dentro da mesma região".

Certo é que a persistência e não desistência das gentes da região (Acriguarda e Criadores) levou a um levantamento dos animais existentes que apresentavam caraterísticas morfológicas distintas e caracterizadoras da Vaca Jarmelista.

Em 2006 foi realizado um estudo de caraterização morfológica para a Raça (*Sobral et al.*, 2006) foram utilizados 185 carateres morfológicos para as fêmeas e 170 carateres para os machos recorrendo aos métodos de análise de dados/taxonomia numérica. Os resultados obtidos neste estudo, foram analisados em conjunto com resultados anteriormente obtidos em todas as raças autóctones bovinas de Portugal.

Simultaneamente com a recolha e registo dos dados morfológicos, foi efetuada a recolha de sangue, pelos e sémen e ainda a filmagem e fotografia de todos os animais identificados como Jarmelistas para análise ao ADN.

Com base nos dados morfológicos, utilizando técnica de análise de taxonomia numérica, a raça Jarmelista apresentou resultados que mostram claramente que os machos e as fêmeas estudadas constituem um grupo distinto e independente de todas as raças autóctones já reconhecidas.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Bovinos compridos de estatura grande, com linha dorso-lombar horizontal podendo por vezes apresentar-se ligeiramente selada, de esqueleto fino, formando no seu todo um conjunto harmonioso;

Pele e pelagem - Cor amarela clara com extremidades mais escuras. O contorno das aberturas naturais e mucosas são geralmente de cor clara. Os machos, são normalmente de cor mais escura;

Cabeça - Tamanho mediano, com perfil sub-côncavo a reto e chanfro médio a comprido e de pelagem mais clara interpolada com pelos escuros. A marrafa é abundante com pelos compridos e claros; focinho descaído e largo de coloração escura; olhos médios a oblíquos com zona orbital clara ou sem zona orbitral; orelhas médias/grandes com pelos compridos e claros na face interna; cornos médios de cor clara, escuros na ponta de secção circular, que saem na horizontal para a frente e para cima, por vezes podem virar ligeiramente para fora;

Pescoço - Curto, apresentando barbela, de cor por vezes mais escura que o tronco;

Tronco - Linha dorso-lombar horizontal podendo por vezes apresentar-se ligeiramente selada;

Cernelha - Larga, apresentando-se saliente nos machos;

Garupa - Relativamente inclinada e a cauda tem uma inserção alta, apresentando pelos mais escuros e uma borla encabelada e de cor mais clara;

Membros - Altos, apresentando pelagem de uma maneira geral mais clara;

Úbere - De cor clara, simétrico e bem desenvolvido, tem tetos malhados e veias salientes;

Andamentos - Fáceis, enérgicos e corretos;

Temperamento - Dócil, são animais muito rústicos, adaptando-se facilmente a condições ambientais adversas e a sistemas de exploração mais difíceis e pobres.

Sistemas de exploração

Os animais da raça Jarmelista são explorados numa região de montanha caracterizada por pastagens de altitude com condições climáticas de grandes amplitudes térmicas num sistema de exploração extensiva onde predomina o minifúndio, caracterizado pelo baixo número de animais por exploração.

São animais rústicos perfeitamente adaptados a todas as condições desfavoráveis características da região onde se inserem. Comparativamente com animais de outras raças, exploradas no mesmo sistema, eles demonstram maior resistência e robustez.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 25 machos e 193 fêmeas em linha pura em 25 criadores

MARINHOA



História e Evolução

É no final do século XIX e associado às marinhas da região costeira da Beira Litoral, que encontramos referências ao bovino Marinhão.

São as terras banhadas pelo estuário do rio Vouga, do Cértima e do Antuã, de singularidade ecológica e das mais férteis de Portugal, que se tornam o solar da Raça e onde o seu crescimento se faz ao ritmo da natureza, respeitando os seus ciclos biológicos.

Dadas as suas aptidões dinamóforas e a particularidade ecológica da zona lagunar do Baixo Vouga, impunha-se a existência de um animal possante, pernalteiro, cujos membros facilitassem as lavouras exigidas pela cultura do arroz, bem como na faina das gentes ligadas à ria e ao mar, quer na apanha do moliço quer na Arte Xávega, tão caraterísticas desta região.

O bovino Marinhão veio assim melhorar as condições de vida e de trabalho dessas populações, sendo este um fator de fixação das populações às suas aldeias.

Pelas suas caraterísticas únicas, de docilidade, fácil maneio e grande adaptabilidade, começaram a ser utilizados pelos agricultores em trabalhos agrícolas como nas sachas, na abertura de regos e nas semeaduras, mas também nos transportes e na rega com recurso à nora. Tornam-se assim indispensáveis nas fainas agrícolas de tão retalhada região, predominantemente de minifúndio.

A industrialização trouxe a mecanização, verificando-se um aumento do parque de alfaias agrícolas na região, consequentemente a secundarização do trabalho desenvolvido pelos animais Marinhões. Na mesma altura assiste-se a um incremento da produção leiteira, que aqui encontrou um ambiente propício à criação de uma bacia leiteira de importância relevante no todo nacional.

É assim que as explorações agrícolas se transformam em agro-pecuárias e as Marinhoas são progressivamente substituídas por animais de aptidão leiteira. É a sua forte ligação às gentes e ao meio que determinam a permanência de alguns exemplares na generalidade das explorações, como complemento económico para muitos agregados familiares, o que veio a contribuir para a preservação da raça Marinhoa.

Podem distinguir-se três sistemas de produção na raça Marinhoa. O mais tradicional e que representa a maior parte das explorações e dos efetivos, é o sistema de produção intensivo ao ar livre, estando os animais em pastagem alguns meses por ano, regressando ao estábulo diariamente ou quando as condicionantes climáticas o exigem.

A sua alimentação é feita à base de pastagens naturais ou semeadas, complementadas com cereais, palhas e algumas leguminosas.

Padrão da Raça

Cabeça - É relativamente comprida com fronte larga e sub-côncava e chanfro reto e comprido. Os cornos são de tamanho e grossura médios, em forma de gancho curto para os machos e maior nas fêmeas, de secção ligeiramente elíptica, brancos de pontas afogueadas. As arcadas orbitais são pouco salientes e de cor branca. A fenda palpebral é ligeiramente oblíqua. Os olhos são bem aflorados e pretos. As orelhas têm inserção alta, horizontais, de regular tamanho e providas, no interior, de pelos grossos e compridos e de cor castanha escura. As faces são compridas e triangulares. O focinho é pequeno e ligeiramente convexo nos bordos externos e de lábios grossos;

Pescoço - É curto, grosso nos machos, ligeiramente descaído, pouco embarbelado nas partes anterior e média, mas bastante sobre o peitoral;

Tronco - É largo, fundo e comprido, com um tórax bem desenvolvido, uma cernelha ligeiramente saliente e larga, costado alto mas pouco arqueado, dorso comprido e quase reto, zona lombar comprida, mas um tanto estreita. O peito é largo e carnudo. As espáduas são largas e bem musculadas e o ventre é de volume médio. A garupa é alta, de ancas salientes e bem musculadas, as nádegas são quase retas e regularmente desenvolvidas. A cauda é comprida, de inserção alta e regular;

Úbere - Regularmente conformado e desenvolvido, de tetos compridos, de forma cilíndrica e de coloração amarela-rosada mais clara do que a da pelagem;

Membros - Anteriores são altos e regularmente aprumados em oposição com o que se verifica com os posteriores no seu desenvolvimento e nos aprumos. As unhas são pretas ou castanhas escuras acinzentadas, compridas e de talões bem inseridos;

Pele - É grossa, elástica e bem destacada, os pelos são fortes e pouco macios. As mucosas das aberturas naturais são pretas;

Cor - É amarela, apresentado várias tonalidades consoante o animal e mesmo o estado fisiológico e a época do ano, pendendo, geralmente, para a cor de palha e, algumas vezes, para o acerejado. Na orla das orelhas, barbela, região periorbital e ponta da cauda, aparecem, muitas vezes, pelos castanhos bastante escuros ou mesmo pretos, Os machos apresentam, em geral, uma tonalidade mais escura;

Tamanho - São animais de grande porte, cuja altura à cernelha ronda os 135 cm, o comprimento do tronco muito próximo de 160 cm e peso médio nas fêmeas adultas de 600 a 700 kg e nos machos 900 a 1000 kg. A sua silhueta é retangular ou ligeiramente triangular de base anterior;

O Bovino Marinhão é um animal possante, possuí características únicas de docilidade, fácil maneio e grande adaptabilidade, desempenhando, ainda hoje, um importante papel socioeconómico na Região. Atualmente é explorada a sua aptidão cárnica, sendo a aptidão trabalho muito residual.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 91 machos e 884 fêmeas em linha pura em 280 criadores.

MARONESA



História e Evolução

A origem e a evolução da raça Maronesa, só recentemente, com os últimos avanços técnico-científicos principalmente na área da genética molecular, tem sido decifrada. Bernardo Lima (1919) atribuiu a origem do Maronês ao cruzamento entre duas raças a Barrosã e a Mirandesa. Atualmente, pelos resultados que se têm encontrado em vários trabalhos científicos pensa-se que a raça descende do *Bos primigenius*, que povoou a Península Ibérica quando do primeiro movimento dos bovinos em estado selvagem. Em finais da década de oitenta, com a constituição da Associação de Criadores do Maronês foi implementado o Registo Zootécnico e o seu reconhecimento oficial como raça. A evolução tecnológica diminui a procura destes animais de trabalho deixando assim, de existir a principal razão de preservação desta raça no seu enquadramento geográfico e socioeconómico. O desenvolvimento da sua segunda melhor aptidão, aptidão cárnica foi a estratégia adotada para a sua defesa e valorização.

A raça Maronesa é definida como uma raça local, primitiva, natural e de montanha. O seu nome oficial responde à toponímia da região mais conhecida, a Serra do Marão. Contudo, mais apropriado seria o nome de Alvanesa por ser na Serra do Alvão o seu verdadeiro solar.

Dentro da área de exploração é mais conhecida por Serrana, uma vez que sempre foi identificada como um animal criado nas terras de maior altitude. Fora dela, em zonas de expansão, assumiu o nome de "Penato", toponímia do principal centro de comercialização de então, o concelho de Ribeira de Pena, e ainda "gado carreiro", pela sua elevada aptidão para o trabalho.

A raça Maronesa é definida como uma raça local, uma vez que permaneceu praticamente circunscrita a uma única região; primitiva, já que conserva os principais carateres do tipo ancestral, o Uro ou Auroque Ibérico; natural, pela influência preponderante do meio ambiente na sua evolução; de montanha, devido à sua estatura média, esqueleto leve, unhas duras, movimentos fáceis e temperamento astuto; e rústica, pela sua perfeita adaptação ao meio ambiente.

O bovino Maronês é explorado num sistema complexo que tem na base, um intrincado conjunto de fatores agroecológicos; Assim, a dependência do animal das condições ambientais, isto é, das produções agrícolas que lhe servem de alimento, da estrutura fundiária minifundista e atomizada, da fisiografia e relevo declivoso, dos regimes mistos de propriedade, da heterogeneidade de aptidão do solo e da irregularidade climática, levaram à semiestabulação e a um regime alimentar de forma mista com domínio do pastoreio, no caso dos animais adultos, e à estabulação permanente com o consequente regime alimentar à manjedoura, para os animais jovens.

Padrão da Raça

Aspeto geral - A forma corporal é retangular nas fêmeas e nos machos jovens. Os machos adultos apresentam o terço anterior mais desenvolvido do que o posterior. A aparência é fina sem ser, contudo, frágil, uma vez que apresenta um forte caráter dinamoforo, nos tipos de montanha, e aparência mais robusta, nos tipos de planície;

Pele e pelagem - Pele é medianamente elástica e grossa revestida de pelos abundantes, grossos e lisos. As mucosas são pigmentadas. A cor é, na sua origem, preta com listão dorso-lombar avermelhado, embora, predominem na atualidade, fêmeas castanhas, com graus de tonalidade escura em função das regiões corporais (pescoço, espádua e barbela, ventre e terço posterior) devido à influência genética da raça Mirandesa;

Cabeça - Curta, seca e expressiva; ampla na porção craneal e larga na porção facial. A fronte é larga e com uma ligeira depressão central, mais evidenciada devido às protuberâncias orbitárias. A marrafa é abundante, de pelos curtos e lisos e de cor avermelhada. A inserção dos cornos é de tipo ortocero, isto é, saindo lateralmente na horizontal, para de seguida se dirigirem para a frente e para baixo, de tal forma que o tronco do corno fica paralelo ao chanfro. As pontas dirigem-se para cima e para fora. Os olhos são grandes e ligeiramente salientes. O chanfro é reto e o focinho é largo de cor preta e orlado de branco;

Pescoço - Nos machos, é medianamente musculado e de bordo superior convexo; nas fêmeas, é fino e direito. Para ambos os sexos, a barbela é bem desenvolvida, com pregas e de perfil contínuo desde o vértice do ângulo das entre ganachas até ao cilhadouro;

Tronco - Bem proporcionado, de cernelha ligeiramente saliente e linha dorso-lombar ligeiramente lordósica com a consequente elevação da região da cauda, principalmente nos animais adultos. O peito é medianamente largo, o tórax é profundo e as costelas bem arqueadas;

Garupa - Larga na região bi-ilíaca e muito estreita na bi-isquiática. O ventre é grande e os flancos são extensos;

Cauda - Normalmente de inserção alta, medianamente grossa, de secção circular e regulamente encabelada;

Membros - Os membros são de longitude média, de ossos finos e de estrutura anatómica perfeita. As unhas são pequenas, duras e pigmentadas. Os aprumos são corretos;

Sistema mamário - É regularmente desenvolvido com o úbere coberto de pelos grandes e finos. Os tetos são grossos e com um desenvolvimento normalmente assimétrico.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 146 machos e 3733 fêmeas em linha pura em 894 criadores


MERTOLENGA

História e Evolução

Para Bernardo Lima (1873) um “alentejano” pequeno, bem adaptado aos cerros de magras pastagens e duros carregos. Rijo para carrear e lavrar nas encostas e serras e produzindo o melhor boi de cabresto. Existindo no Baixo Alentejo, nas terras de Mértola, Alcoutim e Martinlongo.
Como boi de cabresto foi levado para o trato do gado de lide na região do Ribatejo. Para Teófilo Frazão, com o franqueamento da fronteira ao gado dos dois países ibéricos, por cerca de 1900, vieram entre eles, bovinos malhados que, já no país vizinho, tinham fama pela rusticidade e boa unha para a campanha do gado bravo. Umas reses ficaram na margem esquerda do Guadiana, outras foram para as feiras de Garvão e Aljustrel e daí para o Ribatejo. Com a necessidade de um animal enérgico para as zonas orizícolas do Tejo, Sado e Sorraia, uma vez que os bovinos da raça Alentejana, da raça Mirandesa e da raça Brava, por razão de índole não satisfaziam as exigências, aparece o fenótipo vermelho bragado da raça Mertolenga, está associado às terras de Coruche, nas primeiras décadas do século XX, com interferência de gado Charnequeiro flavo e Mertolengo malhado proveniente de Garvão, daí tendo alargado a sua área de dispersão para os vales dos outros rios (Frazão, 1961).





A utilização do Mertolengo original “alentejanado” e do Mertolengo importado “malhado do Baixo Guadiana”, a permanência da geneticamente forte cor branca, dando origem ao Mertolengo rosilho mil-flores (que veio completar a componente “ruão” da raça bovina Mertolenga) e que rapidamente, pela conjugação de vantagens parciais dos outros dois tipos, se expandiu pela região de Serpa e Évora, e teve como local de padronização racial a Herdade da Abóboda, devido ao esforço de vários entusiastas e conhecedores, dos quais destacamos o Dr. António José Borges Bettencourt, o Prof. Nuno Maria Villas Boas Potes e o Dr. Isaías Monteiro Vaz.

Características

√ Rusticidade √ Facilidade de parto √ Longevidade produtiva √ Boa capacidade maternal
√ Boa reprodutora para utilização como linha materna.

Padrão da Raça

Corpulência e conjunto de formas - Tamanho mediano e de formas harmoniosas, esqueleto fino;

Pelagem - Vermelha, Rosilho (Mil-Flores), Vermelha Malhada e Malhada de Vermelho. O contorno das aberturas naturais e mucosas de cor clara ou ligeiramente pigmentada. Não são inscrevíveis os animais que apresentem malhas brancas bem definidas na fronte e apresentem o espelho preto, sombreado escuro em volta dos olhos e manchas escuras na região vulvar;

Andamentos - Fáceis, enérgicos e correctos;

Temperamento - Nervoso;

Adaptabilidade - Muito rústico;

Cabeça - Tamanho mediano, de fronte larga; perfil sub-convexo ou recto; espelho claro por vezes ligeiramente pigmentado; olhos grandes, oblíquos e bem implantados; cornos finos, brancos, escuros na ponta, de secção elíptica, em forma de gancho, acabanados ou em lira baixa; orelhas bem inseridas e providas de pelos compridos;

Pescoço - Curto, bem ligado, com barbela pouco desenvolvida;

Cernelha - De largura média e pouco saliente;

Peito - Relativamente destacado. Costado - Bem arqueado;

Região dorso-lombar - Reta, horizontal, regularmente musculada e com boa ligação à garupa;

Garupa - Mais comprida que larga, regularmente musculada e com tendência para a horizontalidade;

Ventre - Não muito volumoso;

Nádega - Bem descida e convexa;

Coxa - Regularmente larga e musculada;

Cauda - Fina e de média inserção;

Úbere - Bem implantado;

Membros - Finos, bem proporcionados e musculados, aprumados, providos de unhas finas, rijas e sem malhas brancas junto às mesmas.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 207 machos e 8358 fêmeas em linha pura em 216 criadores.



Rosilho

Vermelho

Malhado Vermelho

Vermelho Malhado

MINHOTA



História e Evolução

A designação oficial da raça corresponde à toponímia da região tradicional de produção, o Entre Douro e Minho, na qual se insere o seu solar e onde se encontra a maior parte do efectivo da raça.

Ao longo da sua história a raça foi designada por “Minhota ou Galega”. No início do Registo Zootécnico a designação adoptada foi raça Galega, denominação que se manteve até 2002 e que ainda é comum entre grande parte dos criadores. A necessidade de distinção entre esta raça e a Rubia Gallega, obrigou à adopção do nome Minhota como designação oficial.

Em 1997 entrou em funcionamento o Registo Zootécnico / Livro Genealógico da raça Minhota, dando-se início às acções de caracterização e identificação dos animais correspondentes ao Padrão da Raça e às medidas de preservação e melhoramento da mesma. O esforço de preservação da raça foi reforçado em 2001 com o início da produção de sémen de touros minhotos e em 2002 com o reconhecimento do perigo de extinção e a possibilidade da candidatura dos criadores às Medidas Agroambientais.

Características e aptidões

Trata-se da única raça portuguesa de tripla aptidão (carne, leite e trabalho). A produção de leite e o trabalho, outrora muito importantes, são hoje residuais. Relativamente à produção de carne a Minhota destaca-se pelo seu elevado desempenho produtivo.

O principal produto é a vitela, ocorrendo a venda de animais para abate em média aos 6,2 ± 1,15 meses. 52,5 % dos abates de animais de raça Minhota resultam em carcaças de categoria V (idade menor que 8 meses), com um peso médio de carcaça de 149,6 ± 31,41 kg.

A produção de machos castrados, com grande tradição em algumas regiões, tem tendência a recuperar um lugar de destaque, pela maior valorização da carne, mas, sobretudo, pela exportação para Espanha, mercado que absorve grande parte da produção. Os animais são castrados entre os seis e os oito meses e atingem um enorme desenvolvimento, sendo normalmente abatidos depois dos três anos. As carcaças apresentam excelente conformação e a carne é de elevada tenrura.

Padrão da Raça

Pele e pelagem - A pele é espessa, pouco elástica, coberta de pêlos lisos, curtos, espessos e mais ou menos ásperos, em função da época do ano e do próprio sistema de exploração. A pelagem é flava, indo desde o vermelho claro até ao palha, com aberturas naturais almaradas;

Cabeça - A cabeça tem a fronte larga e ligeiramente convexa e o chanfro comprido e geralmente sub-convexo. Os cornos são de tamanho médio, com secção elíptica, de cor amarelada com as pontas afogueadas, saindo quase horizontalmente para os lados para descrever depois uma linha côncava para trás e, de seguida, voltando-se para diante. Nos morfotipos mais leiteiros encontram-se animais cujo último terço dos cornos é revirado para cima e para fora. Os olhos inserem-se superficialmente com as arcadas orbitais pouco salientes e as fendas palpebrais ligeiramente oblíquas. As orelhas são de inserção alta e de regular tamanho. As faces são compridas e triangulares. O focinho é pequeno e ligeiramente convexo nos bordos externos;

Pescoço - É curto e grosso nos machos, sendo mais fino e direito nas fêmeas, um pouco descaído e pouco embarbelado na parte anterior mas bastante sobre o peitoral;

Tronco e Garupa - Inicia-se com uma cernelha pouco saliente, com costados altos mas pouco arqueados, linha dorso-lombar quase recta, zona lombar longa e um pouco larga, peito largo, espáduas largas e bem musculadas, ventre um pouco volumoso, garupa bem conformada, sendo um pouco estreita na região bi-isquiática. As nádegas são quase retas mas bem desenvolvidas;

Cauda - Comprida, de inserção média, de secção circular e regularmente encabelada;

Membros - Finos, bem proporcionados e musculados, aprumados, com unhas finas, rijas e sem malhas brancas junto às mesmas;

Sistema mamário - Bem desenvolvido, com o úbere anterior bem inserido e o posterior de inserção baixa. Os tetos são grossos e de comprimento médio;

Corpulência - Média / elevada. Apresenta uma silhueta rectangular, com maior proeminência do terço anterior nos machos.

Área de dispersão dos criadores



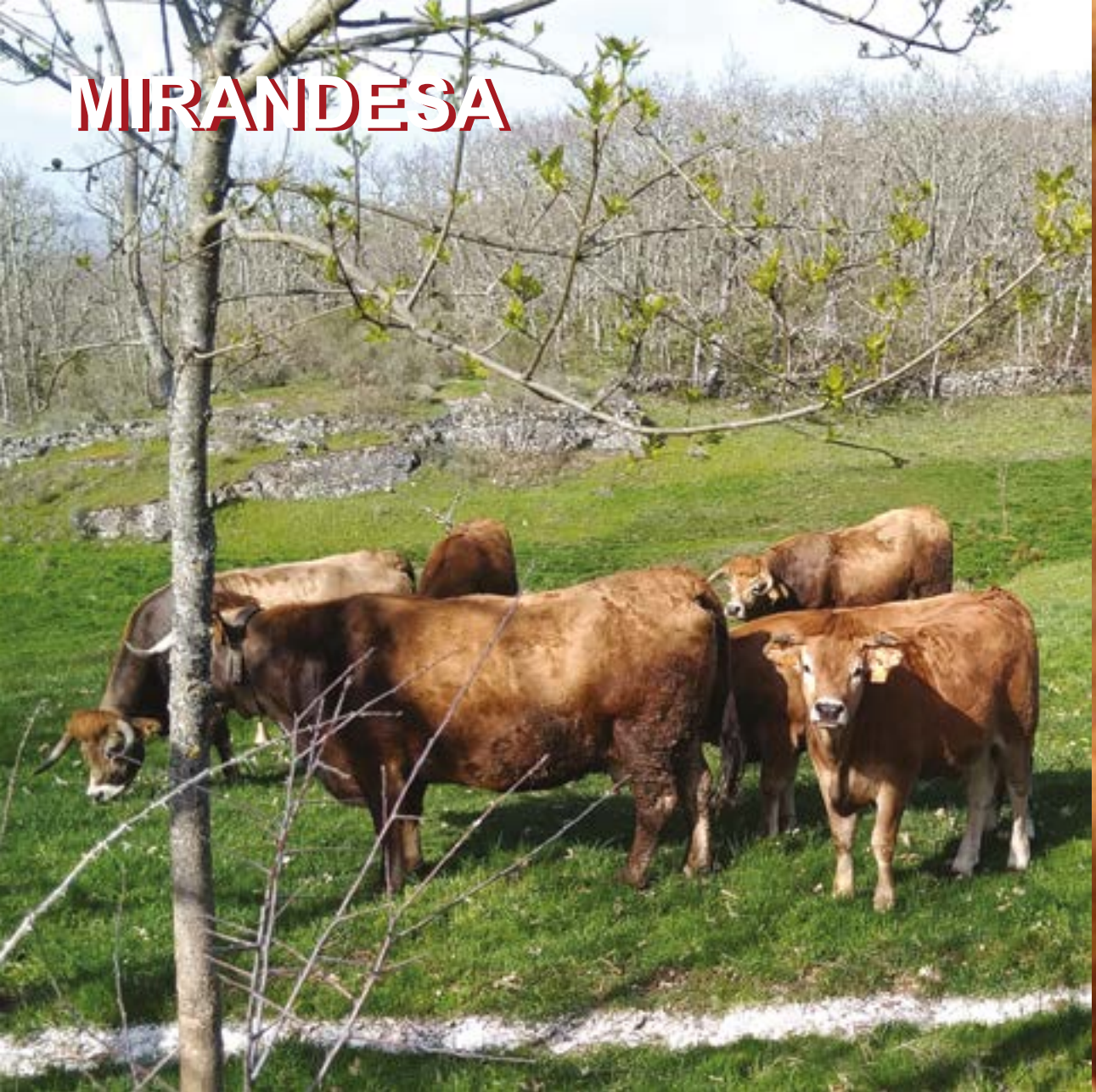







No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 164 machos e 5912 fêmeas em linha pura em 1721 criadores.

MIRANDESA



História e Evolução

O nome de “raça bovina Mirandesa” deve-se à toponímia de Miranda do Douro, ou Terras de Miranda, o centro de irradiação da raça para outras regiões.

Não está ainda clara a origem remota dos bovinos de raça Mirandesa, havendo autores que defendem ser um descendente direto do *Bos taurus primigenius*, outros que defendem como ancestral o *Bos taurus brachicerus* e outros ainda que advogam ser “a população de bovinos de raça mirandesa um núcleo fortemente heterogéneo quanto à sua origem, por resultar do cruzamento do tronco *Bos taurus brachicerus* com o tronco *Bos taurus primigenius*, podendo ainda hoje verificar-se esta diversidade feno-genotípica” (Pereira, 1976, citado por Sousa e García, 2009).

“A Mirandesa, e por afinidade genética a Arouquesa, pertenceriam ao tronco étnico Castanho Côncavo, formado a partir do *Bos taurus brachycerus*, desenvolvido na Europa Central, de onde se expande para a Península Ibérica já como domesticado” (Alves, 2004, citado por Sousa e García, 2009).

A morfologia do bovino Mirandês sofreu alterações, evoluindo ao longo do tempo. Algumas alterações foram indubitavelmente produto da adaptação natural ao meio, pela seleção natural, outras resultaram da seleção artificial feita pelos criadores, para satisfação de gostos próprios e sobretudo para obter animais correspondendo ao padrão convencional exigido pelo mercado.

Foi assim, e também partindo de uma variabilidade geno-fenotípica inicial, que no decurso do processo de expansão da raça, do solar para o resto do país, se chegou, nos séculos XIX e XX, a tipos morfológicos algo distintos, que alguns autores classificaram como sub-raças da Mirandesa: A Mirandesa propriamente dita, padrão selecionado nas Terras de Miranda, estaria mais ou menos confinada aos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso; a Bragancesa, mais escura de pelagem, mais encorpada e melhor produtora de leite, seria criada e explorada nos concelhos de Bragança e Vinhais; e por fim, a Beiroa, criada nas Províncias das Beiras e distritos circunvizinhos, que apresentaria uma cabeça mais comprida e estreita e uma pelagem mais clara, chegando a um amarelo-palha.

Devido essencialmente a dois fatores - mecanização da agricultura e introdução de raças exóticas de superiores desempenhos produtivos, a raça Mirandesa começou a regredir na década de 70 do século XX, em número e área de dispersão, ficando praticamente confinada, no início dos anos 90, a um pequeno núcleo, no seu solar.

A evolução recente da raça (de 1995 a 2012) é curiosa; por um lado foi diminuindo o efetivo na área do solar e aumentando fora do mesmo, sobretudo no Alentejo e Beiras; por outro lado, na década de 90 do século XX, não eram manifestos sinais morfológicos das sub-raças que terão existido, à exceção da pelagem mais escura da Bragancesa. Atualmente, passados menos de 20 anos, já nem essa peculiaridade é dada a observar.

Padrão da Raça

Aspeto Geral - Animais de corpulência grande (vacas – 500 kg; touros – 900 kg); os bovinos de raça Mirandesa são compridos, largos, bem musculados, de linha dorso-lombar quase horizontal, de terço posterior desenvolvido, de membros de comprimento mediano, formando no seu todo um conjunto harmónico;

Pele e pelagem - Linha dorso-lombar e marrafa loiras, dorso e lombo aloirados, que vão escurecendo progressivamente para as extremidades, atingindo nestas zonas, normalmente, a tonalidade preta. Os machos são mais escuros que as fêmeas e as crias são homogeneamente loiras;

Cabeça - Pequena, de perfil ligeiramente côncavo, nuca larga e proeminente; marrafa abundante e aloirada; fronte larga e deprimida entre as órbitas; olhos aflorados e rodeados por uma zona de pelos claros; chanfro curto e reto, de focinho largo, de coloração preta e com uma orla de pelos brancos; orelhas largas, horizontais, revestidas internamente de pelos compridos e claros (pelindrengues); cornos de cor esbranquiçada, enegrecidos na ponta, de comprimento médio, de secção circular, simétricos, pouco divergentes, ligeiramente inclinados para baixo na origem e revirados para cima na ponta;

Pescoço - Pescoço curto, forte e de barbela desenvolvida;

Tronco - Cernelha larga e um tanto saliente; dorso e lombo compridos e largos; garupa comprida, larga, aproximando-se da horizontal; cauda de média inserção, comprida, fina e bem tufada; tórax alto, largo e bem arqueado; ventre de regular desenvolvimento, úbere bem implantado e de boa conformação;

Membros - Bem aprumados; flanco bem descido; espádua comprida e larga; braço e antebraço fortes; coxa e nádega compridas, largas, bem musculadas e com perfis tendendo para a convexidade; extremidades fortes e com articulações largas, unhas rijas e de tamanho médio;

São animais de temperamento manso mas enérgico com andamentos fáceis, sem vacilação das ancas.

Sistemas de exploração

Coexistem hoje dois sistemas distintos de exploração da raça: o sistema de semi-estabulação tradicional e o sistema de exploração extensivo, este generalizado na região fora do solar e em cada vez maior número de explorações do solar da raça.

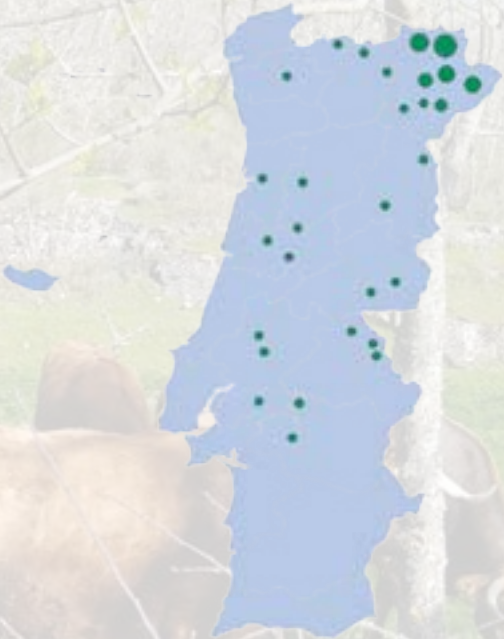
Longe vão os tempos em que vigorava apenas o sistema tradicional de semi-estabulação, em que os animais adultos “não trabalhados”, e os de trabalho, nas merecidas folgas, eram levados para os lameiros (ou cerrados, como se diz em Miranda) – uma vez por dia no inverno e duas vezes diárias no verão. As crias ficavam no estábulo. No sistema de exploração extensivo, único fora do solar, e em crescimento nos concelhos do Planalto Mirandês, os vitelos acompanham as mães, em pastoreio, até completarem a idade de 5 - 7 meses, sendo depois desmamados e engordados com recurso a fenos e cereais de colheita própria, triturados, ou concentrado aprovado pela entidade certificadora da Denominação de Origem Protegida (DOP) da Carne Mirandesa. As mães praticam o pastoreio permanente e são suplementadas com fenos de aveia ou de erva, apenas nos meses de inverno e durante o pico do verão.

Área de dispersão dos criadores







No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 305 machos e 4492 fêmeas em linha pura em 344 criadores.


PRETA

História e Evolução

A partir de meados do século XIX aparece inventariada uma população bovina sob a designação de "Gado Charnequeiro do Sul do Tejo", surgindo mais tarde outras duas designações de "Gado da Terra" e "Gado Preto".

No início do século passado os bovinos Pretos eram fundamentalmente utilizados para tração nas explorações agrícolas, dada a sua força física, a sua elevada capacidade para tolerar regimes alimentares desadequados e condições climáticas extremas. A sua aptidão para a produção de carne era praticamente desprezível, sendo no entanto considerável o seu contributo para a fertilização das terras.

A modernização dos sistemas agrícolas contribuiu significativamente para a diminuição do uso de animais da raça naquela que era a sua principal função, o trabalho dos solos, aspeto que viria a ser determinante para a redução drástica do seu efetivo.

No início da década de oitenta, a introdução no nosso país de raças exóticas provocou uma redução substancial da população de bovinos Pretos. Mantendo-se durante alguns anos a tendência de redução generalizada dos efetivos, a raça Preta chegou a ser considerada em vias de extinção. Contrariando esta evolução, a continuidade da existência de alguns rebanhos de "Pretas" ficou a dever-se a criadores que, por tradição ou por reconhecerem vantagens objetivas, mantiveram núcleos de fêmeas puras para renovação do efetivo reprodutor destinado à produção de cruzados.

Sistemas de exploração

A exploração dos bovinos de raça Preta está atualmente direcionada para a produção de carne, quase exclusivamente em regime extensivo. Dotados de uma enorme adaptabilidade e rusticidade, os animais desta raça são excelentes utilizadores de zonas desfavorecidas, sendo esta uma das caraterísticas que frequentemente é apontada pelos seus criadores como principal vantagem para a sua escolha.

A sua alimentação assenta sobretudo no pastoreio, nomeadamente de pastos naturais, em geral sob coberto de montado, restolhos de culturas cerealíferas, bolotas e produtos de desbaste dos montados.

Os bovinos da raça Preta têm evidenciado ao longo de várias gerações, uma excelente adaptabilidade ao meio e às condições adversas que dele fazem parte. Contudo, a rentabilização do seu sistema de produção, passa certamente pela implementação de boas práticas de maneio.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Corpulência e formas: são animais de grande corpulência, apresentando-se as vacas com 400 - 600 Kg e os touros com 700 - 1000 Kg. Os bovinos de raça Preta são compridos, largos, de linha superior horizontal, de terço superior bem desenvolvido, de membros fortes, formando no seu todo um conjunto harmónico;

Pele e pelagem - Tendendo para uniformemente negra, mas algumas vezes parda, ou tigrada, sendo estas últimas colorações de eliminar com o melhoramento futuro. As mucosas são sempre pigmentadas. Pele abundante, grossa e com pelo tupido mais ou menos comprido segundo a época do ano;

Cabeça - De tamanho médio, um pouco estreita. Perfil fronto nasal tendendo para o reto. Ligeira concavidade na fronte. Frente ampla e topete elevado. Cornos em gancho alto, crescendo no prolongamento um do outro lateralmente, para depois se elevarem a meio do seu comprimento para a frente e para cima;

Pescoço - Potente, musculoso, curto, grosso e com grande morrilho nos machos. Barbela abundante tendendo a reduzir-se por seleção;

Tronco - Tórax profundo e forte. Garrote elevado, comprido e cheio. Linha dorso-lombar musculada, horizontal ou com ligeira inclinação de trás para diante nas fêmeas e no sentido oposto nos machos. Abundam os dorsos afundados, devido aos defeitos de alto de garrote ou alto de pombinha;

Garupa - Comprida, com desenvolvimento evidente das massas musculares e moderada projeção dos ângulos ilíacos e isquiáticos. Cauda de nascimento alta, comprida, grossa e abundante borla de pelos no final, que nos machos chega a tocar no chão. Peito largo, costelas arqueadas, muito compridas, inclinadas para trás e de largos espaços intercostais. Tórax descido e profundo, em grau dificilmente superado por outros bovinos. Vazio amplo e com corda bem marcada. Ventre volumoso, proporcional ao desenvolvimento torácico;

Membros - De proporções médias, com ossos fortes e articulações poderosas. Braços curtos e antebraços compridos. Unhas fortes, duras, simétricas, unidas e sempre pigmentadas;

Sistema mamário - Sem exagerado desenvolvimento, úbere protegido por pelo sedoso, fino, untuoso, de cor preta ou preto-acastanhada, misturado com outros pelos mais grossos muito mais compridos e fortes e ainda mais negros, que em tempos de inatividade funcional ocultam os tetos;

Temperamento - Tendencialmente dócil.

Área de dispersão dos criadores



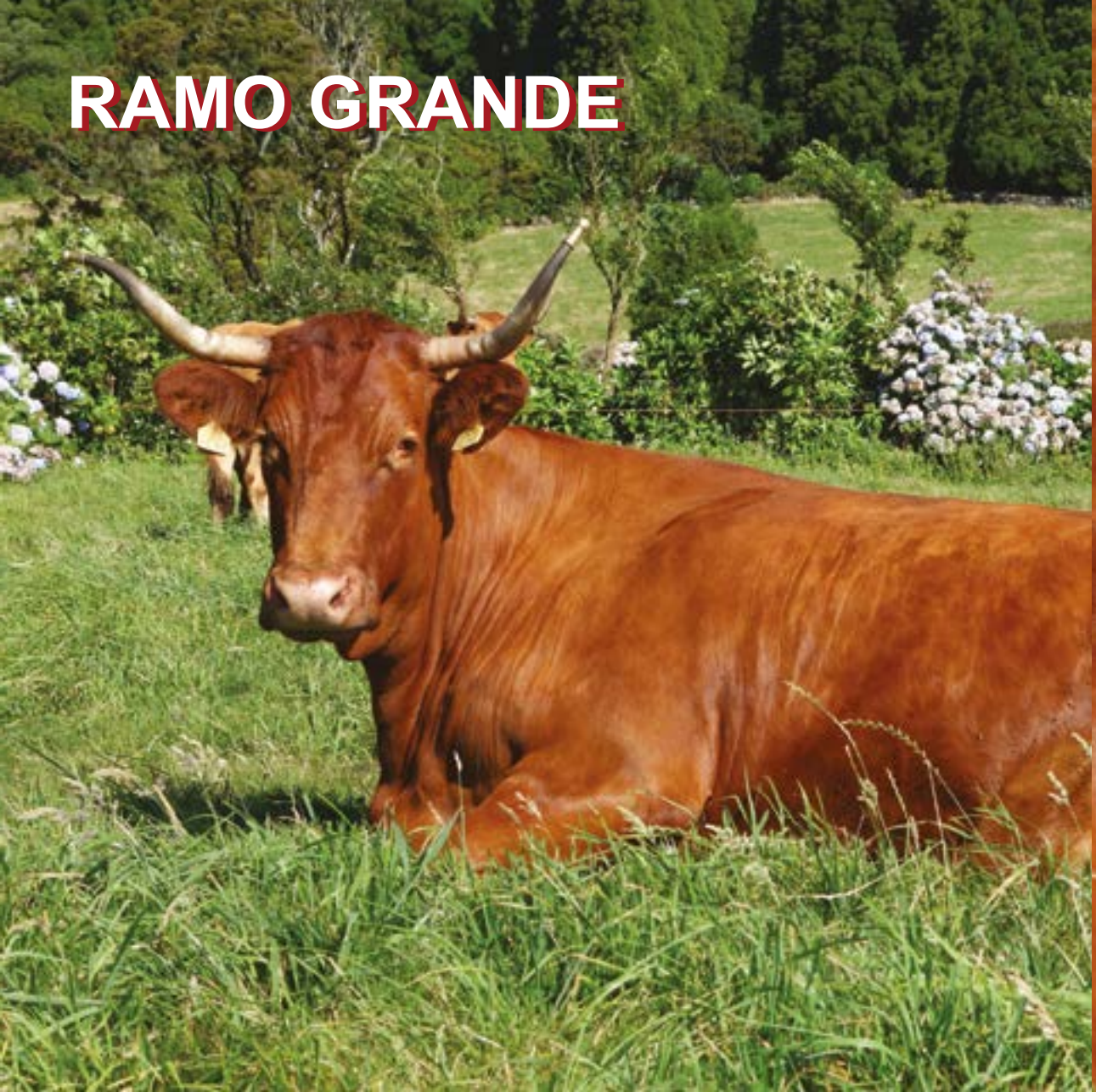







No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 70 machos e 1774 fêmeas em linha pura em 30 criadores.

RAMO GRANDE



História e Evolução

Com o povoamento do arquipélago dos Açores no século XV vieram bovinos de diversas regiões do Continente que, devido às caraterísticas insulares e ao isolamento geográfico, adquiriram especificidades próprias e deram mais tarde origem aos bovinos Ramo Grande. Os primeiros povoadores da ilha Terceira eram de origem Minhota e Algarvia e fizeram-se acompanhar de várias espécies pecuárias. Portanto, seria natural que os animais daí levados fossem os que existiam nessas regiões (Leitão et al., 1943). Quando os navegadores saíram de Sagres e conduziram esses animais e, mais tarde, quando levaram os primeiros povoadores, o Algarve era o centro de dispersão da então variedade algarvia da raça Alentejana, enquanto a região do Minho era um dos principais centros de expansão dos bovinos da raça Galega ou Minhota.

Segundo Medeiros (1978) as raças introduzidas nos Açores foram as nacionais, tais como a Alentejana, a Mirandesa, a Minhota e a Algarvia que sujeitas à insularidade deram origem a um tipo de bovino de pelagem avermelhada, que era designado pela “raça da terra” e que contribuíram para originar um núcleo de animais designado por “Ramo Grande”.

Em 1996 é instituído o Registo Zootécnico/Livro Genealógico da raça Ramo Grande, com vista a preservar o reduzido censo que existia. A gestão técnica do Livro está a cargo da Direção Regional da Agricultura da Secretaria Regional da Agricultura e Florestas do Governo dos Açores.

Caraterísticas e aptidões

Atendendo às condições naturais da Região Açores, o sistema de exploração do bovino Ramo Grande, caracteriza-se por um regime de pastoreio ao longo de todo o ano. O criador tem a preocupação de tentar fazer coincidir com os picos de erva na primavera, as necessidades dos animais, nomeadamente na fase da lactação. Assim, a época de parição das fêmeas está mais concentrada nos meses de fevereiro a maio.

Os bovinos Ramo Grande caracterizam-se pela sua corpulência e ótimas qualidades de trabalho, tendo sido tradicionalmente explorados como produtores de carne, leite e trabalho, isto é, com tripla aptidão. Os fatores que mais têm contribuído para o acréscimo de bovinos da raça, nos últimos anos, para além da utilização crescente da inseminação artificial e dos incentivos previstos nos pagamentos agroambientais, são o temperamento dócil e de fácil ensino e a participação assídua nos cortejos etnográficos e nas festas tradicionais açorianas.

√ Rusticidade √ Longevidade produtiva √ Boa capacidade maternal √ Docilidade

Padrão da Raça

Aspeto Geral - Estes bovinos caraterizam-se por apresentarem um esqueleto forte e articulações largas, além da sua enorme estatura. Sendo longilíneos, o terço anterior é mais desenvolvido que o posterior o que se coaduna com uma raça portadora de excecionais qualidades de trabalho;

Pele e pelagem - Nestes bovinos a cor da pelagem é o vermelho mais ou menos intenso, simples, ou, raras vezes, malhado em determinadas zonas específicas. A cor da pelagem dominante na ilha Terceira é a vermelha flava, enquanto que, para a ilha de São Jorge, verifica-se uma maior percentagem de pelagem vermelha cereja.

A coloração predominante das aberturas naturais é a almarada; a coloração escura existe numa percentagem pouco significativa de animais. No que respeita à cor das órbitas, a coloração clara também é a que predomina nas várias ilhas, apesar de a coloração escura apresentar valores ligeiramente superiores no caso da ilha de São Jorge;

Cabeça - Bem desenvolvida, marrafa pouco farta e assente numa protuberância frontal pouco saliente. O perfil é predominantemente convexo, caracterizado por uma protuberância frontal proeminente ou arredondada, em calote esférica, órbitas não salientes.

Os cornos apresentam um tamanho médio e são predominantemente opistóceros, isto é, à nascença desviam-se um pouco para trás, saem depois quase horizontalmente para os lados, voltando-se para a frente, com as pontas viradas para cima;

Pescoço - Regularmente desenvolvido apresentando o bordo superior reto ou pouco convexo, enquanto que o inferior é provido de barbela que, por ser pouco desenvolvida, quase passa despercebida;

Tronco - O tronco, no seu conjunto, chama a atenção pelo desenvolvimento mais acentuado no terço anterior em relação ao posterior, ligados entre si por um costado pouco alto e pouco arqueado, o que o torna um tanto achatado. A opção atual de exploração dos animais sobretudo para a produção de carne tem permitido o melhoramento desta conformação tornado os animais mais harmoniosos;

Sistema mamário - Úbere medianamente desenvolvido e com boa implantação; os tetos têm, no geral, um desenvolvimento assimétrico e são grossos. A cor do úbere difere podendo ser branco ou esbranquiçada, avermelhado ou vermelho malhado de branco;

Membros - Os membros são de longitude média a elevada, com boas articulações, aprumos corretos e terminam por unhas afogueadas e resistentes.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 84 machos e 679 fêmeas em linha pura em 581 criadores.



O solar originário da raça bovina Ramo Grande coincide com a zona geográfica da ilha Terceira com a mesma designação que corresponde à cidade da Praia da Vitória e freguesias vizinhas. Com o decorrer do tempo estes bovinos foram-se estendendo a outras regiões da ilha bem como a outras ilhas.

Atualmente a área de dispersão da raça são seis ilhas do arquipélago dos Açores: Terceira, São Jorge, Faial, Pico, São Miguel e Graciosa.

Ovinos

Raças:

Bordaleira de Entre Douro e Minho
Campaniça
Churra Algarvia
Churra Badana
Churra da Terra Quente
Churra do Campo
Churra do Minho
Churra Galega Bragançana Branca
Churra Galega Bragançana Preta
Churra Galega Mirandesa
Merina da Beira Baixa
Merina Branca
Merina Preta
Mondegueira
Saloia
Serra da Estrela

BORDALEIRA de ENTRE DOURO e MINHO



História e Evolução

A origem da Bordaleira de Entre Douro e Minho é comum à dos ovinos existentes a norte do rio Douro, descendendo dos troncos ibéricos *Ovis aries iberica e ligeriensis* que habitaram a Península.

Esta população do noroeste de Portugal é bastante heterogénea, não só pelas influências, mas também pela importação no passado de ovinos vindos do sul do país, como da vizinha Galiza. Este fluxo de animais teve um ponto alto em meados do sec. XIX com o desenvolvimento da indústria de chapéus de Braga e mais tarde com o aparecimento das fábricas a vapor do Porto, de camisolas e meias de lã.

Todas estas influências levaram ao aparecimento de animais com velos cruzados (do tipo bordaleiro) na mais variada proporção, desde velos de boa qualidade e dimensão, a par de outros de características mais grosseiras a tender para o churro. Se no passado, o objetivo era a melhoria da qualidade do velo, hoje, com o aparecimento das fibras sintéticas, assiste-se à tentativa da melhoria da conformação e da precocidade dos borregos.

Os ovinos da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho enquadram-se no grupo dos ovinos bordaleiros, também denominado na região do Minho como “ovelhas comuns”, “ovelhas da várzea”, “ovelhas do carro” ou “mansas”, pois usualmente acompanham os bovinos, quer no trabalho, quer nas pastagens. Estes animais são geralmente bem conformados, mas medianamente desenvolvidos. Habitam as zonas de meia encosta ou de várzea, ou seja, as de maior produtividade da região do Entre Douro e Minho. A sua área de dispersão, que outrora se estendia da fronteira com a Galiza ao distrito de Aveiro, atualmente encontra-se confinada a alguns concelhos dos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo e Vila Real.

A população da raça Bordaleira de Entre Douro e Minho encontra-se atualmente numa situação de franco declínio, quer devido ao abandono da atividade agrícola pela população mais jovem, quer mesmo pela massiva introdução de reprodutores masculinos, que permitem a obtenção de maiores e mais rápidos resultados zootécnicos.

Características e aptidões

A rentabilização deste efetivo deve-se maioritariamente à sua função creatopoiética, quer por venda dos borregos em talhos da região, quer para autoconsumo, no entanto, é importante referir que para além desta função importante, também a produção de estrume para fertilização das hortas e a limpeza e manutenção dos campos são funções desta raça, que viabilizam a sua existência e permitem a conservação da paisagem típica da região minhota.

A lã, do tipo bordaleiro, de mediana qualidade, nesta época em que se encontra muito desvalorizada, representa mais um encargo do que um rendimento, sendo, no entanto, ainda utilizada para a confecção de tapetes e cobertores vendidos nas tradicionais feiras locais.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Animais de tamanho médio, geralmente de cor branca;

Pele e pelagem - Heterogénea, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros;

Velo - Medianamente fechado e compacto, de madeixas sugosas e cilíndricas, constituídas por fêveras finas, macias e sugosas, com raros e curtos pelos cabrios. A coloração do velo pode ser branca ou excecionalmente preta;

Cabeça - Perfil reto. Pequena e adelgaçada para o focinho. Em geral, deslanada com uma poupa no frontal. Olhos grandes e salientes. Orelhas curtas e horizontais. Machos com cornos curtos, em espiral incompleta, apertada junto à cabeça (em foice). Fêmeas sem cornos;

Pescoço - Comprido e estreito, proporcionado ao tamanho do animal. Roliço e recoberto de lã em toda a sua superfície. Por vezes uma ligeira barbela principalmente nos machos. Má ligação ao tronco;

Tronco - De reduzidas dimensões transversais. Costelas medianamente arqueadas. Linha dorso-lombar horizontal. Garupa estreita e um pouco descaída;

Membros - Curtos, regularmente aprumados. Sem lã abaixo dos joelhos e dos curvilhões. Nádega pouco musculada;

Úbere - Médio e globoso, com tetos regularmente desenvolvidos e bem implantados.

O peso vivo das fêmeas é em média, 35 kg, e nos machos 43 kg e o peso ao nascimento ronda os 3 kg.

Sistemas de exploração

A Raça Bordaleira de Entre Douro e Minho é criada em pequenas unidades agrícolas, normalmente para auto consumo, constituindo-se em pequenos rebanhos que são explorados como complemento dos bovinos, geralmente considerados como a principal produção das explorações. Estes rebanhos, ao pastorear em conjunto, permitem um maior aproveitamento das disponibilidades forrageiras e uma rentabilização dos excedentes. Nas aldeias em que existiam vários rebanhos pequenos era comum haver apenas um ou dois reprodutores masculinos para todos os rebanhos, uma vez que se tornava pouco interessante a manutenção de um macho para beneficiar duas ou três fêmeas. Estes reprodutores eram normalmente propriedade do maior criador, pastoreando durante todo o ano com o seu rebanho e permitindo, normalmente no início ou no final do dia, o benefício dos animais dos criadores vizinhos.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 233 machos e 4287 fêmeas em linha pura em 164 criadores.



CAMPANIÇA



História e Evolução

Tudo indica que a raça Campaniça é uma população ovina originária da Península Ibérica que se terá diferenciado de outras raças devido às condições edafo-climáticas específicas da região onde ao longo dos séculos tem sido explorada - o Alentejo. Por outro lado, as características do velo exibidas pela raça, designadamente a produção de lã do tipo Cruzado, parece ser o critério que melhor diferencia esta população de outras com características raciais semelhantes que se encontram dispersas pela Península Ibérica, pese embora a diversidade de metodologias utilizadas na classificação lanar.

A raça ovina Campaniça é, segundo a maioria dos autores, uma raça detentora de elevada rusticidade e longevidade, sendo tradicionalmente explorada em sistema extensivo, nas zonas mais marginais do Alentejo interior. Conduto (1997) considera a raça Campaniça uma realidade ecológica, como resultado de uma seleção quase natural ao longo dos tempos. Os ovinos de raça Campaniça tiveram, no passado, alguma importância económica para a agricultura Alentejana, tendo os seus efetivos atingido 170 mil cabeças no Arrolamento de 1925 (Frazão, 1959; Sobral *et al*., 1990). Durante a segunda metade do século passado foi gradualmente cruzada ou mesmo substituída por outros genótipos mais produtivos, tendo os seus efetivos decaído drasticamente, chegando a ser declarada em vias de extinção, segundo os padrões internacionais em matéria de recursos genéticos animais (Matos e Bettencourt, 1995; Matos, 2000).

O maneio alimentar tinha por base o aproveitamento das pastagens naturais no outono e primavera e dos subprodutos da cultura de cereais durante o verão. Esta situação tem contudo sofrido alguma evolução, havendo explorações onde se procede à implantação de pastagens anuais ou temporárias, normalmente à base de consociações de gramíneas e leguminosas. Em épocas de carência alimentar é usual a suplementação baseada essencialmente em alimentos concentrados, feno e palha.
O leite da ovelha Campaniça tem elevado rendimento no fabrico de queijo, sendo utilizado tradicionalmente no fabrico do queijo Serpa .

O período da ordenha, designado tradicionalmente por “alavão”, de duração variável, estava condicionado ao maneio reprodutivo utilizado e à disponibilidade de erva verde.

Praticava-se a ordenha manual, sendo o leite transformado em queijo na própria exploração ou vendido localmente (Ribeiro e Sobral, 1991). Atualmente, devido aos elevados custos da ordenha, às condições desfavoráveis em que era realizada e à escassez de mão-de-obra, não existe conhecimento que os criadores de raça Campaniça com animais inscritos no Livro Genealógico, a continuem a praticar. Adicionalmente, esta mudança de atitude está provavelmente relacionada, com o aumento do preço e diminuição da idade a que são são comercializados os borregos.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Animais de tamanho médio, geralmente de cor branca;

Pele e pelagem - De cor branca;

Velo - Extenso e bem tochado, com madeixas quadradas, só não recobrindo a cabeça e as extremidades dos membros;

Cabeça - De tamanho médio, comprida, estreita e arredondada, de forma cónica. Perfil craniano convexo a subconvexo, evidente na sua fronte, tanto longitudinal como transversalmente. Deslanada, mas com uma poupa no frontal. Cornos, normalmente, nos machos, com a forma de espiral aberta, grossos, e, por vezes, nas fêmeas, onde são rudimentares. Orelhas curtas, projetadas horizontalmente para fora. Algumas manchas de pigmentação amarelada;

Pescoço - Curto e roliço nos machos, mais comprido e delgado nas fêmeas. Bem lanado. Em geral, sem barbela;

Tronco - Pouco volumoso, mas bem proporcionado. Linha dorso lombar um pouco mergulhante. Garupa de largura e comprimento regulares, um tanto descaída. Cauda de inserção baixa;

Membros - Finos e deslanados abaixo dos joelhos e curvilhões. Unhas fortes e de cor branca;

Úbere - Globoso, com tetos bem implantados.

Sistemas de exploração

O sistema de exploração é o extensivo, sendo a ovelha Campaniça tradicionalmente explorada nas funções carne, leite, lã e até mesmo estrume. Frazão (1959) estimava que, na década de 50, o contributo de cada produto para o rendimento bruto por ovelha em plena produção era respetivamente de 51,5 % em carne, 17,6 % em leite, 25,1 % em lã e 5,8 % em estrume.

A tosquia ocorre por norma, antes da cobrição de primavera. Quanto à produção de lã, os ovinos campaniços produzem velos de bom peso, rendimento apreciável e com lãs de qualidade, que apesar de serem mais grosseiras comparativamente às lãs Merinas, têm um comprimento que as torna atrativas para a indústria têxtil. A tosquia, independentemente do sistema de exploração, é realizada geralmente entre os meses de março e abril. No que respeita à produção de lã, estima-se que, de acordo com os preços praticados ultimamente, o seu valor representa, em geral, os custos implicados na tosquia.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 469 machos e 7439 fêmeas em linha pura em 34 criadores.




CHURRA ALGARVIA

História e Evolução

O nome atribuído à Churra Algarvia deriva da sua lã, do tipo Churro e à toponímia da região onde esta raça é predominantemente explorada, a região mais a sul do território continental português, o Algarve. Esta região concorreu para a sua diferenciação clara das restantes raças autóctones nacionais, o que terá limitado o fluxo de genes com outras raças Churras. A raça Algarvia revela uma estrutura genética clara, que se identifica de forma bastante próxima com populações ancestrais distintas. Esta raça autóctone constitui um património genético e cultural de elevadíssima importância, cuja preservação deve ser continuada.

Noutros tempos quase todas as famílias possuíam exemplares desta raça, pois servia como fonte de alimentação de leite e carne, como agente de reciclagem de certos subprodutos das atividades agrícolas, e, a sua relação com o meio ambiente tornou-a popular, uma vez, que demonstra melhor aproveitamento dos recursos, em comparação com os bordaleiros comuns ou merinos. Devido à pressão urbanística e a novas políticas de exploração do solo no litoral os rebanhos foram remetidos para zonas marginais e para o Barrocal, onde, devido à sua rusticidade se adaptaram com facilidade às adversidades do meio deslocando-se mais para as zonas da serra.

A dieta alimentar do efetivo reprodutor é baseada nos recursos alimentares disponibilizados pelas pastagens espontâneas ou melhoradas. Regra geral, os animais pastam acompanhados pelo pastor normalmente com a ajuda de um ou mais cães durante o dia e, recolhem à noite ao ovil ou a simples cercas de contenção dispondo habitualmente de um local coberto, para proteção das chuvas. Tem-se verificado que o modo como se inicia o pastoreio está condicionado à abundância de pastos e sobretudo, às condições climatéricas. Assim, é normal no outono e inverno, quando chove ou há orvalhos noturnos, os animais saírem para pastoreio um pouco mais tarde, quando as ervas já estão um pouco enxutas. É interessante observar, que a ovelha Churra apresenta uma seletividade alimentar mais evoluída que a observada em outros ovinos. Ao chegar à pastagem, o animal começa por procurar as partes mais nutritivas das plantas, folhas e rebentos. É igualmente notória a variedade de espécies vegetais consumidas, sendo comum, nas zonas onde há sobreiros, azinheiras, figueiras e oliveiras os animais procurarem os frutos caídos no chão.

Sendo o solar da raça ovina Churra Algarvia o Barrocal, atualmente o efetivo reprodutor da raça inscrito no Livro Genealógico e em atividade distribui-se pelo Algarve e Alto Alentejo. No Algarve encontram-se desde o litoral até à zona Serrenha, com maior incidência no Barrocal. No sotavento Algarvio existe nas zonas da Asseca (Tavira), Olhão, Faro e de Loulé, e, no barlavento encontram-se em Silves, Lagoa, Vila do Bispo, Albufeira e em Portimão. No Alto Alentejo existe uma exploração, em Barrancos, onde se verifica uma boa adaptação da raça.

Padrão da Raça

Pele e pelagem - De cor branca;

Velo - Pouco extenso, pouco tochado e de madeixas pontiagudas, não recobre a cabeça, o bordo inferior do pescoço, a barriga e a extremidade dos membros. A lã é do tipo churro, portanto grossa, de toque áspero, com fibras, em média de 20 a 30 cm de comprimento;

Cabeça - Relativamente pequena, fina e totalmente deslanada com a fronte plana, mas com ligeira convexidade no chanfro, sobretudo nos machos. Boca larga e lábios finos. Sempre presentes malhas pretas irregulares nas orelhas, em volta dos olhos, ponta do focinho e lábios. Cornos em ambos os sexos, fortes, de secção triangular, lançados lateralmente em espiral alongada e rugosos. Orelha de tamanho médio, lançadas horizontalmente para os lados da cabeça. Órbitas de tamanho regular e olhos grandes;

Pescoço - Relativamente comprido, bem proporcionado relativamente ao volume do corpo do animal, mas estreito. Deslanado no seu bordo inferior;

Tronco - De volume apreciável. Garrote pouco saliente, peito relativamente estreito, de pouca profundidade e costelas não muito arqueadas. Espádua bem musculada e regularmente desenvolvida. Linha dorso-lombar horizontal ou ligeiramente mergulhante. Garupa comprida e estreita, bem musculada, e em geral descaída. Ventre volumoso e deslanado;

Cauda - Comprida e grossa na base;

Membros - Compridos e finos, dando ao animal um aspeto pernalteiro. Nádega pouco descida. Deslanados na parte terminal dos membros, onde aparecem malhas pretas irregulares, idênticas às assinaladas na cabeça. Notam-se malhas na região anal (perineal). Unhas rijas e pretas;

Úbere - Bem ligado e desenvolvido, com tetos bem implantados e de tamanho regular.

Sistemas de exploração

O sistema de produção baseia-se no regime extensivo, o qual possibilita a manutenção de uma relação equilibrada entre a produção animal e a preservação, quando não mesmo a recuperação, das condições ecológicas. A exploração desta raça é realizada na maioria dos rebanhos através de mão-de-obra própria, sendo na maioria dos casos o pastor o proprietário dos animais. Esta é uma das razões mais importantes para a manutenção da raça até aos nossos dias. É a tradição e o orgulho dos produtores/criadores que tem possibilitado a continuidade da raça.

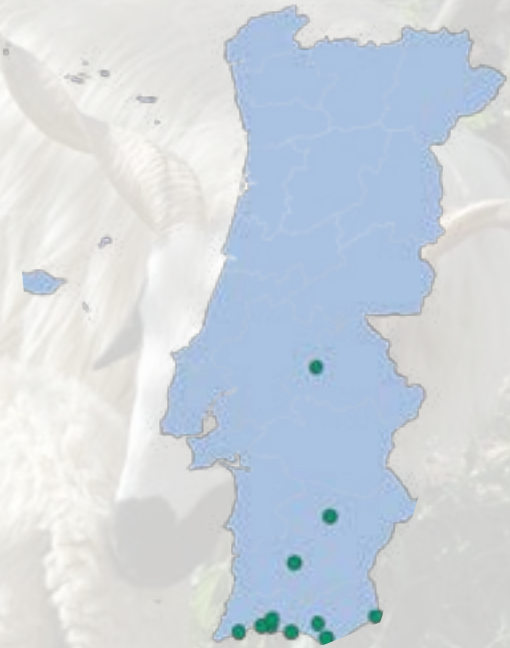
Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 64 machos e 1626 fêmeas em linha pura em 22 criadores.



CHURRA BADANA



História e Evolução

Segundo Miranda do Vale, na sua obra intitulada de “Gado Bissulco”, esta raça tem origem no *Ovis musimon*. Este ovino vivia na Europa, desde o Ocidente até aos Cárpatos, que com a evolução deu origem a várias raças primitivas de arietinos domésticos. Manson (1967), considerando as afinidades mais aparentes, agrupou as raças europeias em onze grupos; dentre os quais se encontram o *Ovis aries ibericus*, Tronco dos Pireneos e o *Ovis aries africanus*, Tronco Merino, donde se considera que tenham derivado grande parte das raças nacionais. Com o decorrer dos tempos e devido a vários fatores foram sendo moldadas e fixadas várias características morfológicas que determinaram o aparecimento de vários genótipos que se foram fixando em diversas regiões do país. O clima, o solo, a topografia e a orografia, foram fatores determinantes para a sua fixação, conforme foram encontrando as condições propícias à sua adaptação.

Até meados do Século XX, a raça ovina Churra Badana tinha o seu habitat numa região caracterizada por um microclima muito próprio, denominada Terra Quente Transmontana, onde possuía uma grande importância sócio económica.

Atualmente a área de dispersão dos efetivos existentes concentra-se no concelho de Macedo de Cavaleiros, freguesia de Talhas, Gralhós, Morais, Lagoa, Vilar do Monte, Cortiços, Carrapatas, no concelho de Mirandela nas freguesias de Carvalhais, Valverde da Gestosa, Cabanelas, Abambres, Vale Salgueiro Fradizela e Mascarenhas, no Concelho de Mogadouro freguesia de S. Martinho do Peso, concelho de Alfandega da Fé, freguesia de Agrobom e no distrito de Beja, concelho da Vidigueira, freguesia de Pedrogão.

A base de alimentação destes ovinos é constituída por pastagem permanente e arbustivas. Nos concelhos da Terra Quente onde existem grandes áreas de culturas arbóreas, tais como olivais e amendoais, os ovinos utilizam em pastoreio estas áreas com exceção dos meses de apanha de azeitona. Nesta época em que a crise alimentar é evidente devido às adversas condições climatéricas, os ramos resultantes da vareja e da limpeza das oliveiras são alimentos preciosos e apetecíveis para estes animais. Consoante a época do ano, é vulgar serem suplementados com folhas de ramos de freixo, ulmeiro amieiro e choupos. É usual fornecer aos ovinos forragem ou ração aos ovinos como suplemento antes ou após a parição ou em épocas de fraca disponibilidade de alimento no pasto.

Tradicionalmente os machos acompanham as fêmeas ao longo de todo o ano, no entanto as épocas principais de cobrição são a primavera e o outono. A cobrição é feita por monta natural e as malatas são cobertas frequentemente antes de um ano de idade, pois os ovinos desta raça são sexualmente precoces. Estas ovelhas são boas mães, quer no que concerne ao instinto maternal, quer no tocante à amamentação.

Padrão da Raça

Aspeto geral - De pequeno porte e reduzido comprimento das extremidades;

Pele e pelagem - De cor-branco sujo ou amarelado, acastanhada;

Velo - Extenso, de madeixas compridas e pontiagudas. No seu conjunto forma como que um manto, áspero ao toque, que recobre o dorso e quase toca o solo na época da tosquia;

Cabeça - De tamanho médio e de volume proporcionado às restantes dimensões corporais. Desprovida de cornos nas fêmeas e com cornos nos machos com forma de espiral mais ou menos aberta. Perfil craniano reto. Arcadas orbitárias pouco proeminentes e olhos grandes e vivos. Chanfro de comprimento médio e perfil ligeiramente convexo, com maior acentuação nos machos. Focinho de tamanho regular e de grossura média. Lábios grossos e boca de tamanho médio. Fronte revestida de lã, formando uma poupa. Pigmentação acastanhada, mais ou menos escura nas zonas deslanadas;

Pescoço - Curto, delgado, de má ligação ao tronco e provido de desenvolvida barbela, especialmente nos machos; coberto de lã;

Tronco - De pequeno volume e reduzidos diâmetros transversais. Costado pouco arqueado. Garrote pouco saliente. região dorso-lombar mais ou menos horizontal, mas estreita. Garupa de dimensões reduzidas e um tanto descaída, pouca musculatura; Cauda comprida. Bom revestimento lanar;

Membros - Finos e curtos, dando ao animal um aspeto atarracado. Em geral são pigmentados de castanho na sua porção deslanada. Unhas medianas, fortes e rijas;

Úbere - Globoso com tetos bem conformados e pigmentados.

Sistemas de exploração

Estes ovinos são ainda hoje explorados num sistema de pastoreio direto durante todo o ano, em terras do proprietário ou alheias, regressando pela noite aos ovis, mais conhecidos por “corriças”. São hoje raros os exemplos em que os animais pernoitam nos “bardos”. Estes rebanhos são constituídos em média por 80 a 100 ovelhas, 4 a 5 carneiros e 15 a 20 borregas de substituição. Dada a grande longevidade destes animais, o refugo acontece habitualmente a partir dos 8 anos de idade, sendo frequente encontrar no rebanho animais com 11 e 12 anos de idade.

A exploração destes ovinos faz-se de dois modos: o rebanho é pertença do pastor ou o rebanho é pertença de um proprietário e o pastoreio é feito por pastor assalariado.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 123 machos e 2417 fêmeas em linha pura em 34 criadores.



CHURRA da TERRA QUENTE



História e Evolução

A raça Churra da Terra Quente, anteriormente também designada por «Tarrincha» ou «Terrincha», é uma raça de denominação e caracterização recente, mas a sua génese remonta ao fim do século XIX e início do século XX, quando animais das raças Churra Badana e Churra Mondegueira começaram a ser cruzados entre si. Estes ovinos foram apenas caracterizados como raça em 1987 no âmbito do «38th Annual Meeting of European Association of Animal Prodution».

Certamente com ancestrais vindos dos Pirenéus pertencentes ao tronco ibérico, os ovinos desta raça enquadram-se no grupo dos ovinos churros, com um velo quase exclusivamente composto por madeixas grossas, compridas, lisas e pontiagudas, rudes ao tato, deslanados na cabeça e regiões inferiores dos membros. São caracterizados por apresentarem estatura média, aparência forte e harmoniosa, com boa fecundidade e frequentes partos gemelares.

A exploração de ovinos da raça Churra da Terra Quente tem desempenhado ao longo do tempo um importante papel na sustentabilidade dos territórios e das gentes de uma grande área da região de Trás-os-Montes, nomeadamente a Terra Quente Transmontana (vales e ladeiras abaixo dos 600 metros, no relevo da Terra Quente Transmontana e Vale do Douro Vinhateiro), pois nesta região, a exploração ovina tem características especiais, dado que, para além de ser promotora de rendimentos próprios ela foi também, valorizadora das culturas da oliveira, amendoeira e da cultura cerealífera, essencialmente pela incorporação de matéria orgânica nestas culturas.

Esta raça é atualmente a mais emblemática de Trás-os-Montes e o seu efetivo é o maior do grupo de ovinos churros autóctones, sendo contudo muito variável a dimensão do rebanho, com uma dimensão média atual de 120 animais. Pode dizer-se que a dimensão dos rebanhos está, em regra, na razão direta da área da propriedade disponível. Os animais desta raça são de grande rusticidade, adaptabilidade e longevidade, considerados de aptidão mista leite-carne. Os borregos são desmamados e abatidos em idade jovem, sendo que o leite obtido dará origem ao Queijo Terrincho DOP, Denominação de Origem Protegida.

A raça Churra da Terra Quente tem o seu habitat natural nas zonas homogéneas da Terra Quente Transmontana e Douro Superior, que compreendem os concelhos de Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Vila Flor, Torre de Moncorvo, Mogadouro, Alfândega da Fé, Freixo de Espada à Cinta, Vila Nova de Foz Coa e Carrazeda de Ansiães, parte dos concelhos de S. João da Pesqueira, Valpaços, Meda e Figueira de Castelo Rodrigo. As características de solo e clima da região favoreceram o aparecimento de pastagens naturais pobres e a instalação de culturas permanentes, nomeadamente olival, amendoal e vinha. Foram estas externalidades que potenciaram essencialmente a característica de rusticidade dos ovinos desta raça.

Padrão da Raça

Velo - Extenso, com madeixas compridas e pontiagudas. Não reveste a cabeça, a extremidade livre dos membros e por vezes a barriga;

Cabeça - Comprida. Testa plana e com pequena pompa. O chanfro deverá ser comprido e convexo, sobretudo nos machos. Tanto as fêmeas como os machos possuem cornos, em espiral mais ou menos aberta, rugosos e de secção triangular. As orelhas deverão ser de tamanho médio e inseridas horizontalmente;

Pescoço - Estreito, bem unido ao tronco, revestido de lã e com barbela nos machos;

Tronco - Peito relativamente estreito. A região dorso-lombar é horizontal e de medidas transversais médias. O ventre é volumoso e não raras vezes deslanado. A garupa é comprida e medianamente ampla e um pouco mais deslanada;

Membros - Finos, vigorosos e deslanados nas extremidades. Nádega pouco desenvolvida. Unhas rijas e pigmentadas;

Úbere - Bem desenvolvido, globoso, com sulco mediano e desprovido de lã. Tetos simétricos e regularmente desenvolvidos e com regular inserção.

Sistemas de exploração

As condições orográficas e edafoclimáticas da área geográfica de dispersão desta raça determinaram que a pastorícia de percurso constituísse o sistema com mais ampla utilização ao longo dos tempos, estando ainda profundamente implantado. Em termos de maneio verificaram-se contudo algumas alterações ao típico sistema de pastoreio de percurso, principalmente pela utilização generalizada de vedações e o melhoramento das pastagens. No entanto, em algumas explorações manteve-se o hábito de percorrer os terrenos declivosos, sobretudo nos períodos da primavera e do inverno.

O regime de exploração destes ovinos assenta essencialmente em duas formas: o rebanho é pertença do pastor ou o rebanho é pertença de um proprietário e o pastoreio é feito por um trabalhador assalariado. O tamanho dos rebanhos tem vindo a aumentar e oscila entre as 80 e as 150 cabeças e o refugo ocorre habitualmente depois dos 8 anos de idade. Nos rebanhos mais tradicionais a cobrição é feita de modo natural permanecendo os machos com as ovelhas de forma permanente; nas explorações com maneio reprodutivo existe separação dos machos e a cobrição ocorre na primavera logo após a tosquia que se realiza no princípio de março. Em alguns rebanhos ainda se verifica que os borregos recém-nascidos acompanham as mães para o pastoreio. Em regra o desmame ocorre entre os 30 e 45 dias de idade, iniciando-se a ordenha com a utilização do leite para o fabrico do queijo. Quando os borregos se destinam à recria para a substituição do efetivo continuam a acompanhar as mães até ocorrer o desmame natural.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 590 machos e 13298 fêmeas em linha pura em 120 criadores.

CHURRA do CAMPO



História e Evolução

A raça ovina Churra do Campo derivou dos primitivos ovinos do tronco ibérico-pirenaico que povoaram todo o norte montanhoso da Península Ibérica. Foi descrita por Sobral *et al.*, (1987) como sendo uma raça de pequeno formato, dotada de extrema rusticidade, o que lhe permitia subsistir em zonas muito pobres de pastagens, na raia da Beira Baixa com Espanha, Norte do Concelho de Idanha-a-Nova, Penamacor e algumas manchas no Concelho do Fundão. Explorada em regime extensivo, caracterizava-se pela sua tripla função carne, leite e lã, no entanto não revelam nenhuma aptidão especializada (Sobral *et al.*, 1987).

Em 1972, a raça Churra do Campo representava 2,6 % do total ovino nacional, o que correspondia a 62.215 cabeças (DRABI, 2004). Quinze anos mais tarde, ou seja em 1987, a sua população estaria reduzida a metade, ou seja, entre as 30.000 a 40.000 cabeças (DGP, 1987 cit. por DRABI, 2004). Porém 2 anos depois e após uma avaliação cuidada por parte da Direção Geral de Pecuária a Churra do Campo parece estar apenas restrita a 400 animais com as características morfológicas dentro das definidas pelo padrão da raça (DGP, 1989 cit. por DRABI, 2004).

Em 1996, técnicos da Direção Regional de Agricultura da Beira Interior, constataram a existência de cerca de 400 fêmeas, com as características morfológicas definidas pelo padrão da raça, em vários rebanhos heterogéneos (DRABI, 2004).

Em 1997/8,decidiu então a Direção Regional de Agricultura da Beira Interior adquirir um pequeno núcleo de animais como tentativa de criar um núcleo de recuperação da raça, criando um efetivo de 16 fêmeas e 3 machos (DRABI, 2004).

Em 2004, segundo o relatório do INIAP (2004) a raça estava considerada como extinta.

Entretanto num Projeto Transfronteiriço, ao abrigo do programa INTERREG III – Rotas da Transumância, a Câmara Municipal de Penamacor (CMP) em parceria com a Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB) fizeram um esforço para recuperar animais ainda existentes em rebanhos dispersos e em 2007 foram criadas as condições para implementar o Livro Genealógico (L.G.) da raça Churra do Campo.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Estatura pequena e cor branca;

Peso vivo adulto - Fêmeas 25 a 30 kg, machos 35 a 40 kg;

Pele - Fina, untuosa e elástica; de cor branca ou ligeiramente amarelada;

Velo - Relativamente extenso, só não cobrindo parte da cabeça e a extremidade livre dos membros, quase chega ao solo na época da tosquia; não muito tochado, com madeixas compridas e apinceladas;

Cabeça - Pequena, deslanada, mas com lã na fronte (popa) e ganachas, perfis craniano e do chanfro retos, preferencialmente sem cornos nas fêmeas e frequentes nos machos, fortes e espiralados, de secção triangular, olhos grandes; orelhas curtas e horizontais, zonas deslanadas com pigmentação castanha mais ou menos carregada;

Pescoço - Curto, bem recoberto de lã, podendo apresentar uma ligeira barbela;

Tronco - Pouco volumoso; linhas dorso-lombar mais ou menos horizontal; peito estreito, com as costelas pouco arqueadas; dorso e rins curtos e de reduzida largura; garupa de pequenas dimensões e ligeiramente descaída: barriga revestida de lã;

Úbere - Volume e largura médios, com tetos curtos mas bem inseridos;

Membros - Curtos, finos mas fortes, com unhas rijas; em geral pigmentados de castanho nas zonas deslanadas a partir dos joelhos ou dos curvilhões ou um pouco mais acima.

Sistemas de exploração

Hoje em dia a formação de núcleos prende-se mais com a manutenção da biodiversidade das espécies do que pelo rendimento económico sendo que um só criador detém 60% do efetivo.

O maneio dos animais é feito em pastoreio direto com áreas de exploração de pequena dimensão não sendo a atividade principal do criador.

A expansão da raça passará pelo aumento do número de criadores e pelo aumento do efetivo do principal criador sendo que a partir daí se possam congregar os diversos produtos produzidos pela raça e criar uma imagem de marca que implica alguma dimensão.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 31 machos e 290 fêmeas em linha pura em 7 criadores.



CHURRA do MINHO



História e Evolução

As origens da raça Churra do Minho, tal como a das outras raças de ovinos do norte de Portugal, são possivelmente os troncos ibéricos *Ovis aries iberica e ligeriensis* que teriam habitado a região peninsular, no entanto, é nítida a influência das raças de origem céltica. Na Churra do Minho, a influência de outras raças foi a menos significativa em relação às restantes raças ovinas da região norte de Portugal, uma vez que as seletivas e restritivas condições edafo-climáticas e a escassez de alimento em determinadas épocas do ano, não permitiram a implantação de raças mais produtivas nestas zonas de montanha do noroeste português. No passado, a seleção fazia-se principalmente pela qualidade da lã e do velo. Atualmente, o melhoramento incide sobre as características creatopoiéticas e reprodutivas, procurando-se obter uma maior precocidade e regularidade nas fêmeas reprodutoras, bem como uma melhor conformação e velocidade de crescimento nos borregos.

Estes animais são criados em regime de pastoreio livre, constituindo rebanhos mais ou menos numerosos, muitas vezes acompanhados de caprinos de raça Bravia e ainda hoje seguem as ancestrais regras de vezeira.

Características e aptidões

Os objetivos das explorações de Churra do Minho limitam-se à produção do tradicional borrego de leite, cuja carne de excecional qualidade é reconhecida em toda a região do Minho, entrando na confeção de várias especialidades culinárias. A venda de borregos para consumo está normalmente associada a três períodos bem definidos da vida dos animais:

- Dos 2-3 meses, altura em que são vendidos e abatidos para consumo em restaurantes.

- Com 4-5 meses de idade, altura em que geralmente se pratica o desmame.

Com 12 a 14 meses de idade, é prática corrente o abate de machos castrados, principalmente para autoconsumo, com carcaças que rondam os 13 a 15 kg, estando o seu consumo associado à época festiva do S João.

A alimentação destes rebanhos nas zonas de montanha, faz-se quase exclusivamente à base de pastagem de fraca digestibilidade, composta por gramíneas pouco produtivas e arbustos semilenhosos. No Inverno a alimentação é complementada com fenos produzidos nos lameiros da própria exploração (áreas de melhor produção forrageira, de regadio tradicional, existentes nos planaltos da região do Minho e Trás os Montes).

Padrão da Raça

Aspeto geral - animais muito pequenos, geralmente de cor branca

Velo - é heterogéneo, recobrindo todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres dos membros. Composto predominantemente por pelos grossos, compridos, lisos, reunidos em madeixas pontiagudas. A coloração do velo é branca ou raramente preta;

Cabeça - de perfil reto. Pequena e adelgaçada para o focinho. Em geral com uma poupa no frontal. Olhos pouco salientes. Orelhas curtas e horizontais. Machos com cornos curtos, em espiral incompleta, apertada junto à cabeça (em foice). Fêmeas sem cornos;

Pescoço - comprido e estreito, proporcionado ao tamanho do animal. Roliço e recoberto de lã em toda a sua superfície. Por vezes com uma ligeira barbela. Má ligação ao tronco;

Tronco - de reduzidas dimensões transversais. Costelas pouco arqueadas. Linha dorso-lombar horizontal. Garupa estreita e um pouco descaída;

Úbere - pequeno mas globoso, com tetos bem implantados;

Membros - curtos e finos, dando-lhe um aspeto atarracado. Sem lã abaixo dos joelhos e dos curvilhões. Nádega mal musculada;

Apresentam uma média de pesos para os machos de 30 kg, para as fêmeas de 22 kg e de 2 kg ao nascimento.

Sistemas de exploração

O sistema de exploração desta raça é caraterizado por rebanhos de dimensão média, com encabeçamentos a rondar os 70 animais por exploração, inseridos em pequenas unidades agrícolas de montanha que aproveitam as grandes áreas de baldio da região.

Apesar de cada vez mais as explorações se individualizarem, fruto da atualização do sistema de produção, existem, no entanto, algumas explorações que preservam sistemas ancestrais de organização comunitária, nomeadamente o sistema de vezeira.

É muito usual encontrarem-se rebanhos conjuntos de ovinos e caprinos nas zonas altas de montanha, na medida em que o pastoreio conjunto destas espécies permite uma maior rentabilização das pastagens pobres dos baldios.

Atualmente existem rebanhos inseridos em explorações de média/grande dimensão, onde os ovinos desta raça, devido à sua rusticidade e capacidade de adaptação a diversos ecossistemas, servem de complemento a atividades agrícolas diversas, como a viticultura, bovinicultura, suinicultura, caça turística, etc.

Área de dispersão dos criadores















No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 221 machos e 4435 fêmeas em linha pura em 87 criadores.


CHURRA GALEGA
BRAGANÇANA BRANCA

História e Evolução

O ovino Galego Bragançano, como todos os outros englobados tradicionalmente, nas raças churras autóctones, tem relações filogénicas com o *Ovis aries studery*.

A população da Terra Fria ligada desde sempre à exploração pecuária, dedicou particular atenção à ovinicultura, reconhecendo os benefícios que esta lhe proporcionava em matéria de alimentação, agasalho e fertilização do solo agrícola. Estes fatores de ordem histórica e económica, contribuíram para que a ovelha Churra Galega Bragançana permanecesse longo tempo nesta região, sem fluxo de genes com outras populações, distinguindo-se como um animal com características genéticas bem diferenciadas. O efetivo da raça passou de 40000 animais em 1967, a 5000 em 1990, altura em que a raça foi considerada em vias de extinção.

O registo dos ovinos bragançanos iniciou-se em 1991 tendo, desde aí, o sistema de produção apresentado algumas alterações: diminuição dos produtores sem terra, aumento da área de pastoreio em consequência da diminuição do número de explorações. Verificou-se ainda um aumento da produção de forragens. Crescente tem também sido o número de cabeças que constituem o rebanho, assim como, a utilização das corriças, levando a uma maior incidência de doenças infecto-contagiosas e uma menor função na fertilização dos solos.

O solar da raça situa-se nas terras de Bragança, isto é localiza-se na Terra Fria Transmontana abrangendo os concelhos de Bragança e Vinhais, em pleno Parque Natural de Montesinho. A orografia da região é caracterizada pela existência dos maciços montanhosos de Nogueira-Montesinho e Corôa. A região do Solar está abrigada de norte e oeste pelos cordões montanhosos referidos e é drenado de norte para sul pelas duas bacias hidrográficas mais importantes, o Tuela a ocidente e o Sabor na vertente oriental. O regime climático é caraterizado pela sua mediterraneidade, o que quer dizer que há uma assimetria entre os regimes de precipitação e de temperatura.

O que caracteriza esta paisagem, é uma sábia ocupação do espaço, já que as zonas forrageiras, os lameiros, estão localizadas ao longo das linhas de água na base das vertentes. Nas zonas de solos mais delgados, localizados nos maiores declives, o homem manteve a floresta climática na base do carvalho negral. Nas proximidades das aldeias, adequadamente integradas, os solos com maior capacidade produtiva foram ocupados por culturas hortícolas e frutícolas. Nas zonas mais aplanadas, anteriormente ocupadas por bosques, a ocupação foi baseada na cerealicultura, estando esta devidamente compartimentada, quer por matas de carvalhos, quer por soutos de castanheiros, cuja importância económica num regime de silvo-pastorícia é por demais importante, nomeadamente para ovinicultura.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Estatura média a grande em que a altura dos membros e do tórax lhe confere o característico aspeto pernalteiro. Os animais apresentam malhas pretas ou acastanhadas em volta dos olhos, focinho e orelhas, podendo também surgir nos membros;

Pele e pelagem - De cor branca ou amarelada, apresentando-se fina e untuosa;

Velo - Pouco extenso, não recobrindo a cabeça, o terço anterior do pescoço, a barriga e os cabos, composto por madeixas pontiagudas;

Cabeça - Possui um tamanho médio, é deslanada e com um perfil sub-convexo. As fêmeas não apresentam cornos, os quais aparecem frequentemente nos machos. Orelhas medianas e de alta inserção. Arcadas orbitais salientes, com olhos grandes;

Pescoço - Comprido e delgado, tendo má ligação ao tronco. Sem barbela e deslanado no terço anterior;

Tronco - Peito estreito, garrote e espáduas pouco destacadas. Linha dorso lombar horizontal. Garupa um tanto descaída e pouco volumosa. Cauda comprida;

Membros - Altos, finos, pigmentados e deslanados nas extremidades livres. Unhas rijas e frequentemente pigmentadas;

Úbere - Globoso, com tetos bem implantados.

Sistemas de exploração

Na maior parte do ano, os animais vivem ao ar livre, pernoitando nas cancelas, em terrenos a estrumar. No verão, devido às elevadas temperaturas, pastoreiam durante a noite e passam a maior parte do dia nos esteios, locais arborizados, escolhidos com a finalidade de lhes proporcionar sombra.

A alimentação é constituída por ervas espontâneas dos incultos e pousios, associada aos fracos recursos alimentares oferecidos pelas espécies arbustivas (estevas, giestas, arças, urzes, tojos, silvas etc.), com suplementação de feno e grão de centeio ou cevada variável, segundo a altura do ano e o maneio reprodutivo. As principais alterações no maneio nesta raça têm incidido no aumento da área disponível para pastoreio, na maior utilização das corriças assim como na crescente produção forrageira de aveia para fenar e de milharadas e centeio para pastoreio. Observa-se também, diminuição do tempo de pastoreio e aumento dos efetivos que se mantêm ativos.










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 431 machos e 11729 fêmeas em linha pura em 117 criadores.


CHURRA GALEGA
BRAGANÇANA PRETA

História e Evolução

O ovino Galego Bragançano, como todos os outros englobados tradicionalmente, nas raças churras autóctones, tem relações filogénicas com o *Ovis aries studery.*

A população da Terra Fria ligada desde sempre à exploração pecuária, dedicou particular atenção à ovinicultura, reconhecendo os benefícios que esta lhe proporcionava em matéria de alimentação, agasalho e fertilização do solo agrícola. Estes fatores de ordem histórica e económica, contribuíram para que a ovelha Churra Galega Bragançana permanecesse longo tempo nesta região, sem fluxo de genes com outras populações, distinguindo-se como um animal com características genéticas bem diferenciadas.

O registo dos ovinos bragançanos iniciou-se em 1991 tendo, desde aí, o sistema de produção apresentado algumas alterações: diminuição dos produtores sem terra, aumento da área de pastoreio em consequência da diminuição do número de explorações. Crescente tem também sido o número de cabeças que constituem o rebanho, assim como, a utilização das corriças, levando a uma maior incidência de doenças infecto-contagiosas e uma menor função na fertilização dos solos. Reconhecida em 2015, de cor totalmente preta, outrora dominante, esteve quase desaparecida em virtude da menor valorização das suas lãs, renasce hoje por opção dos criadores que lhe atribuem uma maior rusticidade e sabor mais intenso.

A raça aloja-se nos concelhos de Bragança, Vinhais, Mirandela, Macedo de Cavaleiros e Valpaços.

A região do Solar está abrigada de norte e oeste pelos cordões montanhosos referidos e é drenado de norte para sul pelas duas bacias hidrográficas mais importantes, o Tuela a ocidente e o Sabor na vertente oriental.

O regime climático é caraterizado pela sua mediterraneidade, o que quer dizer que há uma assimetria entre os regimes de precipitação e de temperatura.

O que caracteriza esta paisagem, é uma sábia ocupação do espaço, já que as zonas forrageiras, os lameiros, estão localizadas ao longo das linhas de água na base das vertentes. Nas zonas de solos mais delgados, localizados nos maiores declives, o homem manteve a floresta climática na base do carvalho negral.

Nas proximidades das aldeias, adequadamente integradas, os solos com maior capacidade produtiva foram ocupados por culturas hortícolas e frutícolas. Nas zonas mais aplanadas, anteriormente ocupadas por bosques, a ocupação foi baseada na cerealicultura, estando esta devidamente compartimentada, quer por matas de carvalhos, quer por soutos de castanheiros, cuja importância económica num regime de silvo-pastorícia é por demais importante, nomeadamente para ovinicultura.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Estatura média a grande em que a altura dos membros e do tórax lhe confere o característico aspeto pernalteiro;

Pele e pelagem - De cor preta apresentando-se fina e untuosa;

Velo - Pouco extenso, não recobrindo a cabeça, o terço anterior do pescoço, a barriga e os cabos, composto por madeixas pontiagudas;

Cabeça - Possui um tamanho médio, é deslanada e com um perfil sub-convexo. As fêmeas não apresentam cornos, os quais aparecem frequentemente nos machos. Orelhas medianas e de alta inserção. Arcadas orbitais salientes, com olhos grandes;

Pescoço - Comprido e delgado, tendo má ligação ao tronco. Sem barbela e deslanado no terço anterior;

Tronco - Peito estreito, garrote e espáduas pouco destacadas. Linha dorso lombar horizontal. Garupa um tanto descaída e pouco volumosa. Cauda comprida;

Membros - Altos, finos e deslanados nas extremidades livres. Unhas rijas;

Úbere - Globoso, com tetos bem implantados.

Sistemas de exploração

Na maior parte do ano, os animais vivem ao ar livre, pernoitando nas cancelas, em terrenos a estrumar.

No verão, devido às elevadas temperaturas, pastoreiam durante a noite e passam a maior parte do dia nos esteios, locais arborizados, escolhidos com a finalidade de lhes proporcionar sombra.

A alimentação é constituída por ervas espontâneas dos incultos e pousios, associada aos fracos recursos alimentares oferecidos pelas espécies arbustivas (estevas, giestas, arças, urzes, tojos, silvas etc.), com suplementação de feno e grão de centeio ou cevada variável, segundo a altura do ano e o maneio reprodutivo.

As principais alterações no maneio nesta raça têm incidido no aumento da área disponível para pastoreio, na maior utilização das corriças assim como na crescente produção forrageira de aveia para fenar e de milharadas e centeio para pastoreio. Observa-se também, diminuição do tempo de pastoreio e aumento dos efetivos que se mantêm ativos.



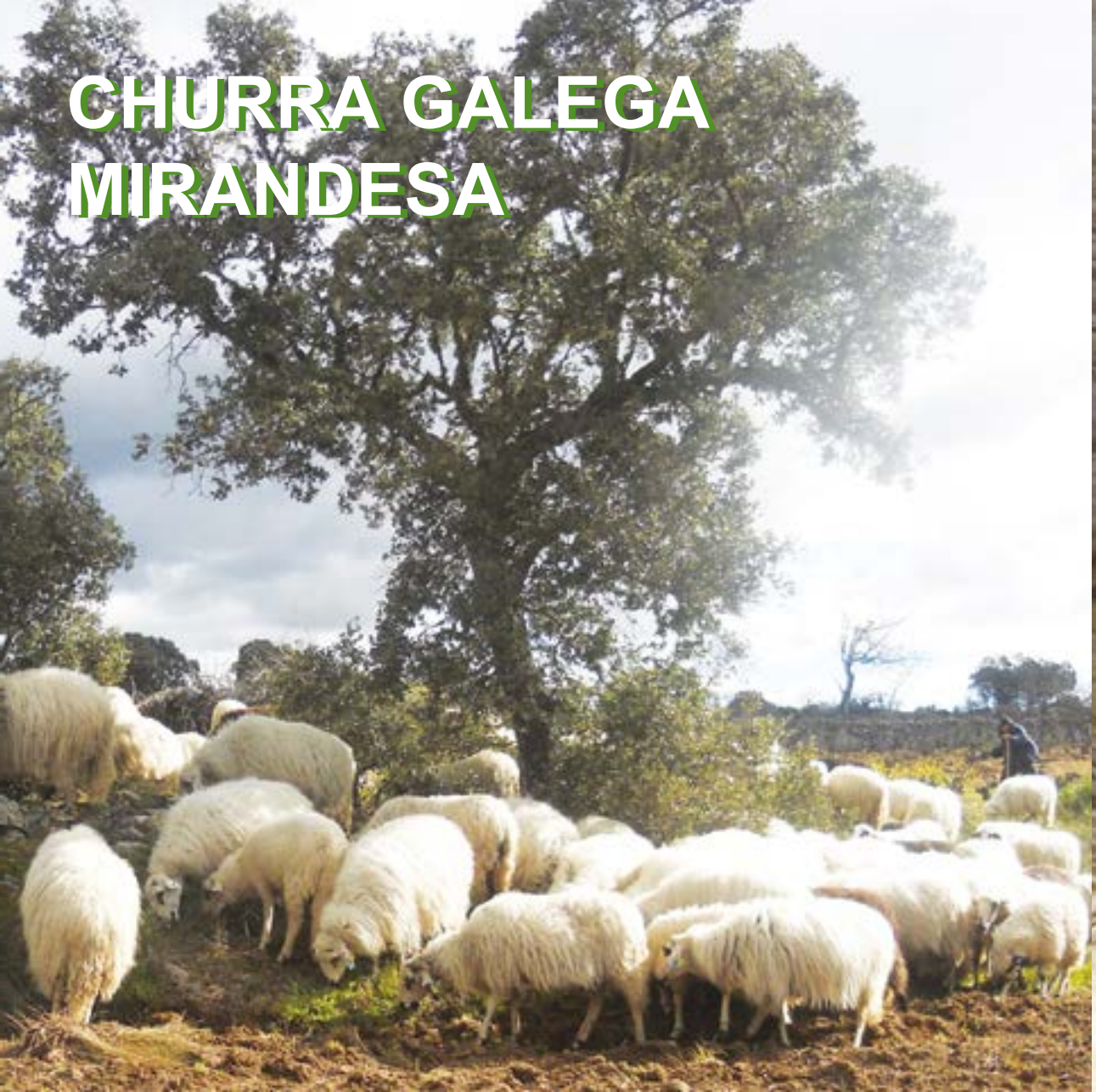







No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 126 machos e 2651 fêmeas em linha pura em 47 criadores.

CHURRA GALEGA MIRANDESA



História e Evolução

A raça Churra Galega Mirandesa tem relações filogénicas com o *Ovis aries studery*. Os celtas cruzaram as ovelhas autóctones com os carneiros que traziam, obtendo assim o primitivo tronco churro e o seu nome corresponde à toponímia da região de onde são originários, o Planalto Mirandês, estando os animais inicialmente confinados aos concelhos de Miranda do Douro, Vimioso e Mogadouro. Contudo e devida às suas caraterísticas únicas já existem criadores em toda a região de Trás-os-Montes.

A ovelha desta raça é muito rústica e está bem adaptada às condições geográficas e climatéricas adversas do Planalto Mirandês e das Arribas do rio Douro.

A raça Churra Galega Mirandesa em relação com as raças mais competitivas apresentava-se menos produtiva e daí a sua exploração, ter sofrido uma diminuição significativa. A necessidade de manter o potencial genético derivado da raça Churra Galega Mirandesa, como aposta para a sua conservação e linhagem pura, determinou um dos objetivos para a fundação do Registo Zootécnico, criado em 1994. Atualmente a criação de ovinos no Planalto Mirandês é uma atividade viável em termos económicos, que em muito tem contribuído para a manutenção das populações rurais.

Caraterísticas e Aptidões

As explorações estão vocacionadas para a produção de cordeiro que é vendido consoante a categoria da carcaça, categorizada pela idade e o peso vivo, respeitando o caderno de especificações do produto DOP – " Cordeiro Mirandês / Canhono Mirandês", reconhecido pelo Regulamento de Execução EU N.º 1034/2012 da Comissão de 26 de Outubro de 2012.

A fim de garantir todas as qualidades organoléticas: sabor, aroma, tenrura e suculência, os cordeiros terão que ser abatidos entre um mês e quatro meses de idade, com peso vivo compreendido entre os 8 e os 20 kg.

O leite é totalmente consumido na alimentação das crias.

Apesar de atualmente a lã churra, em geral, ter fraca cotação comercial, os velos da raça Churra Galega Mirandesa são muito procurados localmente por ser uma lã grosseira, devido ao apreciável comprimento das suas fibras, brilho e toque que a valorizam. A lã obtida destes animais é usada no fabrico de peças de artesanato de elevado valor cultural e económico da região do Planalto Mirandês, como é a Capa de Honras Mirandesa. A tosquia realiza-se normalmente durante os meses de maio e junho. A lã que não é processada é vendida a intermediários portugueses ou mesmo espanhóis que depois a encaminham para unidades de transformação de lanifícios de grande dimensão.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Animais de pequeno porte (eliptométricos e brevilíneos) com elevada rusticidade e de reduzida corpulência, tendo um velo extenso, relativamente pesado e lã de apreciável qualidade, dentro do tipo churro;

Pele e pelagem - Fina e untosa, branca ou amarelada;

Velo - Extenso e relativamente pesado, constituído por madeixas compridas e pontiagudas. Recobre quase todo o corpo, exceto a cabeça e as extremidades livres;

Cabeça - Comprida, afilada, de perfil craniano subconvexo e desprovida de lã. As fêmeas não apresentam cornos, mas estes são frequentes nos machos, com forma espiralada e secção triangular. Os olhos são de tamanho médio e circundados por manchas pigmentadas de castanho-escuro ou preto nos indivíduos brancos, e brancas nos indivíduos pretos, distribuição pigmentar que se observa igualmente nas orelhas e nos lábios;

Pescoço - Comprimento médio mas pouco largo. Coberto de lã em toda a sua superfície;

Tronco - Pouco volumoso e estreito, com costelas pouco arqueadas. Garrote pouco saliente e espáduas achatadas. A garupa é curta e um pouco descaída, revelando fracas massas musculares. A cauda é comprida;

Membros - Curtos mas fortes, frequentemente pigmentados assim como as unhas, que são rijas e de tamanho médio. Despidos de lã na sua parte terminal;

Úbere - Globoso, com tetos bem implantados;

Sistemas de Exploração

Os ovinos da raça Churra Galega Mirandesa são explorados num sistema tipicamente extensivo, caraterizado por uma baixa concentração de animais por unidade de área, havendo um aproveitamento dos restolhos dos cereais, pastagens naturais e outros recursos forrageiros pobres.

O sistema de exploração atual é muito semelhante ao tradicional, apenas com a introdução de algumas modificações de maneio, nomeadamente ao nível higio-sanitário do efetivo.

O pastoreio de percurso praticado neste sistema extensivo, é importante no controlo da vegetação natural dos pousios, incultos e matas. Assim, impede a expansão de infestantes, o que facilita futuras mobilizações de solo, necessárias à cultura de cereais, diminuindo o risco de incêndio e também o estrume que fica no solo após a passagem do rebanho melhorando a fertilidade deste. (Garcia, 2002; Cortinhas, 2005).

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 158 machos e 4759 fêmeas em linha pura em 66 criadores.

MERINA da BEIRA BAIXA



História e Evolução

Não está perfeitamente aclarada a origem do Merino da Beira Baixa, podendo encontrar-se mais do que uma hipótese. Parece não haver dúvidas de que esta raça tem grande influência do Merino Espanhol, à semelhança de outros merinos. As rotas de transumância foram responsáveis durante séculos por esta "misegenação". As dúvidas surgem relativamente à raça autóctone existente e que foi cruzada com o Merino Espanhol. Os ovinos bordaleiros comuns existentes na zona de Nisa, Gavião e Castelo de Vide poderão ser os ascendentes do Merino da Beira Baixa. A ovelha Serra da Estrela, devido à transumância até Idanha-a-Nova, também é apontada como possível ascendente, em cruzamento com o Merino Espanhol. O Merino da Beira Baixa continua a ter muita importância para a agricultura regional como das poucas soluções para ocupação de terrenos pobres e com uma certa dimensão, nos Concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, e Vila Velha de Ródão, onde se pratica o sistema extensivo de percurso. Adaptou-se às características da região, mais do que a uma incipiente seleção e constitui hoje uma raça com características próprias e potencialidades que urge estudar e preservar.

A natureza do clima e os solos da região não permitem aí a exploração de outro gado mais exigente e mais sensível a um meio tão difícil. Os animais contribuem assim para a fertilização destas terras pobres.

Características e aptidões

A raça ovina Merino da Beira Baixa é explorada na sua tripla função, carne, leite e lã, acrescendo também o seu contributo para a fertilização das terras pobres onde pastoreia. A principal época de cobrição inicia-se em meados de abril e a época de repescagem em meados de agosto. Tem como objetivo o início da ordenha em setembro/outubro prolongando-se até junho de forma a permitir o fabrico do queijo nos meses mais frescos do ano. A lactação dura em média 150 a 180 dias, com uma produção de leite normalizada aos 150 dias de cerca de 54 litros. Ao nascimento, os borregos pesam aproximadamente 3 kg sendo que aos 30 e 70 dias pesam cerca de 8 e 14 kg, respetivamente. Os borregos são desmamados com um a dois meses de idade, não ultrapassando os 12 kg de peso vivo, e vendidos como borregos de "canastra", 7 kg de carcaça, no Natal e Páscoa. Em termos de produção de lã esta raça origina lãs muito finas. A sua qualidade já longinquamente era louvada pois o Intendente de Pecuária de Portalegre descreve no Recenseamento Geral de Gados de 1870 (13) "A qualidade da lã do distrito é, senão das melhores, ao menos das boas que tem o País".

Padrão da Raça

Tipo - Merino;

Cabeça - Pequena, um pouco larga e curta. Perfil craniano subcôncavo. Chanfro reto nas fêmeas, mais ou menos convexo nos machos. Fronte e faces mais ou menos revestidas de lã. Cornos ausentes nas fêmeas e frequentes nos machos, espiralados, rugosos e de secção triangular. Orelhas curtas e horizontais. Boca de tamanho médio;

Pescoço - Curto, por vezes com barbela bem recoberto de lã;

Tronco - De pequeno a médio volume, proporcionado no seu conjunto. Garrote e espáduas pouco destacados. Linha dorsolombar mais ou menos horizontal. Garupa de largura média e um tanto descaída. Totalmente recoberto de lã;

Úbere - De largura média, bem desenvolvido, com tetos curtos, mas bem inseridos;

Membros - Fortes e nem sempre bem aprumados, providos de unhas rijas e bem desenvolvidas. Quase totalmente recobertos de lã nas extremidades livres, sobretudo nos posteriores;

Tamanho - As fêmeas têm em média entre 35 e 40 kg e os machos entre 55 e 70 kg;

Velo - Branco, de lã muito fina, muito extenso e tochado, com madeixas quadradas ou cilíndricas. Reveste a fronte, as ganachas, o pescoço, todo o tronco, os testículos e os membros até quase às unhas.

Área de dispersão dos criadores

Região da Beira Baixa e limite norte do Alto Alentejo.

Área de dispersão dos criadores



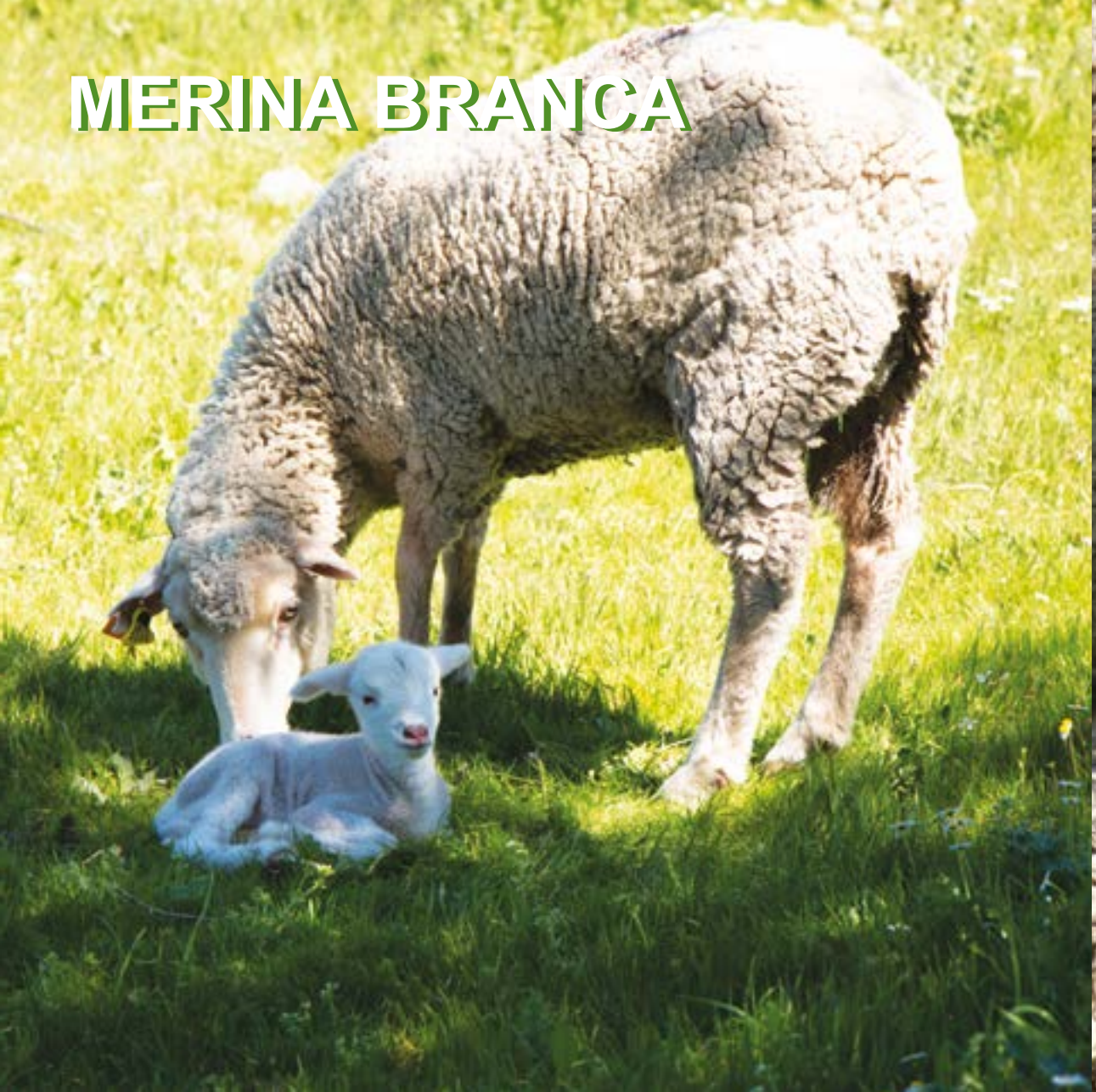







No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 260 machos e 4193 fêmeas em linha pura em 37 criadores.

MERINA BRANCA



História e Evolução

A origem da raça Merina não é consensual. Alguns autores afirmam que é originária do *Ovis arkal* do Médio Oriente e que se dispersou pela região mediterrânea. Outros mencionam que os merinos chegaram com as invasões árabes. A tribo Beni-Merines (1146 D.C.) trouxe rebanhos de ovinos produtores de lãs finas do norte de África. Alguns autores ainda sugerem que podem ter derivado dos *Ovis aris virgney*, na região do mar Cáspio. Os Merinos ancestrais eram pretos e chegaram à Península Ibérica com os Fenícios, Gregos e Cartagineses. Sendo, no entanto, mais unanime que o berço da raça tenha origem na Península Ibérica.

O Regulamento do Livro Genealógico/Registo Zootécnico da Raça Merina Branca foi criado em 1992 e a sua gestão confiada à ANCORME por delegação de competências do Ministério de Agricultura. Inicialmente foi implementado um Programa de Conservação da raça, com os animais qua iam sendo identificados nos criadores. Mais tarde, com o núcleo estabilizado, foi elaborado o Programa de Melhoramento da raça Merina Branca.

Características e aptidões

Os Merinos Brancos caracterizam-se pela qualidade da sua lã e pela sua extraordinária rusticidade. Esta última permite-lhes suportarem as condições difíceis em que vivem, em regiões sujeitas a grandes amplitudes térmicas e a uma fraca e irregular pluviosidade, que compromete a sua alimentação durante largos períodos do ano.

A ovelha Merina Branca é de ciclo éstrico contínuo, pelo que pode ser utilizada em regimes reprodutivos diversos, consoante o interesse dos criadores. Tradicionalmente, o maneio reprodutivo mais utilizado baseava-se em duas épocas de cobrição (primavera e outono) o que permitia a colocação de borregos no mercado nas épocas do Natal e da Páscoa, respetivamente.

Fertilidade: 80-85% | Prolificidade*****: 1.08 ± 0.28 borrego/ano | Peso ao nascimento: 3.5 a 4 kg | Peso ajustado aos 70 dias de idade*: 19.33 ± 4.09 kg | Peso do macho adulto: 80 a 85 kg | Peso da fêmea adulta: 45 a 60 kg | Espessura da fibra de lã: 18 a 25 microns | Comprimento da fibra de lã* 8.28 ± 1.65 cm | Peso médio do velo*: 2.45 ± 0.48 kg.

***** Avaliação Genética da Raça Merina Branca 2018

Padrão da Raça

Aspeto geral - Animal de tamanho médio, eumétrico e mediolíneo de cor branca;

Pele e pelagem - Fina, untuosa e sem pigmentação;

Velo - Muito extenso e tochado, com madeixas cilíndricas ou quadradas. Regularmente homogéneo, recobre a cabeça, todo o pescoço, o ventre, os membros quase até às unhas e os testículos;

Cabeça - De tamanho médio, larga e curta. Perfil craniano subconvexo. Chanfro reto nas fêmeas, mais ou menos reto convexo nos machos. Boca grande, com lábios grossos. Olhos grandes e expressivos, com arcadas orbitais não muito salientes. Orelhas pequenas e horizontais. Cornos ausentes nas fêmeas, mas frequentes nos machos, enrolados em espiral mais ou menos fechada, rugosos e de secção triangular. Bem revestida de lã, a qual recobre por vezes, parte das faces e do frontal;

Pescoço - Curto e bem revestido de lã. Por vezes, uma pequena barbela. Em geral, sem pregas;

Tronco - De volume mediano. Garrote pouco destacado, seguido duma linha dorsolombar horizontal. Espádua regularmente proporcionada e desenvolvida. Costado medianamente arqueado. Ventre desenvolvido. Dorso e rins de comprimento e largura médios. Garupa curta e ligeiramente descaída. No seu conjunto, o tronco apresenta um todo harmonioso;

Membros - Fortes e regularmente aprumados. Curvilhões grossos, tal como as restantes articulações. Revestimento lanar, em geral, abaixo dos joelhos e dos curvilhões;

Úbere - Largo e bem inserido, com tetos curtos mas bem implantados.

Sistemas de exploração

O sistema de exploração mais comum é o regime extensivo, com efetivos de grandes dimensões (300 a 500 ovelhas), sendo atualmente, vocacionado principalmente para a produção de carne. Os Merinos Brancos caracterizam-se pela grande extensão do seu velo e pela boa qualidade da sua lã, assemelhando-se aos espanhóis, com os quais têm grande afinidade. Compreendem cerca de metade do efetivo ovino nacional, revelando algumas variantes em função das influências exercidas pelo meio ou da orientação seletiva que os criadores lhe imprimiram.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 620 machos e 8226 fêmeas em linha pura em 33 criadores.

MERINA PRETA



História e Evolução

A origem da raça Merina não é consensual. Alguns autores afirmam que é originária do *Ovis arkal* do Médio Oriente e que se dispersou pela região mediterrânea. Outros mencionam que os merinos chegaram com as invasões árabes. A tribo Beni-Merines (1146 D.C.) trouxe rebanhos de ovinos produtores de lãs finas do norte de África. Alguns autores ainda sugerem que podem ter derivado dos *Ovis aris virgney*, na região do mar Cáspio. Os Merinos ancestrais eram pretos e chegaram à Península Ibérica com os Fenícios, Gregos e Cartagineses. Sendo, no entanto, mais unanime que o berço da raça tenha origem na Península Ibérica.

O Regulamento do Livro Genealógico/Registo Zootécnico da Raça Merina Preta foi criado em 1994. Inicialmente foi implementado um Programa de Conservação da raça, com os animais qua iam sendo identificados nos criadores. Mais tarde, com o núcleo estabilizado, foi elaborado o Programa de Melhoramento da raça Merina Branca

Características e aptidões

Os Merinos Pretos caracterizam-se pela qualidade da sua lã e pela sua extraordinária rusticidade. Esta última permite-lhes o suportar as condições difíceis em que vivem, em regiões sujeitas a grandes amplitudes térmicas e a uma fraca e irregular pluviosidade, que compromete a sua alimentação durante largos períodos do ano.

Tradicionalmente, o maneio reprodutivo mais utilizado baseava-se em duas épocas de cobrição (primavera e outono) o que permitia a colocação de borregos no mercado nas épocas do Natal e da Páscoa, respetivamente. A ovelha Merina Preta é de ciclo éstrico contínuo, pelo que pode ser utilizada em regimes reprodutivos diversos, consoante o interesse dos criadores.

Prolificidade*: 1.10 ± 0.30 borregos/ano | Peso ao nascimento: 3 a 4 kg | Peso ajustado aos 70 dias de idade*: 18.50 ± 4.09 kg | Peso do macho adulto: 70 a 80 kg | Peso da fêmea adulta: 40 a 50 kg | Espessura da fibra de lã: 18 a 25 microns | Comprimento da fibra de lã*: 7.97 ± 1.58 cm | Peso médio do velo*: 2.30 ± 0.59 kg

* Avaliação Genética da Raça Merina Preta 2018

Padrão da Raça

Aspeto geral - As características morfológicas e funcionais do Merino Preto são idênticas às do Merino Branco, em que a principal diferença, deve-se, como é óbvio, às particularidades genéticas que se manifestam pela presença de pigmentação. O Merino Preto tem uma menor corpulência, possivelmente pelo facto de não ter sofrido a influência de outros tipos mais pesados, como sucedeu com o Merino Branco, e ainda pelo facto de ter sido mantido em zonas menos favorecidas. O Merino Preto é um animal de tamanho médio – eumétrico e mediolíneo;

Pele e pelagem - Fina, untuosa e sem pigmentação;

Velo - Preto muito extenso e tochado, com madeixas cilíndricas ou quadradas, regularmente homogéneo, cobrindo a cabeça, ventre e membros quase até às unhas e testículos;

Cabeça - De tamanho médio, larga e curta. Perfil craniano subconvexo. Chanfro reto nas fêmeas e convexo nos machos. Boca grande, com lábios grossos. Olhos grandes e expressivos, com arcadas orbitais não muito salientes. Orelhas pequenas e horizontais. Cornos ausentes nas fêmeas, mas frequentes nos machos, enrolados em espiral mais ou menos fechada, rugosos e de secção triangular. Bem revestida de lã, a qual recobre por vezes, parte das faces e do frontal. Apresenta no pescoço uma prega longitudinal (barbela);

Tronco - De volume mediano. Garrote pouco destacado, seguido duma linha dorsolombar horizontal. Espádua regularmente proporcionada e desenvolvida. Costado medianamente arqueado. Ventre desenvolvido. Dorso e rins de comprimento e largura médios. Garupa curta e ligeiramente descaída. No seu conjunto, o tronco apresenta um todo harmonioso;

Membros - Fortes e regularmente aprumados. Curvilhões grossos, tal como as restantes articulações. Revestimento lanar, em geral, abaixo dos joelhos e dos curvilhões;

Úbere - Largo e bem inserido, com tetos curtos mas bem implantados.

Sistemas de exploração

O sistema de exploração comum associado a esta raça é um sistema extensivo com o pastoreio em áreas de sob-coberto de montado e/ou em áreas de aptidão cerealífera fazendo o aproveitamento dos restolhos e da erva Primaveril. São na generalidade explorações agrícolas com efetivos de dimensão média (200 a 400 ovinos), existindo algumas explorações com efetivos acima dos 800 ovinos.

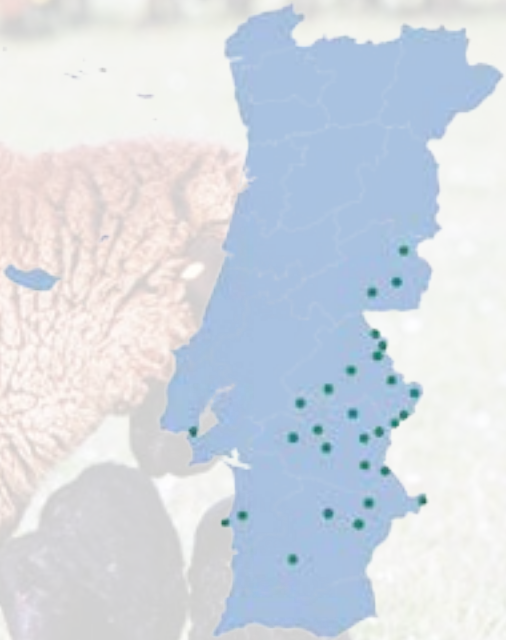
Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 751 machos e 12288 fêmeas em linha pura em 60 criadores.



MONDEGUEIRA



História e Evolução

A Mondegueira é das raças ovinas mais primitivas da Península Ibérica, supondo-se que antigamente fosse esta a raça mais disseminada em toda a Beira Alta, principalmente na zona meridional do distrito da Guarda.

Trata-se de uma raça que pela sua robustez não foi desprezada do seu habitat natural. Os carateres ancestrais que manifesta e a diferencia das outras raças são essencialmente a sua conformação, o seu temperamento e a sua rusticidade. As características lanares e a pigmentação centrífuga verificada nalguns animais e, ainda a aptidão leiteira denunciam na sua representação ancestral o *Ovis aries studery*.

Esta raça ovina é a imagem do meio agreste em que vive, refletindo as condições dos solos, do clima e da cultura local, incluindo o ambiente socioeconómico em que é atualmente mantida, onde tem tido uma importância primordial na economia destas zonas periféricas de montanha, enquanto principal fonte de rendimento dos produtores de ovinos.

A raça ovina Mondegueira está predominantemente localizada numa região planáltica designada por Terra Fria Beirã (abrange os concelhos de Penedono, Meda, Trancoso, Celorico da Beira, Guarda e Pinhel), com as explorações situadas a uma altitude que varia entre os 450 e os 850 metros, cortada, de forma abrupta, pelos profundos vales dos rios Mondego, Côa e Távora, que a limitam respetivamente a sul, este e oeste, e muitos ribeiros, oferecendo uma diversidade de paisagens em que alternam os montes de granito, floresta, mato espontâneo, pomares, vinha e prados naturais ou semeados

As ovelhas Mondegueiras são exploradas em pastoreio em regime extensivo e nas vertentes de dupla aptidão de produção de leite e carne. Sendo os ovinos da raça Mondegueira par dos ovinos de raça Serra da Estrela na região demarcada do queijo “Serra da Estrela”, esta raça também é corresponsável pelos mesmos três produtos de denominação de origem protegida, ligados à produção de leite naquela área geográfica de produção: o Queijo Serra da Estrela – DOP, Queijo Serra da Estrela Velho – DOP e Requeijão Serra da Estrela – DOP. Já o borrego churro da ovelha Mondegueira engloba a indicação geográfica do Borrego da Beira, reconhecido como produto IGP.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Estatura Média, de cor branca; O peso vivo nos adultos é de 50 a 60 kg nos machos e de 40 a 50 kg nas fêmeas;

Pele e pelagem - Pele fina e untuosa de cor geralmente branca, por vezes com pigmentação à volta dos olhos, orelhas e extremidades dos membros;

Velo - De mediana extensão, pouco tochado de madeixas pontiagudas que reveste o pescoço e o tronco com exceção de partes da barriga e as partes livres dos membros;

Cabeça - Volume médio, deslanada mas com tufo de lã na fronte (poupa), perfil craniano reto, chanfro ligeiramente convexo, sobretudo nos machos, orelhas horizontais de comprimento médio, cornos em ambos os sexos em forma de espiral aberta, rugosos e de secção triangular, boca grande de lábios grossos por vezes pigmentados de preto ou castanho, olhos grandes;

Pescoço - Estreito de forma triangular, revestido de lã, sem barbela nem pregas com ligação regular ao tronco;

Tronco - Peito estreito com costelas ligeiramente arqueadas, linha dorso lombar horizontal com dorso e lombos estreitos, o ventre é de volume médio e por norma deslanado, garupa curta estreita e um tanto descaída;

Membros - Geralmente finos mas fortes, deslanados na parte terminal, nádega pouco desenvolvida, unhas rijas;

Úbere - Forma globosa, de bom volume, revestido por uma pele fina e elástica, com sulco mediano evidente, tetos de bom desenvolvimento e bem implantados.

Sistemas de exploração

As ovelhas Mondegueiras são exploradas de forma tradicional em pastoreio, em regime extensivo, e nas vertentes de dupla aptidão, de produção de leite e produção de carne.

Área de dispersão dos criadores















No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 127 machos e 1917 fêmeas em linha pura em 40 criadores.


SALOIA

História e Evolução

Pensa-se que na origem desta raça estão cruzamentos obtidos entre o “vagabundo careo” do Norte e descendentes dos merinos oferecidos pelo pelo monarca espanhol D. Fernando VII de Espanha ao Rei de Portugal, e que foram alojados na Quinta do Marquês em Oeiras.

Como os arredores de Lisboa eram povoados por gado denominado bordaleiro, os agricultores da região fizeram cruzamentos para melhorar os seus rebanhos, produzindo excelente carne. Os animais apresentavam características semelhantes ao Merino. Como o gado bordaleiro é um mestiço do *Ovis Aries Africana* (merino) e *Ovis Aries Iberica*, ou carneiro dos Pirinéus (Conhecido vulgarmente como carneiro espanhol) é natural que o duplo cruzamento com um merino acentuasse essa característica no gado bordaleiro. Em 1864, estes animais foram incluídos no Grupo Bordaleiro.

O solar da Raça localiza-se na região envolvente de Lisboa, conhecida com a designação de Saloia, que inspirou o seu nome. Esta dispersou-se pela península de Setúbal devido à necessidade sentida pelos criadores de então, disporem de animais capazes de assegurar o leite necessário para o fabrico do queijo de Azeitão, cujas origens conhecidas se situam entre 1820-30. A esta necessidade, acresceu a proximidade entre as duas regiões, e o facto de a Serra da Arrábida e suas zonas limítrofes, constituírem uma zona de implantação de clima semelhante. Atualmente, existem efetivos desta raça nos concelhos de Mafra, Loures, Torres Vedras e Lourinhã. Também nas regiões de Portalegre, Arraiolos, Redondo e Castelo Branco encontramos alguns efectivos, núcleos com origem em rebanhos da região de Setúbal.

Características e aptidões

A especialização da produção de leite que caracteriza esta raça foi obtida à custa de ginástica funcional e só aconteceu no fim do século XIX, 1880 a 1890, época em que as lãs tinham pouco valor e os criadores aproveitaram para estimular, cada vez mais, a aptidão leiteira. Além disso, houve uma esmerada seleção dos reprodutores quanto à aptidão leiteira.

O leite produzido destinava-se, essencialmente, ao fabrico de queijo e manteiga. Para que o sabor da manteiga fosse mais agradável, juntavam três partes de nata de leite de ovelha e uma parte de vaca.

A lã destes ovinos é como a do tipo merino, ondulada frisada, fina e altosa.

Os animais desta raça são designados de bruscos, porque apesar de brancos têm a superfície do velo escura, o qual é devido ao muito sugo da lã a que se prendem facilmente poeira e outros corpos estranhos que a sujam.

Padrão da Raça

Pele e pelagem - Pele fina elástica e untuosa, pigmentada nas partes deslanadas (orelhas, chanfro, face e extremidade dos membros), variando a pigmentação desde o castanho-escuro ao castanho claro por vezes pardo, apresentando ou não malhas;

Velo - De lã branca, por vezes com pigmentação amarelada com madeixas quadradas ou cilíndricas, muito sugo e sem pelos cábreos;

Cabeça - Mediana, de forma piramidal e deslanada. Fronte estreita, plana ou ligeiramente convexa. Olhos grandes. Boca bem rasgada e de lábios finos. Face comprida, estreita e de forma triangular. Chanfro reto ou ligeiramente convexo. Orelhas médias, horizontais ou ligeiramente descaídas. Machos com cornos fortes e espiralados e fêmeas sem ou com cornos finos e em forma de foice, em qualquer dos casos de secção triangular, mais vincada no macho;

Tronco - Pescoço de comprimento médio com barbela; o garrote é pouco saliente e as costelas pouco arqueadas. A garupa é ligeiramente descaída e o ventre volumoso;

Membros - Vigorosos, bem proporcionados, de tamanho médio, finos, deslanados desde um pouco acima dos joelhos e dos curvilhões;

Úbere - Bem desenvolvido, de forma globosa ou em fundo de saco, pele fina e elástica, sulco mediano evidente e tetos de tamanho regular.

Sistemas de exploração

Durante anos, o sistema de exploração mais seguido era o de maneio tradicional em que as fontes alimentares eram à base de pastagens espontâneas de sequeiro, palhas e alguns fenos, e o recurso a prados semeados, quer de sequeiro quer de regadio, era raro. As rações de concentrados eram quase exclusivas de explorações que dispunham de ordenha mecânica. Atualmente, os produtores possuem na sua maioria sistemas de ordenha mecânica e como tal, recorrem ao alimento composto para administração nas duas ordenhas diárias.

O peso ao nascimento é de 3 a 4 kg, e todas as crias são amamentadas durante 4 semanas aproximadamente, findas as quais as que não são destinadas à reprodução são encaminhadas para abate com a designação de “borregos de canastra”. Os machos e as fêmeas destinadas a futuros reprodutores são amamentados até aos 2 a 3 meses de idade.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 97 machos e 2778 fêmeas em linha pura em 17 criadores.

SERRA da ESTRELA



História e Evolução

A raça ovina Serra da Estrela tem origens muito remotas que se perdem na memória dos tempos, devido à evolução destes ovinos a partir de formas selvagens (Carneiro da Turfeiras – *Ovis aries palustris*; Muflão Europeu – *Ovis musimon* e Muflão Asiático – *Ovis aries orientalis*) (Frazão, 1989). Segundo a DGP (1987) a origem destes ovinos vem da sua filiação no tronco dos *Ovis aries ligeirensis* de Sanson.

Segundo Frazão (1989), a domesticação verificou-se na Península Ibérica a partir do Muflão Europeu. Contudo, a contradizer todas estas datas, equipas de peritos internacionais sugerem a existência de pastoreio em altitudes de 1.400 a 1.800 metros de altitude, após pesquisa nas turfeiras da Serra da Estrela, sobre os pólens fósseis através da datação de C14 dos estratos geológicos que correspondem aos últimos 10.000 anos.

Em anos não muito longínquos praticava-se a transumância das ovelhas que estavam nos vales subindo para a Serra da Estrela e Montemuro no mês de junho, onde permaneciam até meados de Agosto (Pinto, 1982). Por sua vez os rebanhos da Serra da Estrela, no início do Inverno e devido à neve desciam para a planície dirigindo-se para os campos do Mondego, campos de Ourique, campos de Idanha e Douro (Patto, 1989). Atualmente, a transumância deixou de se praticar como era nesses tempos, devido a condicionalismos de diferentes ordens, tais como: sanitários, humanos, diminuição do efetivo e abandono das terras, melhor recria das fêmeas de substituição e maneio alimentar mais correto no final da gestação. Assim a transumância resume-se nos nossos dias à subida de alguns rebanhos para a Serra da Estrela. Com o surgir da linha férrea da “Beira Alta”, a vocação leiteira desta ovelha começa a ser explorada ao máximo, devido à possibilidade de transporte, as trocas comerciais começam a implementar-se e a produção de queijo “Serra da Estrela” assume uma maior importância.

Há vários séculos a principal aptidão a ser explorada era a lã, seguindo-se a fertilização da terra, leite e carne. Hoje esta exploração está totalmente invertida, pois a fertilização da terra deixou de ter qualquer expressão devido sobretudo à introdução de fertilizantes e ao abandono da terra, no que diz respeito à lã esta é considerada praticamente como um sub produto na economia da exploração, devido ao seu baixo valor comercial.

A lã teve o seu auge nos anos 30, com o despontar da indústria têxtil nas fraldas da Serra da Estrela, tendo havido uma grande procura da lã branca em detrimento da lã preta. É assim que a variedade preta vê reduzido o seu efetivo ficando praticamente circunscrita a uma zona do concelho de Oliveira do Hospital, denominada de “cordinha”. Hoje esta variedade já se encontra disseminada por todo o solar da raça, mas mesmo assim estima-se que só representa 10% do efetivo total da raça.

Padrão da Raça

Pele - é fina, elástica e untuosa, branca e com reduzida pigmentação nas extremidades, ou preta;

Velo - pode ser branco ou preto, pouco extenso não abrangendo a cabeça, a barriga e os membros; pouco tochado de madeixa cilíndrica ou pontiaguda; pelos cábrios mais abundantes na parte dorsal (posterior) do animal;

Cor - A ovelha Serra da Estrela, pode ser de cor branca ou preta;

Cabeça - A cabeça é mediana de forma piramidal, deslanada, fronte estreita e plana, arcadas orbitárias salientes, olhos grandes, face comprida e estreita de forma triangular, chanfro convexo e liso, boca rasgada de lábios grossos; cornos em ambos os sexos, de comprimento variável, de forma espiralada, rugosos, fortes na base, finos e mais claros na ponta;

Tronco - Apresenta um pescoço comprido, delgado, de forma tronco cónica, sem barbela, garrote largo e pouco destacado; as espáduas oblíquas compridas e estreitas; o costado bem arqueado; o dorso e lombo compridos e largos; a garupa comprida e de regular largura; o ventre volumoso, o úbere de forma globosa desenvolvido com sulco mediano evidente e os tetos grandes e bem implantados;

Membros - são finos e compridos, bem aprumados, deslanados abaixo do joelho e curvilhão; unhas pequenas e rijas;

Pele - é fina, elástica e untuosa, branca e com reduzida pigmentação nas extremidades, ou preta;

Velo - pode ser branco ou preto, pouco extenso não abrangendo a cabeça, a barriga e os membros; pouco tochado de madeixa cilíndrica ou pontiaguda; pelos cábrios mais abundantes na parte dorsal (posterior) do animal;

Lã - é do tipo cruzada fina, pouco ondulada, toque suave ou ligeiramente áspera.

Características e aptidões

Em 1944, ano em que se efetuaram os primeiros contrastes leiteiros em ovelhas Serra da Estrela, registou-se uma produção total média de 109 litros e uma produção média diária de 0.5 litros. A raça ovina Serra da Estrela é uma raça predominantemente de vocação leiteira sendo o seu leite utilizado para a produção de queijo Serra da Estrela (DOP). Contudo, também esteve desde sempre ligada à produção de carne, através do seu borrego de leite, o borrego Serra da Estrela (DOP).

Tem sido através da intervenção, a vários níveis, da Associação Nacional de Criadores de Ovinos Serra da Estrela (ANCOSE), que esta raça se tem mantido, nomeadamente, através das ações reprodutivas nas explorações (IA, sincronização de cios, utilização de machos selecionados) e da recolha e organização da informação genealógica e produtiva (através dos contrastes funcionais de lactação).

Área de dispersão dos criadores















No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 1102 machos e 19239 fêmeas em linha pura em 211 criadores.

Caprinos

Raças:

Algarvia
Bravia
Charnequeira
Preta de Montesinho
Serpentina
Serrana

ALGARVIA



História e Evolução

Os caprinos da raça Algarvia, segundo Simplício Barreto Magro, são “animais provenientes do cruzamento da Chamequeira do Algarve com animais importados de Marrocos há mais de um século, que teriam recebido, mais recentemente, a influência da cabra serrana Andaluza e mais provavelmente, da raça Alpina Espanhola“. Silva Lobo e outros, referiam que em 1981, “na zona de Alcantarilha, freguesia do concelho de Silves, encontravam-se ainda alguns animais de pelagem branca uniforme, menos corpulentos que os Algarvios e que segundo os pastores mais idosos, tiveram a sua origem num núcleo caprino originário do norte de África, transportado para o Algarve, há algumas dezenas de anos, em barcos de pesca”.

Por sua vez, Marcelino Sobral considerou que “a raça, sem dúvida uma das melhores que dispomos, formou-se depois de 1870, à custa da Cabra Charnequeira Algarvia e da Alpina Espanhola, tendo herdado desta a pelagem policromada e o grande potencial leiteiro”.

Um estudo da caracterização genética das raças autóctones de caprinos, em que se utilizaram marcadores genéticos uniparentais (DNA mitocondrial) na definição de linhagens, Pereira *et al*. (2004) confirmaram através da partilha de linhagens com raças da região, o facto da raça Algarvia resultar do cruzamento de animais provenientes do norte de África com animais autóctones. A inclusão de animais de raças do centro da Europa, com bons níveis produtivos (nomeadamente leiteiros), poderá explicar a influência detetada.

O rebanho é sempre acompanhado pelo pastor e na quase totalidade dos casos regressa todas as noites ao curral.

Cabra de aptidão mista, leite e carne, sendo sobretudo explorada na vertente leiteira. Em contrastes efetuados, obtiveram-se médias de produção total entre 404 e 524 kg em 278 dias de lactação, com um máximo de 730,5 kg em 204 dias.

O solar da raça situa-se no nordeste Algarvio incluindo-se como área de expansão toda a região do Algarve e, mais recentemente, surgiram alguns rebanhos de pequena dimensão no Baixo Alentejo.

A cabra Algarvia apresenta alta prolificidade. Em estudos efetuados verificou-se que em 2734 partições, 74,1 % foram partos duplos e 6,4 % triplos. Nas cabras em terceira parição ou superior, a percentagem de partos duplos foi de 79,5 % e de 9,2 % de partos triplos. O ritmo reprodutivo está perfeitamente definido em duas épocas de cobrição: a principal durante os meses de abril e maio e uma secundária em setembro e outubro.

As primíparas têm partos de janeiro a março, cerca de 60 %, enquanto nas multíparas mais de 70 % dos partos ocorrem de Outubro a Dezembro.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Fenotipicamente bem definida, esta raça distingue-se das restantes etnias existentes no país, sendo animais relativamente corpulentos que atingem um peso vivo de 40 a 50 kg para as fêmeas adultas e de 60 a 80 kg para os machos;

Pele e pelagem - Pelo curto, de cor predominantemente branca com pelos, de vários tons de castanho ou pretos, disseminados irregularmente ou agrupados em malhas bem definidas. Com certa frequência aparecem animais de pelos compridos ao nível dos costados, ventre e membros posteriores, e mais raramente nos membros anteriores;

Cabeça - De dimensão regular e forma triangular com chanfro retilíneo ou ligeiramente côncavo. As orelhas podem ser de quatro tipos distintos: compridas, abertas e pendentes; médias, em "corneto" e lançadas para fora (sendo este tipo mais frequente); curtas, em "corneto" e direitas ("orelha turca"); muito curtas, com cerca de 3 a 4 cm de comprimento e eretas ("orelha rata"). Os cornos são espiralados, largos na base, dirigidos para cima, para trás e divergentes para os lados, com ângulos e aberturas variáveis, raramente inermes. Podem aparecer armações em forma de sabre ou intermédias entre os tipos "Prisca" e "Aegagrus". Raramente se encontram animais mochos. Os machos exibem barba, o que nas fêmeas é raro;

Pescoço - De comprimento regular, bem musculado e com boa inserção. São raros os animais com "brincos";

Tronco - Bem desenvolvido e apresenta abdómen volumoso. A linha dorsal é quase horizontal. A garupa é descaída e a cauda pequena;

Membros - Fortes e aprumados;

Úbere - É formado por glândulas cónicas e pendentes, com tetos pouco destacados e paralelos, ou então, por glândulas globosas, com tetos bem individuais e dirigidos para a frente e para fora.

Sistemas de exploração

O caprino de raça Algarvia é explorado em regime extensivo, com o aproveitamento da flora natural, constituída por herbáceas de curva de crescimento curto e por arbustivas (cistáceas e lavândulas). De destacar a importância das estevas (*Cistus ladanifer e C. monspeliensis*) como recurso alimentar. Dado que os criadores não possuem normalmente terrenos próprios com área suficiente para alimentar os seus caprinos, é tradicional procederem ao arrendamento de pastagens, contra pagamento em dinheiro, em troca de produtos ou recebendo alguns animais no seu rebanho, o que os obriga a percorrer diariamente grandes distâncias. A suplementação com alimentos concentrados e/ou aveia e fava, é feita ao longo de todo o ano, com um reforço nas épocas de menor disponibilidade de pastagens e durante o período de lactação.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 130 machos e 2477 fêmeas em linha pura em 51 criadores.

BRAVIA



História e Evolução

A raça caprina Bravia, é a que mais perto se encontra da Cabra Selvagem do Gerês (*Capra pyrenaica lusitanica ou hispanica*) quer geograficamente, quer na pelagem e armações, quer ainda na agilidade (Carloto, 2001).

Os animais desta raça são rústicos, assertivos e valentes, caraterísticas estas que lhe dão o nome.

A raça Bravia define-se pela sua elevada adaptabilidade ao meio onde é explorada. Os animais desta raça surpreendem pela forma como se movimentam aquando do pastoreio. A agilidade, as cores, a conformação delicada promovem uma dissimulação destes animais com a paisagem. É a única raça de caprinos nativos de Portugal com aptidão exclusiva para a produção de carne. Com aproximadamente 12.000 animais registados no livro genealógico, esta raça é criada no norte de Portugal em cabradas de 150 a 250 animais. Esta raça admite colorações de pelagem castanhas, ruivas, pardas ou pretas, de diversas tonalidades, com ou sem malhas, sendo vulgar apresentarem as extremidades (cabos, face e linha dorsolombar) com tonalidades mais escuras que o resto do corpo. Com cornos finos e eretos, ou ligeiramente curvados dorsalmente, são maiores e ligeiramente espiralados nos machos.

Explorada essencialmente nas áreas das serras do Marão-Alvão e serras de Peneda-Gerês, supõe-se que o isolamento geográfico terá privilegiado a fixação de alguns atributos nas cabras dessas regiões, o que terá resultado na diferenciação do ecótipo do Alvão e do ecótipo do Gerês. Os animais do ecótipo do Alvão são predominantemente castanhos ou ruivos, são também maiores, mais compridos e mais pesados que os animais do ecotípo do Gerês, os quais são predominantemente pretos, castanhas escuros ou bicolores.

A cabra Bravia também tem vindo a ser utilizada como parte do plano de prevenção de incêndios de forma sustentável, que associa diferentes intervenientes no sistema agroambiental de montanha nas áreas de criação da cabra Bravia. De facto, a cabra Bravia, pela sua agilidade, pode mostrar-se útil no controlo do coberto vegetal em áreas de difícil acesso, devendo este controlo do coberto vegetal ser encarado como um dos produtos resultantes da exploração da mesma.

Integrada num sistema de biodiversidade doméstica de valor inestimável, a cabra Bravia, como raça autóctone, acarreta consigo um património genético único. Além dos produtos já mencionados, resultam da exploração da cabra Bravia a produção de pele e pelagem, que serve essencialmente para efeitos decorativos (tapetes), a produção de fertilizante orgânico (estrume), pois as camas dos animais são, tradicionalmente de palha e mato, que é renovado e removido com regularidade, sendo depois incorporado nos terrenos dos próprios produtores como fertilizante orgânico nas culturas.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Estatura pequena ou mediana consoante o ecótipo com tipo de pelagem muito diversa, representada por animais elipométricos e ortóides;

Cabeça - Triangular, seca, com cornos em ambos os sexos, pequenos, finos e eretos, ou ligeiramente curvados para trás; a barbicha é bem evidente em todos os machos, e aparece ocasionalmente em algumas fêmeas. Os penduricalhos, prolongamentos cutâneos, com uma base cartilaginosa servindo de esqueleto, completamente móveis e maleáveis, de função desconhecida. Estes estão localizados no pescoço na zona das carótidas, e são muito frequentes na cabra bravia, pois apenas esporadicamente aparecem animais sem penduricalhos. Orelhas de tamanho média, horizontais e dirigidas para a frente;

Tronco - Pescoço comprido, fino e bem ligado, tronco pouco desenvolvido, linha dorso-lombar reta, garupa descaída e diâmetro dorsoesternal e bicostal pequenos; úbere pequeno, bem ligado, com tetos pequenos;

Membros - Curtos, finos e com as articulações bem salientes. Os bons aprumos, associadas àquelas características e ao reduzido peso, fundamentam a excelente agilidade dos caprinos da raça bravia;

Pelagem - O pelo é curto, sendo mais comprido e áspero no machos. Dominam as colorações preta ou castanha. Esta última, evidencia tonalidades mais escuras na cabeça, ao longo do dorso, garupa, ventre e extremidades dos membros. Alguns caprinos apresentam malhas, com localização variável. A pele é de cor escura.

Sistemas de exploração

Está perfeitamente adaptada a sistemas de produção em extensivo baseados no pastoreio de percurso, sendo assim indissociável das paisagens de montanha do norte de Portugal.

A alimentação da cabra Bravia, depende quase totalmente do pastoreio. Monteiro (2005), destaca que os animais raramente ficam nas cortes durante o dia, exceto quando as condições climatéricas são muito adversas, os animais são de tenra idade ou estão débeis. Alguns dos alimentos fornecidos na corte são: feno, palha, erva, rama de vidoeiro, de salgueiro, de carvalho, de castanheiro, urze e fetos secos entre outros. Consoante a estação do ano, existem diferenças no pastoreio, quer no que se refere percursos quer no que se refere à sua duração. Estas diferenças sazonais significam na prática, que o pastoreio pode demorar 5 horas nos dias de inverno mais rigorosos, até 15 horas nas épocas mais quentes.

Esta raça é explorada apenas na vertente carne, na qual o cabrito bravio é a sua produção de excelência. Os cabritos permanecem nas instalações (“cortes”) até aos 2 a 3 meses de idade, sendo-lhes fornecidos alimentos arbustivos recolhidos no monte. A produção de leite das mães é destinada na sua totalidade à amamentação dos cabritos.

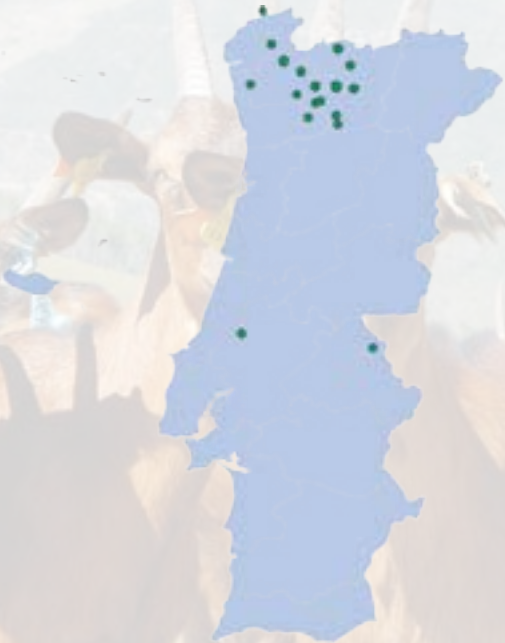
Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 448 machos e 9695 fêmeas em linha pura em 90 criadores.



CHARNEQUEIRA



História e Evolução

A cabra charnequeira parece ter tido origem na *Capra aegagrus*, recebendo mais tarde influência do tronco pirenaico. Existe também a hipótese de ser descendente da *Capra falconeri* ou da sua representante na Europa – cabra palustre de Reitimageri ou *Capra hircus sterpsicerus* ou Céltica de August.

Esta raça subdivide-se em dois ecótipos, Alentejana e Beiroa. Estes dois ecótipos resultam das diferenças do meio ambiente onde a raça é explorada, no Baixo Alentejo formou-se a Alentejana ou Machuna e no Alto Alentejo e Beira Baixa formou-se a Beiroa, sendo esta última mais encorpada e com maior aptidão leiteira.

A exploração caprina tem vindo a decrescer dentro do complexo agropecuário da Beira Interior, deixando por si só grandes áreas improdutivas, cujo aproveitamento apenas é possível com a raça caprina adaptada às caraterísticas da região. O decréscimo resultou da introdução de raças exóticas no efetivo caprino da região, com o objetivo de um fácil aumento de produção. Na verdade, assim não aconteceu e, à medida que se aumentou a dominância da raça exótica, através de cruzamentos com a raça autóctone mantendo o sistema de exploração extensivo, dadas as condições desfavoráveis para o desenvolvimento destas novas raças, levou a que os produtores deixassem de acreditar e abandonassem uma atividade capaz de utilizar as chamadas zonas marginais dos campos de cultivo. A diminuição do efetivo deve-se, também, à dificuldade de mão-de-obra com formação adequada para realizar o maneio destes animais, em condições que lhe permitam expressar todas as suas potencialidades produtivas.

Os criadores encontram-se dispersos pelos distritos de Castelo Branco, Guarda, Coimbra, Santarém, Setúbal e Beja.

O ecótipo Alentejana/machuna, que se distribui no Baixo Alentejo, concelhos de Santiago do Cacém, Sines e Odemira, e o ecótipo Beiroa que se encontra no Alto Alentejo, em Nisa e Castelo de Vide, e na Beira Baixa, em Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Rodão.

A carcaça é o principal produto comercializável, sendo as caraterísticas quantitativas e qualitativas, determinantes para a atribuição do seu valor comercial, em função da procura no mercado. Estas características são o resultado de um processo biológico que tem lugar num animal, de um genótipo determinado e submetido a um sistema de produção definido. Na produção de carne, o rendimento obtém-se quando o cabrito é comercializado antes de atingir os 7 kg de carcaça.

O ecótipo Beiroa é explorado para produção de leite. Em geral o leite de cabra é misturado com o de ovelha obtendo-se o queijo à “Cabreira” de Castelo Branco amarelo ou picante consoante o processo de cura.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Perfil retilíneo ou subcôncavo, eumétricos e sub-hipermétricos, explorados na dupla aptidão leite-carne;

Pele e pelagem - Uniforme, de cor vermelha com tons que vão desde o claro (trigueiro) até ao retinto (cor de mogno). Pele e pelagem forte e elástica, pelo curto, liso e, por vezes, brilhante nas fêmeas, sendo mais grosso e hirsuto nos machos, sobretudo no dorso e lombo;

Cabeça - Média, de perfil retilíneo ou subcôncavo, de fronte convexa, seguida de pequena depressão, e chanfro retilíneo; olhos vivos e acastanhados; orelhas pouco destacadas, direitas e de comprimento médio; inerme ou com cornos, grandes, largos e juntos na base, dirigidos para cima, ligeiramente inclinados para trás, divergentes e retorcidos nas pontas ou nitidamente espiralados, em saca-rolhas, rugosos e de secção triangular; barbicha frequente nos bodes e rara nas fêmeas;

Pescoço - Comprido e estreito, quase sempre com brincos;

Tronco - Amplo, com peito estreito e profundo; cruz pouco destacada; linha dorso-lombar quase direita, ligeiramente descaída para a frente; garupa descaída; cauda curta, horizontal e arrebitada na ponta; abdómen bem desenvolvido;

Membros - Fortes, curtos, com aprumos regulares e unhas resistentes;

Úbere - Ensacado e pendente ou globoso, de regular desenvolvimento, tetos destacados e de tamanho médio.

Sistemas de exploração

Esta raça é explorada em sistema extensivo, com dimensão das cabradas entre 100 a 150 animais, e uma alimentação à base de pasto espontâneo, restolhos e diversas espécies arbustivas ou arbustos.

No norte da área de dispersão encontram-se cabradas de menor dimensão – 10 a 50 animais. As fêmeas têm 1 parto/ano que ocorre em 2 épocas do ano - outubro/novembro e janeiro/fevereiro. As crias ficam encerradas no capril e são amamentadas duas vezes ao dia. Normalmente são vendidas até aos 45 dias de idade no ecótipo Beiroa e aos 3 a 6 meses no ecótipo Alentejana

As condições de exploração dos animais condicionam o seu desenvolvimento tendo o ecótipo Beiroa, animais mais encorpados, com um peso adulto para as fêmeas de 50 kg e para os machos de 78 kg. Este peso está intimamente correlacionado com os períodos de maior exigência do animal e às disponibilidades alimentares naturais, caso não se procedam às suplementações corretas em épocas de carência alimentar.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 189 machos e 1869 fêmeas em linha pura em 37 criadores.

PRETA de MONTESINHO



História e Evolução

O seu nome oficial, Cabra Preta de Montesinho, relaciona a sua cor caraterística com o Parque de Montesinho um símbolo importante da região do nordeste transmontano, onde era designada como a Cabra Antiga, Galega, Bragançana ou Preta.

O solar desta raça situa-se no nordeste de Portugal, nomeadamente, nos concelhos de Bragança (15 criadores), Vinhais (4 criadores) e Vimioso (2 criadores). Outrora marcava também presença nos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Alfândega da Fé.

Apesar das dificuldades, tem-se assistido a uma lenta, mas continuada recuperação do efetivo, não só no seu solar de origem, como despertando o interesse de criadores de outras paragens, como é o caso dos criadores dos concelhos de Amarante (2 criadores), Santa Marta de Penaguião (1 criador), Mondim de Basto (2 criadores), Carrazeda de Ansiães (1 criador) e Vila Velha do Rodão (1 criador).

A raça apresenta uma prolificidade de 1.4, alcançando os seus produtos 8.96 kg de peso médio ajustado aos 70 dias. Quanto à sua produção de leite, ela é extremamente diversa existindo explorações com produções médias aos 150 dias de 100 - 110 litros.

Com a implementação, em janeiro de 1998, do livro genealógico da Raça Caprina Bravia, deparamonos, nas zonas mais remotas do nordeste transmontano, com caprinos cujas caraterísticas morfológicas não se enquadravam em nenhuma das raças reconhecidas e, no dizer das populações, ancestrais na região e no passado dominantes. Por isso, com a colaboração do Parque Natural de Montesinho, foi realizado um levantamento inicial em 1999 a que se seguiu outro em 2004 já com o apoio da Direção Geral de Veterinária. Nestes localizaram-se e caracterizaram-se morfologicamente e funcionalmente estes animais. De um levantamento para o outro salienta-se a grande diminuição do número de criadores e dos efetivos assim como uma crescente descaraterização resultado da introdução de chibos de outras proveniências. De facto, esta população caprina veio, ao longo dos tempos, a desaparecer, de uma forma muito relacionada com a desertificação e envelhecimento das gentes da região. A inexistência de recolha do leite e a escassez de queijarias levou também ao abandono principalmente das explorações de maior dimensão.

Com o seu reconhecimento, enquanto raça autóctone, em 2009, os criadores puderam beneficiar de apoio às medidas Agro-Ambientais o que contribuiu para travar o abandono, a não exploração em linha pura ou mesmo a opção por outra raça.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Estatura mediana, com altura média ao garrote de 69 cm nas fêmeas e 77 cm nos machos. Pelos escuros, curtos e lisos. Cabeça média com cornos pequenos, quando existentes. Pescoço comprido e mal musculado. Úbere bem desenvolvido com tetos grandes;

Cabeça - Média, comprida, de perfil retilíneo, fronte estreita e ligeiramente abaulada; chanfro largo e retilíneo, focinho fino; boca pequena e lábios finos; orelhas compridas horizontais ou mais frequentemente semi-pendentes, cornos pequenos, com base de secção triangular, lisos, dirigidos para trás em forma de sabre, com hastes paralelas ou ligeiramente divergentes. Bastantes exemplares inermes;

Pele e pelagem - Preta a castanha muito escura, com pelos curtos, lisos muitas vezes brilhantes;

Tronco - Linha dorso-lombar quase direita; dorso e rins descarnados e retilíneos; garupa descaída; cauda curta. Tronco ligeiramente arqueado; abdómen regularmente desenvolvido;

Úbere - Bem desenvolvido de mamas cónicas, com tetos grandes pouco destacados, pendentes ou ligeiramente dirigidos para a frente;

Membros - Finos, resistentes, com unhas pequenas e rijas.

Sistemas de exploração

No essencial, existiram duas formas de explorar estes animais, uma mais virada para a produção de carne com os animais de menor corpulência nos rebanhos, por vezes comunitários, que em pastoreio de percurso obtêm alimento nas zonas mais elevadas e pobres e uma outra nas áreas mais férteis visando também a obtenção de leite em animais de maior porte e boa capacidade leiteira. A não existência, nestas áreas, de redes de escoamento e transformação do produto dificultou de tal forma a viabilidade que acabaram por quase desaparecer. Alguns dos animais eram criados em número muito reduzido perto das habitações, funcionando como a vaca leiteira dos pobres. Ainda hoje devido á sua aptidão leiteira, subsistem pequenos núcleos, integradas em rebanhos de ovinos normalmente da Raça Churra Galega Bragançana.

Este cabrito, abatido em tenra idade, era uma especialidade gastronómica muito apreciada na região onde era conhecido como Cabrito Branco de Montesinho devido às suas carnes claras.

Presentemente estes animais são explorados na dupla vertente carne/leite.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 90 machos e 1161 fêmeas em linha pura em 35 criadores

SERPENTINA



História e Evolução

A Raça Serpentina é uma raça caprina autóctone, com origem no Alentejo.

Os seus ancestrais, tal como de outras raças Ibéricas, resultaram da miscigenação de animais provenientes de diversas regiões da Península Ibérica e Norte de Africa, fomentada pelas trocas comerciais, migrações e transumância realizada ao longo dos tempos pelos povos na península.
No caso particular da Serpentina, pelos registos existentes terão sido animais que entraram pela Raia Alentejana que terão dado origem às primeiras populações, que foram originalmente referidas como Raianas, Castelhanas ou Espanholas, tendo sido posteriormente atribuída à região de Serpa o solar da raça e adotado o nome de Serpentina.

A cabra Serpentina, assume um protagonismo que lhe confere uma acentuada superioridade relativamente às outras raças de caprinos e mesmo a outras espécies pecuárias exploradas nas mesmas condições limitantes, sejam elas de natureza climática (resistência ao frio e calor), topográfica (utilização de zonas de declive) ou relativas à utilização de recursos vegetais, característicos de zonas marginais.

Os caprinos de raça Serpentina encontram-se quase na sua totalidade na região a sul do Tejo, verificando-se a predominância dos efetivos de grandes dimensões e elevado grau de pureza na metade interior do Alentejo, em zonas mais montanhosas e marginais. Desde Ourique a Barrancos, passando pela Serra de Portel e Serra D`Ossa, indo até Montargil ou à zona de Portalegre, sendo o caprino de raça Serpentina explorado tradicionalmente em sistemas de produção extensivos.

Caraterísticas e aptidões

Com dupla aptidão produtiva (carne e leite), poliéstrica permanente de elevada fertilidade (80%) e prolificidade (1.4), a raça Serpentina é explorada tradicionalmente no extensivo de sequeiro onde expressa uma capacidade leiteira muito atractiva (PTL=167,45) e uma boa capacidade maternal (P70=10.51 kg).

A raça é reconhecida pela rusticidade e adaptabilidade que lhe permite aproveitar eficientemente os recursos disponíveis, mas também pela qualidade dos seus produtos, tais como o Cabrito do Alentejo IGP e o leite de qualidade e rendimento superior, utilizado em diversos produtos tradicionais.

A excecional capacidade que tem em ocupar zonas marginais invadidas por matos, faz da Serpentina um importante agente na manutenção do espaço agro-florestal com a preservação da biodiversidade e controlo da biomassa das pastagens – minimizando o risco de incêndio e potenciando outras actividades agro-pecuárias e turísticas.

Padrão da Raça

Aspeto geral - A raça serpentina define-se como dolicocéfala, eumétrica, de perfil recto, mediolíneo, tipo de constituição robusta e muscular. Peso vivo: Machos de 60 a 75 kg; Fêmeas de 45 a 60 kg.;

Pelagem - Fundo branco ou creme. Tem listão preto que, por vezes, se alarga na parte posterior, desde a região sagrada até á cauda, e em alguns casos de forma pronunciada. O ventre é preto assim como a parte interna das orelhas, a face, o focinho e a extremidade dos membros, a partir do joelho e do curvilhão;

Cabeça - Grande de tipo dolicocéfala. Fronte larga e bastante convexa. Chanfro rectilíneo. Orelhas grandes semipendentes. Barba nos dois sexos, mas mais reduzida nas fêmeas. Cornos largos e juntos na base, dirigidos para cima e para trás, divergentes nas extremidades e, sensivelmente espiralados;

Pescoço - médio e bem musculado, mais grosso nos machos e com grande desenvolvimento no terço anterior. Brincos, frequentemente, em ambos os sexos;

Tronco - Bem desenvolvido, sendo amplo e profundo, sobretudo nos machos. A cruz é ligeiramente destacada, com a linha dorso lombar quase horizontal. A garupa é curta e descaída. Abdómen não muito volumoso. Cauda curta e ereta, com inserção alta;

Úbere - De tamanho médio, em forma de bolsa com tetos bem diferenciados e de tamanho variado;

Membros - Fortes, compridos, com articulações volumosas e secas. Unhas de tamanho médio, duras, com boa base de apoio.

Sistemas de exploração

As instalações tradicionais existentes, vulgarmente denominadas “malhadas”, são essencialmente constituídas por “curveiros”, compartimentos destinados ao abrigo dos cabritos durante a fase do aleitamento. Na maior parte dos casos são construídos em madeira ou em mato (estevas - *Cistus landanifer*) com telhados de zinco, existindo no entanto algumas explorações onde são aproveitadas construções de alvenaria lá existentes efetuando-se as adaptações adequadas. As “camas” utilizadas são feitas de mato, predominantemente esteva, ou palha. Na parte frontal dos “curveiros” existe um ou mais parques de terra batida e ao ar livre, chamados “currais” com o objetivo de facilitar o maneio dos animais (ordenha, “afilhamento”, tratamentos higio-sanitários etc.) e de servir como zona de exercício dos cabritos. Atualmente, existem explorações onde se praticam algumas técnicas, ao nível do “afilhamento” e aleitamento dos cabritos, que facilitam de algum modo o maneio dos animais.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 343 machos e 5034 fêmeas em linha pura em 46 criadores.

Fotos da APCRS

SERRANA



História e Evolução

A origem da raça caprina Serrana é particularmente difícil de determinar. Tudo indica que as raças caprinas portuguesas tenham tido a sua origem nos três tipos de cabras selvagens do período Quaternário que ao longo do tempo e devido a ondas migratórias das cabras selvagens através das cadeias montanhosas, foram sucedidas na Península Ibérica pela *Capra pyrenaica*.

A *Capra pyrenaica*, ou cabra dos Pirinéus, pertencente ao tronco europeu e antecessora das raças caprinas portuguesas e espanholas. Aceita-se atualmente que a raça Serrana seja originária da Serra da Estrela e proceda a *Capra pyrenaica*. No que diz respeito à raça Serrana evoluiu em quatro ecotipos; o Transmontano, o Jarmelista, o da Serra e o Ribatejano. Destes, o da Serra está em vias de extinção. Terá ainda existido na região da Serra do Gerês, uma espécie selvagem de caprinos, hoje extinta.

Desde a década de cinquenta, do século passado, os efetivos têm diminuído em todas as regiões nomeadamente a norte do rio Tejo e ainda na península de Setúbal, zona de onde regrediu em direção às áreas de origem de cada ecótipo, tendo mesmo na Serra da Estrela chegado, hoje em dia, ao ponto de os efetivos serem diminutos e dispersos. Para esta regressão de efetivos não são alheios os efeitos da emigração da população com as consequências que lhe estão associadas. O ecotipo da Serra encontra-se assim em vias de extinção, existindo ainda alguns animais dispersos em rebanhos de ovelhas na Serra da Estrela.

A área de origem do ecótipo Transmontano coincide com o interior norte de Portugal, compreendendo concelhos dos distritos de Bragança e de Vila Real. Na região existem cadeias montanhosas, vales profundos e zonas planálticas. As cadeias montanhosas que se desenvolvem paralelamente ao mar, criam barreiras que dificultam a passagem dos ventos marítimos e fazem acentuar a influência continental. Os solos são essencialmente derivados de granitos, xistos e grauvaques, com textura franca e franco-arenosa. A área de expansão deste ecótipo coincide basicamente com a sua área de origem. A cabra Serrana Transmontana é explorada na dupla função carne/leite com predomínio da primeira.

Em relação ao ecótipo Jarmelista, explorado essencialmente na função leite, a sua área de origem compreende os concelhos da Guarda, Gouveia, Manteigas, Covilhã e Fundão, situando-se nas proximidades do Parque Natural da Serra da Estrela.

Devido às suas capacidades produtivas, a cabra deste ecótipo tem-se mantido em algumas regiões, em direção à região do Ribatejo e Oeste de uma forma descontínua, parecendo querer fazer a ponte e ligação entre as duas regiões de origem.

Padrão da Raça

Aspeto geral - É uma cabra de estatura média, com uma altura aproximada de 68 cm na cernelha;

Pele e pelagem - É a única raça caprina autóctone de pelos compridos. A pelagem pode ser preta (ecótipo da Serra e Ribatejano), castanha escura (ecótipo Ribatejano), castanha (ecótipo Jarmelista) ou ruça (ecótipo Transmontano). Os cabos podem ser pretos (ecótipos da Serra e Transmontano) ou castanhos (ecótipos Jarmelista e Ribatejano). As cabras do Jarmelo apresentam duas listas na face de cor castanha mais clara que a pelagem; nas Ribatejanas estas listas podem aparecer ou não. A pelagem pode ainda apresentar-se castanha/amarela nas regiões do abdómen e orelhas;

Cabeça - Grande, comprida, de perfil subcôncavo, frente ampla e ligeiramente abaulada; face triangular; chanfro largo, retilíneo e com depressão na união com o frontal, focinho fino; boca pequena e lábios finos; orelhas relativamente curtas e horizontais, cornos de secção triangular, rugosos, dirigidos para trás em forma de sabre, com hastes paralelas ou divergentes, ou ligeiramente dirigidas para trás, divergentes ou espiraladas;

Pescoço - Comprido, mal musculado, bordos retilíneos com ou sem brincos;

Tronco - Linha dorso-lombar quase direita ou ligeiramente oblíqua, dorso e rins descarnados e retilíneos; garupa descaída, cauda curta e arrebitada. Tronco ligeiramente arqueado; abdómen desenvolvido;

Membros - Finos, resistentes, com unhas pequenas e rijas;

Úbere - Bem desenvolvido, globoso, por vezes pendente de fundo de saco; tetos pequenos e cónicos dirigidos para a frente ou levemente para os lados.

Sistemas de exploração

A diversidade dos sistemas de produção dos caprinos desta raça, advém logo à partida da imensa área geográfica em que a mesma se encontra dispersa e dentro de cada região variam em função das condições edafo – climáticas (montanha, vales sub-montanos, planalto, etc.), da tradição de exploração local e da valorização económica dos seus produtos e da sua facilidade de comercialização.

O sistema de produção mais comum é o extensivo tradicional na região de Trás-os-Montes, com o rebanho de cerca de oitenta cabeças, sem cobrição controlada.

O ecótipo jarmelista é explorado em rebanhos com cerca de 45 animais, de uma forma extensiva melhorada, em que é utilizada a cobrição controlada e apresentam um parto anual.

As cabras ribatejanas percorrem terrenos de melhor qualidade aproveitando os subprodutos de diversas culturas, em rebanhos de cerca de cem animais. É utilizada a cobrição controlada e apresentam um parto anual.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 688 machos e 13083 fêmeas em linha pura* em 187 criadores

* Todos os ecotipos: jarmelista, ribatejana, serrana e transmontana.

Suínos

Raças:

Alentejana
Bísara
Malhado de Alcobaça


ALENTEJANA

História e Evolução

O Porco de Raça Alentejana é, na pecuária extensiva, o melhor exemplo do animal perfeitamente adaptado ao ecossistema Montado e ao habitat que este lhe proporciona. Reúne todas as condições de exploração dos recursos naturais do Montado tirando, por um lado, partido e maximização dos seus resultados e rendimentos e, por outro, conseguindo resistir às condições adversas da natureza, utilizando a gordura acumulada durante a montanheira ao longo do ano.

O Porco Alentejano tem um grande potencial de transformar bolota em carne podendo, assim, ser encarado como um animal que no período de Montanheira acumula gorduras que lhe vão proporcionar, no resto do ano, reservas que permitem complementar as alimentações umas vezes pobres e de deficiente constituição e, outras vezes, muito escassas e transformá-las em motor da vida até à próxima montanheira.

O binómio porco/montado que " o porco está para a bolota e para o montado, como o camelo está para a água e para o deserto". Foi este binómio que, através dos tempos, o transportou junto dos povos suportando com eles as farturas e as minguas daqueles que a todo o momento ficam dependentes do rigor da natureza.

Durante o Império Romano já os produtos obtidos a partir do "porco local" eram prestigiados, em conjunto com os azeites, vinhos e metais preciosos, constituíam as matérias-primas que os romanos levavam para as suas mesas de forma a impressionar os convidados.

Acerca do porco dizia-se: "não há animal de onde se aproveitem tantas coisas que sirvam para satisfazer a gula, porque enquanto o porco tem cerca de cinquenta sabores diferentes os outros animais têm apenas um". Posteriormente, no séc. VII, com a chegada dos árabes, era de esperar que a população de porcos ibéricos diminuísse, em virtude do código religioso por eles adotado, o Corão, proibir o consumo de carne de porco. Na verdade, aconteceu precisamente o contrário, verificando-se mesmo um aumento do consumo e até em Córdova (capital do reino árabe da Península Ibérica) a carne de porco era considerada um alimento muito são.

Já na idade moderna a carne de Porco Alentejano continuou a ser um prato preferido e pelas melhores mesas, ainda que houvesse dificuldade na aquisição dos produtos dele derivados, ciosamente reservados pelos seus produtores. O acabamento e engorda é por excelência feito no montado, onde as bolotas servem de repasto e originam um tipo de gordura intramuscular saudável, que dão origem a produtos tradicionais qualificados (DOP's e IGP's) com características únicas.

Longos anos passaram e, com a difusão das raças precoces, muitos foram os criadores que substituíram, nas suas explorações, os porcos de Raça Alentejana por porcos de raças muito produtivas. O êxodo rural, os grandes surtos de Peste Suína Africana e as diversas situações socioeconómicas da população, fizeram com que o número de reprodutores de Raça Alentejana descesse a níveis tão baixos que, em tempos, foi considerada uma raça ameaçada de extinção. A partir de 1990 esta situação começa a inverter-se e o Porco Alentejano é em 2020, uma raça que passou do limiar da extinção a um sucesso plenamente conseguido e que se encontra ainda em grande desenvolvimento.

Padrão da Raça

Tipo - Corpulência médio-pequena, esqueleto aligeirado, grande rusticidade e temperamento vivo;

Pele - Preta ardósia, com cerdas raras, finas e de cor preta ou ruiva;

Cabeça - Comprida e fina de ângulo frontonasal pouco acentuado, orelhas pequenas e finas, de forma triangular, dirigidas para a frente e com a ponta ligeiramente lançada para fora;

Pescoço - De comprimento médio e musculado;

Tronco - Região dorso-lombar pouco arqueada, garupa comprida e oblíqua, ventre descaído, cauda fina de média inserção e terminada com um tufo de cerdas;

Membros - De comprimento médio, delgados e bem aprumados, terminando por pés pequenos e unha rija.

Andamentos - Ágeis e elásticos;

Caraterísticas sexuais - Machos com testículos bem salientes e medianamente volumosos. Fêmeas com mamilos com número não inferior a 5 de cada lado;

Variedades:

a) Lampinha

Caracteriza-se por ter cerdas curtas, finas e escassas na superfície do corpo. Pele delgada e de cor negra. Apresenta umas orelhas de tamanho médio, dirigidas quase horizontalmente para a frente ou um pouco caídas, mas sem dificultar a vista no pastoreio;

b) Ervideira

Animais de cor ruivos /acastanhados, com cabeça e orelhas sensivelmente mais pequenas do que a variedade negra, pescoço largo, não apresentando pregas na pele;

c) Caldeira

Animais de cor preta, com cabeça e orelhas de tamanho médio, sendo estas ultimas ligeiramente dirigidas para a frente, pescoço bem unido à cabeça, apresentando ou não papada pouco desenvolvida;

d) Mamilada

Os animais caracterizam-se pela cor da pele cinzenta ardósia ou ruiva, com cerdas pretas ou ruivas, curtas finas e escassas em toda a superfície do corpo, com cabeça e orelhas de tamanho médio, dirigidas para frente e com as pontas triangulares viradas ligeiramente para cima.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 524 machos e 4501 fêmeas em linha pura em 352 criadores.

BÍSARA



História e Evolução

O porco Bísaro é uma raça autóctone de Portugal. Património biológico, económico e cultural é, há séculos, um aliado do mundo rural, porquanto representa um elemento essencial na alimentação destas comunidades, principalmente através dos enchidos fumados. Normalmente associado com algumas regiões do norte do país esteve espalhado por todo o território a norte do rio Tejo e, apesar do risco de extinção a que esteve e ainda está sujeito, foi conservado até aos dias de hoje. Fatores como a docilidade, a capacidade de adaptação ao maneio tradicional, a prolificidade e a excelente qualidade da carne, contribuíram para a sua manutenção.

Segundo Póvoas Janeiro (1944), o porco de raça Bísara é descendente do *Sus scrofa ferus* ou javali europeu. Este sub-género é descrito pelo mesmo autor como sendo um animal robusto, tardio, pernalteiro, de corpo estreito e garupa achatada.

A domesticação do javali europeu (*Sus scrofa ferus*) resultou em suínos do tipo céltico que em Portugal deram origem à raça Bísara. Predominante no norte de Portugal, esteve distribuído pelo território a norte do rio Tejo até meados do séc. XX.

A definição de Bísaro ou Bísara é, de acordo o Recenseamento Geral de Gados no Continente do Reino de Portugal (1870), o nome que se dá ao porco esgalgado, mais ou menos pernalto, de orelhas frouxas para o distinguir do bom porco roliço e pernicurto do Alentejo.

A dispersão das explorações agrícolas, o elevado número de parcelas e a sua reduzida dimensão, deram origem a uma pequena agricultura com elevado grau de diversidade. Esta diversificação das atividades agrícolas pretendia, entre outros objetivos, dar respostas às necessidades alimentares da família, com uma variedade de atividades agrícolas e pecuárias, onde não faltava o porco Bísaro.

Foram vários os fatores que contribuíram para o declínio desta raça levando-a quase à extinção. A alteração dos hábitos alimentares da sociedade contemporânea, optando por carnes mais magras e pela utilização de gorduras vegetais; o êxodo rural; a intensificação da agricultura e pecuária; o desenvolvimento tecnológico da indústria transformadora; a introdução de raças exóticas; de crescimento mais acelerado e com maior percentagem de carne na carcaça e problemas sanitários, tais como a peste suína africana, foram fatores que contribuíram para o declínio desta raça.

A sobrevivência desta raça em relação à evolução da agricultura e da suinicultura, só foi possível pela continuidade de uma agricultura tradicional e de subsistência, que atualmente ainda se verifica em algumas regiões do país. O regime alimentar destes animais era muito variado. Alimentavam-se de tudo um pouco: fruta caída das árvores, cascas de batatas, a rama mais dura das couves, o rezulho do caldo, nabos, abóboras, graduras, castanhas e outros. A capacidade de adaptação a este sistema agrícola, a docilidade dos animais, a prolificidade, a facilidade na criação de leitões e a excelente carne que produzem, foram fatores preponderantes na manutenção da raça.

Padrão da Raça

De uma forma geral, os suínos de raça Bísara podem-se caraterizar como sendo animais grandes, chegando a atingir 1 m de altura e 1,8 m da nuca à raiz da cauda, de perfil dorso lombar convexo e orelhas grandes e pendentes. Trata-se de uma raça pouco rústica, mas bem adaptada ao sistema tradicional. O alojamento requer um cuidado especial porque são animais com patas brandas e que se mancam com facilidade.

Cabeça - Comprida e fina de ângulo frontonasal pouco acentuado, orelhas pequenas e finas, de forma triangular, dirigidas para a frente e com a ponta ligeiramente lançada para fora;

Pescoço - Comprido e regularmente musculado;

Tronco - Alto, alongado, achatado e pouco profundo com costelas compridas e pouco arqueadas. Dorso comprido, com a linha dorso-lombar convexa. Ventre esgalgado. Flanco largo e pouco descaído. Garupa de bom comprimento, mas estreita, descaída e pouco musculada. Coxas de bom comprimento mas deficiente espessura e pouco musculadas. A cauda é grossa e de média inserção;

Sistema mamário - Úbere de bom tamanho, bem proporcionado, com boa implantação e com um número de tetos sempre superior a doze;

Extremidades e aprumos - Os membros são de regular aprumo, compridos ossudos e pouco musculados. Os pés são bem desenvolvidos, mas brandos;

Pele e pelos - A pele é fina com coloração branca, preta ou malhada. As cerdas ou pelos são rijos e compridos. Todos os animais têm o corpo coberto de cerdas;

Dentro da raça Bísara sempre foram distinguidas três variedades, de acordo com o tipo de pelagem; Galega; Beiroa e Molarinhos. Os animais da variedade Galega são de cor branca ou branca com malhas pretas, os da variedade Beiroa, são de cor preta ou preta malhada. As duas variedades têm o corpo coberto com cerdas longas e rijas. A variedade Molarinhos, da qual já não existe nenhum exemplar, caraterizava-se por animais de pele fina e sem cerdas;

Tamanho - O esqueleto é forte e volumoso, de uma forma geral podemos considerar que são animais de grande corpulência;

Nádega - Bem descida e convexa;

Coxa - Regularmente larga e musculada;

Cauda - Fina e de média inserção;

Úbere - Bem implantado;

Membros - Finos, bem proporcionados e musculados, aprumados, providos de unhas finas, rijas e sem malhas brancas junto às mesmas.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 604 machos e 3082 fêmeas em linha pura em 163 criadores.

MALHADO de ALCOBAÇA



História e Evolução

O porco Malhado de Alcobaça apresenta-se como a 3ª raça suína autóctone portuguesa, a par das raças Alentejana e Bísara. Esta população suína terá sido criada na Quinta Regional de Sintra, também designada por Escola de Regentes Agrícolas da Granja do Marquês, pelo médico veterinário Joaquim Inácio Ribeiro, na altura Diretor da Quinta do Marquês, ao que parece, por cruzamentos sucessivos de porcos bísaros açorianos com porcos ingleses aperfeiçoados, principalmente Berkshire e Yorkshire (Diaz Montilla, 1958). Esta população também era conhecida por Sintrã, Torrejana ou raça da Granja, produzida respetivamente, nas regiões de Alcobaça, Sintra, Torres Vedras ou Granja do Marquês (localidade pertencente ao concelho de Sintra) (Vicente, 2006). Segundo Ferrão e Mira (1964) citados por Conceição (1994) eram ainda denominados por "porcos da terra". Pretendeu-se a obtenção de uma população com melhores qualidades, como a precocidade de crescimento e o aumento da percentagem de músculo, que levou à obtenção de uma carcaça de melhor valor num menor espaço de tempo, com ótimos resultados para o pequeno suinicultor da região Oeste.

O facto da população Malhado de Alcobaça se encontrar em vias de extinção, deveu-se a causas várias e fundamentalmente ao surto de Peste Suína Africana que, no final de 1957, apareceu pela primeira vez em Portugal. Por outro lado, também contribuiu a grande procura da carne de porco magra proveniente da produção das raças suínas seletas e hipermusculadas, com reduzida espessura de toucinho, como forma de satisfação das exigências do consumidor atual (Reis, 2003). A absorção desta população talvez não tenha sido total pois os pequenos criadores vendiam os melhores animais, presumivelmente com maior influência de raças exóticas e ficavam com os "piores" animais mais próximos da população Torrejana (Cabral, 1959). A raça porcina Malhado de Alcobaça é uma raça autóctone que deve a sua preservação e manutenção, até aos dias de hoje, à Selecpor, SA. na pessoa do Sr. Manuel Leal, grande responsável e obreiro desta população animal.

Esta raça foi reconhecida no ano de 2003, altura em que foi implementado o "Registo Zootécnico dos Suínos da Raça Malhado de Alcobaça" pela Direção Geral de Veterinária.

Caraterísticas e Aptidões

Os animais desta população apresentam boa corpulência, com um esqueleto forte e um temperamento calmo e dócil (Cabral, 1959). São dotados de cerdas fortes, compridas e grossas de cor branca e preta, formando malhas bem definidas, mas de tamanho e forma irregulares disseminados por todo o corpo. A pigmentação do corpo tende a reduzir-se com a idade dos animais. Caraterizam-se por serem animais com cabeça de tamanho médio, grossa e perfil côncavo e orelhas compridas largas e pendentes chegando mesmo a cobrir os olhos. O esqueleto é bem desenvolvido, com linha dorso-lombar convexa, sendo animais longilíneos de garupa estreita, pouco comprida e membros altos (Reis, 2003).

Padrão da Raça

A) Caraterísticas Gerais

Tipo - Boa corpulência, esqueleto forte, de temperamento calmo e rústico;

Pele e Pigmentação - Pele revestida por cerdas fortes, compridas e grossas, de cores branca e preta, formando malhas bem definidas, mas de tamanho e forma irregular. A pele pode ser despigmentada ou não. Quando pigmentada, esta pigmentação tende a desaparecer com a idade do animal;

Cabeça - Grossa, de tamanho médio e de perfil côncavo, com ângulo frontonasal bastante amplo, tromba espessa de tamanho médio. Orelhas compridas, largas e pendentes, chegando mesmo a cobrir a arcada orbitária;

Tronco - Comprido, largo e bem musculado, com espáduas bem desenvolvidas, linha dorso-lombar convexa, flanco um pouco descaído e relativamente largo, ventre roliço e musculado. Garupa estreita, pouco comprida e inclinada. Cauda grossa na base e de média inserção, coxas musculadas, bem desenvolvidas;

Membros - Altos, aprumados e de boa musculatura, pés fortes e robustos, unhas sólidas e de boa inserção.

B) Características Sexuais

Macho - Testículos volumosos, bem salientes do períneo, de forma oval e bem definida. Com mamilos não desenvolvidos, mas regularmente distribuídos, cujo número é maior ou igual a seis pares;

Fêmea - Mamilos bem desenvolvidos e distribuídos uniformemente, de coloração rosada e em número não inferior a doze, regularmente distanciados.

Os Malhados de Alcobaça são suínos pouco exigentes em alimentação, de caráter dócil e as porcas são bastante leiteiras, recuperando facilmente a condição corporal no pós-parto. Os leitões apresentam boas caraterísticas para assar, porque não são muito fortes em membros, e o seu corpo é esguio e comprido o que lhes confere um assamento homogéneo e uma boa qualidade (Leal, 2003). Estes animais apresentam uma série de caraterísticas interessantes para potenciar como são a precocidade sexual, o perfil tendencialmente longilíneo (ideal para leitões de assar), qualidade da carne, boa conformação, carcaça e % de músculo para uma raça autóctone e, acima de tudo, excelentes caraterísticas comportamentais, com boa capacidade maternal e fêmeas com temperamento calmo e de boa índole.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 273 machos e 234 fêmeas em linha pura em 16 criadores.

Fotos de Luís Escudeiro (escudeiro.net) e AARA; EPADRC e AVicente

Equídeos

Raças:

Burro da Graciosa
Burro de Miranda
Garrana
Lusitana
Pónei da Terceira
Sorraia

BURRO da GRACIOSA



História e Evolução

Como se conhece da História, o arquipélago dos Açores era desabitado de animais, pelo que só depois de 1439 – altura em que D. Afonso V, ainda menor, mandou povoar os Açores – é que foram introduzidos nos matos, bois e vacas, carneiros e ovelhas, bodes e cabras, porcos e porcas, cavalos e éguas, asnos e burras. O Burro foi desde sempre, e por excelência, o meio de deslocação de pessoas e cargas desde os princípios da colonização das ilhas do arquipélago dos Açores.

Gaspar Frutuoso (séc. XVI), autor de "Saudades da Terra" e primeiro historiador açoriano, relata que os burros que se introduziram nos Açores se multiplicaram assombrosamente e, por viverem em grande liberdade, se teriam tornado selvagens e difíceis de apanhar. "Asnos bravos" chamou-lhes Frutuoso, continuando o cronista insulano: "com as unhas muito crescidas, tão ferozes que se enviavam à gente como bravos touros e mais dificultosos eram de tomar que eles".

Não se sabe ao certo como, nem quando o burro chegou à Graciosa, mas os relatos da sua participação na vida quotidiana da ilha são antigos, tanto como animal de tração, como no trabalho da terra. Na decada de 60 do século passado, o efetivo chegou a ultrapassar os mil animais, o que dava uma média de um burro para cada oito pessoas. Como testemunha Félix José da Costa, em 1845 na sua "Memória Estatística e Histórica da Ilha Graciosa", "*É raríssimo o morador da ilha, que não possua um jumento, do qual se serve para toda a qualidade de serviço".*

A origem do burro é bastante complexa, existindo algumas teorias que procuram esclarecer este facto.

A primeira de todas foi proposta por Darwin, conhecida como teoria monofilética (origem única), defende que as formas atuais dos burros derivam de um único tronco comum africano. Várias teorias difiléticas defendem a evolução das raças asininas atuais a partir de dois troncos ancestrais em que um corresponderia ao "burro africano comum" ou *Equus asinus africanus*, e o outro corresponderia ao "burro circum-mediterrâneo" ou *Equus asinus europeus*, sendo o seu centro de origem no litoral mediterrâneo.

Em Portugal existem duas populações de asininos fenotipicamente diferentes e que vão de acordo com a teoria difilética: o Burro de Miranda que apresenta caraterísticas fenotípicas típicas do troco europeu e o Burro da Graciosa que apresenta caraterísticas fenotípicas típicas do tronco africano.

O Burro da Graciosa é um pequeno burro, com uma média de 107 cm ao garrote. O pelo é geralmente de cor cinza pálido ou castanho-rato, mas também pode ser louro ou preto; a barriga, o focinho e o contorno dos olhos são mais pálidos. Uma faixa dorsal mais escura e uma faixa nos ombros são frequentemente vistas, especialmente em animais de cor clara; as pernas podem ter listas de zebra.

Padrão da Raça

O Burro da Graciosa é um animal extremamente manso, paciente e submisso. A sua aparência é proporcionada e equilibrada, resultando num conjunto muito harmonioso. Ainda que pareçam frágeis, são animais muito rústicos e resistentes.

Aspeto Geral - O burro da ilha Graciosa apresenta como caraterística original a sua altura reduzida (altura ao garrote atingindo em média 107 cm). Apresentam uma particularidade natural pouco frequente nos asininos. Trata-se da presença de rodopios sediados no flanco e terço inferior da crineira, bilaterais. Também na cabeça se podem encontrar estas particularidades naturais;

Temperamento - Manso, paciente e submisso;

Andamentos - Andamentos firmes, seguros, suportando grande carga, no entanto de pequena amplitude, lentos e pouco ágeis;

Altura - A altura ao garrote oscila entre os 99 e 116 cm;

Pele e Pelagem - Apresentam predominantemente a pelagem pardo-rata e ruça, frequentemente com carácter rodado e presença de lista dorsal e por vezes lista transversal e orelhas orladas de preto. Há alguns animais cuja pelagem é castanha ou preta. Todos têm em comum o ventre e as extremidades dos membros deslavadas e são orlados de branco em redor dos olhos e nariz (boquilavado). Zebruras pouco comuns;

Cabeça - Tipo dolicocéfalo; proporcional ao corpo; com perfil convexo a reto; rosto comprido e não muito largo; lábios finos; orelhas de tamanho médio em linha reta e aprumadas, orladas de preto na maioria dos animais, dando-lhes grande expressividade; olhos não muito grandes, mas muito expressivos; arcadas orbitárias ligeiramente pronunciadas;

Pescoço - Delgado, médio e reto. Crinas curtas de coloração geralmente mais escura que a pelagem ou da mesma cor;

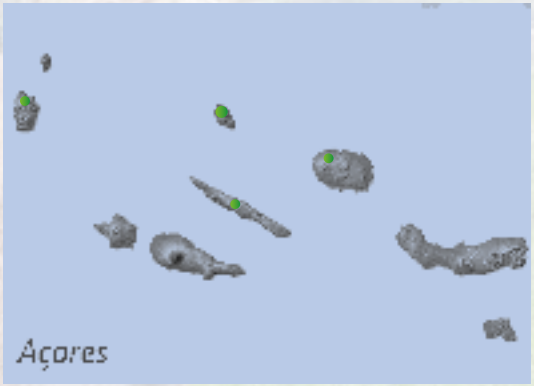
Membro - Finos, mas bem conformados e aprumados e de aspeto rústico; tendões fortes; canelas robustas; cascos estreitos, pequenos e proporcionados.

Área de dispersão dos criadores







No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 14 machos e 22 fêmeas em linha pura em 31 criadores.


BURRO de MIRANDA

História e Evolução

No que respeita à ascendência genealógica do burro doméstico é grande a diversidade de teorias. No entanto, são duas as principais hipóteses. Uma corrente aponta para uma origem a partir do Onagro da Etiópia que terá dado origem ao burro selvagem africano *Equus asinus taenioppus*, mais tarde subdivido em *Equus asinus africanus* (burro selvagem da Núbia ainda existente na região oriental) e *Equus asinus somaliensis* (burro da Somália). Por outro lado, uma teoria que recebe também muita aceitação - Teoria Difilética de Sanson - defende que os asininos domésticos se dividem em dois troncos: o tronco africano *Equus asinus africanus* proveniente da bacia do Nilo e o tronco, *Equus asinus europeus*, com origem provável na região mediterrânica (Ruiz, 2000).

A domesticação do burro e consequente aparecimento e expansão do tronco europeu da espécie, *Equus asinus europeus*, terá ocorrido devido à utilização da espécie para a alimentação humana, produção de híbridos e, mais tarde, para serviços de carga e transporte.

A subespécie *Equus asinus europeus*, distingue-se fundamentalmente pelo perfil reto, braquicefalia, porte elevado (+ de 1,20 m) e pelagem sempre escura, tendo sido precursora da maioria das antigas raças. De acordo com as condições orográficas, climáticas e ecológicas existentes no continente Europeu terão surgido diferentes variedades ao encontro dos distintos propósitos dos criadores de cada região geográfica. Como consequência surgiram algumas das principais raças atualmente existentes na Europa e Estados Unidos, casos da raça Catalã, Zamorano-Leonesa (Espanha), raça Piemonte, Sardenha e Sicília (Itália), raça Poitou e Gasconha (França) e Mamoth Jackstock (Estados Unidos). Por seu lado o *Equus asinus africanus* terá originado algumas das outras raças existentes na Europa como as raças Andaluza e Cordovesa, em Espanha e a da Graciosa em Portugal.

Em Portugal, assim como um pouco por todo mundo, e até um passado recente, o burro foi sistematicamente subestimado e esquecido, não tendo sido desenvolvido qualquer programa de preservação ou melhoramento. No entanto, as caraterísticas do nosso mundo rural, nomeadamente nas regiões de interior, permitiram que o efetivo de asininos se tivesse mantido até aos dias de hoje. Foi precisamente na zona mais remota de Trás-os-Montes que se conservou aquela que é sem dúvida uma das últimas variedades autóctones de asininos no território nacional: a Raça Asinina de Miranda (Samões, 2000).

Caraterísticas

Às caraterísticas de excecional rusticidade, sobriedade, longevidade e polivalência que caraterizam os asininos, a raça Asinina de Miranda acrescenta ainda força e docilidade. Bem adaptada às condições edafoclimáticas de uma região desfavorecida, possui elevada capacidade para valorizar forragens pobres e grande resistência à escassez hídrica.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Animal bem conformado, com manifesta acromegalia, corpulento e rústico, com altura, medida com hipómetro ao garrote, nos animais adultos, maior que 1,25 m e inferior a 1,50 m. A altura recomendável é 1,35 m;

Pele e pelagem - Pelagem castanha escura, com gradações mais claras nos costados e face inferior do tronco; branca no focinho e contorno dos olhos; hirsutismo acentuado com pelo abundante, comprido e grosso, aumentando em extensão e abundância nos costados, face, entre-ganachas, bordos das orelhas e extremidades dos membros; crinas abundantes; ausência de sinais;

Cabeça - Volumosa e ganachuda de perfil reto; fronte larga e levemente côncava na linha mediana coberta de abundante pelo (chegando a formar-se sobre a fronte uma espécie de “franja”); arcadas orbitárias muito salientes; face curta de chanfro largo; canal entre-ganachas largo; lábios grossos e fortes; orelhas grandes e largas na base, revestidas no seu bordo interior de abundante pilosidade, arredondadas na ponta (formando uma espécie de borla) e dirigidas para a frente; olhos pequenos, dando ao animal uma fisionomia sombria;

Pescoço - Curto e grosso;

Garrote - Baixo e pouco destacado;

Dorso - Tendendo para a horizontalidade, curto e bem musculado; peitoral amplo com quilha saliente; tórax profundo; costado encurvado; garupa em ogiva mais elevada que o garrote, pouco destacada; espáduas curtas e bem desenvolvidas, com ligeira inclinação; ventre volumoso;

Membros - Grossos de articulações volumosas, providos de pelo abundante cobrindo os cascos, machinhos bem desenvolvidos; membros posteriores com tendência a serem estendidos e um pouco canejos; cascos amplos;

Andamentos - De grande amplitude mas lentos e pouco ágeis;

Temperamento - Às caraterísticas de excecional rusticidade, sobriedade, longevidade e polivalência que caraterizam os asininos, a Raça Asinina de Miranda acrescenta ainda força e docilidade;

Aptidão - Os animais da raça são usualmente empregues em tração, sela e carga a dorso. Demonstram especial aptidão para a lavoura tradicional de minifúndio e são, embora residualmente, utilizados na produção mulateira. Atualmente, a raça encontra-se associada a novos usos, que procuram os dignificar e garantir o seu bem-estar e qualidade de vida, como sendo atividades de foro recreativo e cultural, educativo e terapêutico.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 60 machos e 302 fêmeas em linha pura em 460 criadores.

Fotos de: Cláudia Costa


GARRANA

História e Evolução

A Raça Garrana é uma das quatro raças de equinos autoctones de Portugal, juntamente com a Lusitana, a Sorraia e o Pónei da Terceira. Embora criado em liberdade o Garrano é classificado taxonomicamente como cavalo domestico: Especie *Equus caballus* L. 1758, Subfamilia *Equinae*, Família monogenérica *Equida*e.

Bernardo Lima inseriu o Garrano no tipo Celta ou Galiziano: “cabeça grossa, pelo geral mais curta que comprida, de perfil reto ou um tanto amartelada, ganachuda, de orelhas pequenas e direitas, estatura pelo mais comum abaixo de 1,35 m. São cavalos de rija tempera sóbrios, muito ciosos e rufões por índole”.

Os andamentos dos Garranos são caraterísticos. O passo travado, designado pelos romanos como *numeratim* (números contados), é intermediário entre o passo e o trote, ouvindo-se quatro batidas, muito precipitadas e aproximadas por fases diagonais; os movimentos fazem-se com grande rapidez mas, como as oscilações verticais do centro de gravidade são fracas, as reações são suaves. A andadura, designado pelos romanos como *moliter incedere* (andar suavemente), carateriza-se pelas associações dos membros laterais que se levantam e pousam ao mesmo tempo, fazendo-se ouvir duas batidas em cada passada; como a base de sustentação passa alternadamente de um bípede lateral para outro, o cavalo move-se na horizontal e o cavaleiro é embalado confortavelmente. Este tipo de passo é erradamente chamado de passo travado.

Atualmente a área de criação da raça Garrana situa-se na região Noroeste de Portugal, encontrando-se os Garranos dispersos pelas províncias do Minho (concelhos de Amares, Arcos de Valdevez, Cabeceiras de Basto, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Valença, Viana do Castelo, Vieira do Minho, Vila Nova Cerveira e Vila Verde) e Trás-os-Montes (concelho de Montalegre), numa extensão de 1577,13 km2 (41% da área total dos concelhos referidos).

No Parque Nacional da Peneda-Gerês, das 22 freguesias que lhe estão afetadas e pertencentes aos concelhos de Arcos de Valdevez, Melgaço, Ponte da Barca, Terras de Bouro e Montalegre, 15 contribuem para o solar de dispersão da raça garrana, num total de 696,89 km2 (96,8% da área total do Parque).

É também a de maior expressão, incluindo o Parque Nacional da Peneda-Gerês com uma extensa área montanhosa que se estende do planalto de Castro Laboreiro ao da Mourela, onde cabeços rochosos e vales encaixados, rios e afluentes, circos glaciares e moreias alternam com largos trechos de paisagem humanizada. Compreende as Serras da Peneda (1314 m), do Soajo (1416 m), Amarela (1361 m) e do Gerês (1508 m). Fora do Parque mas ainda no Minho, outros conjuntos montanhosos estão povoados por Garranos, como as Serras de Arga (797 m), de Sta. Luzia (549), de Monção (744 m), de Paredes de Coura (890 m) e da Cabreira (1279 m). Em Trás-os-Montes, a Serra do Larouco (1527 m).

Padrão da Raça

Tipo - Perfil reto, por vezes côncavo. Animais de corpo atarracado, pernicurtos, de sólida constituição óssea. O seu peso rondará os 150 quilos;

Altura - Medida ao garrote, nos animais adultos <1,35 m. Altura recomendável: 1,23 m. Cabeça com perfil reto, por vezes concava, órbitas salientes;

Pelagem - Castanha comum, podendo tender para o escuro; quase sempre sem sinais. Mais clara no focinho puxando para o bocalvo, por vezes também mais clara no ventre e nos membros. Topete farto. Crinas pretas tombando para ambos os lados. Cauda também preta, com borla de pelos encrespados na raiz;

Cabeça - Fina mas vigorosa e máscula. Nos machos é grande em relação ao corpo, proporcionalmente maior que nos cavalos. Perfil reto, por vezes côncavo. O crânio insere-se sempre na face com grande inclinação, de forma a que a parte superior da fronte é convexa de perfil; a crista occipital é pouco saliente em relação aos côndilos. Órbitas salientes sobre a fronte transversalmente planas. Os olhos são redondos e expressivos. Narinas largas. Orelhas médias. Os dentes são caraterísticos. As ganachas são fortes e musculosas;

Pescoço - Bem dirigido e musculoso, mas curto e grosso, especialmente nos garanhões;

Garrote - Baixo e pouco destacado;

Dorso - Reto e curto;

Peitoral - Amplo;

Costado - Costelas geralmente chatas e verticais;

Garupa - De ancas saídas, é forte, larga, tendente para o horizontal;

Espádua - Vertical e curta;

Membros - Aprumados, curtos mas grossos. Fortes, de quartelas direitas, vestidas de pelo grosso. Cascos cilíndricos;

Andamentos - Geralmente fáceis, rápidos, de pequena amplitude mas altos. Nos caminhos de montanha são firmes a subir e a descer e cuidadosos com as pedras e os obstáculos das estradas acidentadas. Facilmente ensinados a andar em passo travado e andadura;

Andamentos - Caracter dócil. O macho inteiro tem muita vivacidade mas, após o desbaste, torna-se tolerante no trabalho e manso. É um cavalo de fundo, resistente, sóbrio e fácil de ensinar;

Aptidão - Cavalo de sela, transporte de carga e tração, com especial aptidão para caminhos de montanha, trabalhos agrícolas e atrelagem.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 332 machos e 1983 fêmeas em linha pura em 699 criadores.


LUSITANA

História e Evolução

Montado há cerca de 5000 anos, o mais antigo cavalo de sela do Mundo chega ao séc. XXI reconquistando o esplendor de há dois mil anos, quando Gregos e Romanos o reconheceram como melhor cavalo de sela da antiguidade.

Selecionado como cavalo de caça e de combate ao longo dos séculos, é um cavalo versátil, cuja docilidade, agilidade e coragem lhe permite hoje competir em quase todas as modalidades do moderno desporto equestre.

Nos últimos séculos o Lusitano destacou-se por ser o cavalo por excelência para a arte equestre e para o toureio, mas para além de ser o cavalo que mais prazer dá montar, continuará a surpreender pela sua natural aptidão para o ensino, onde tem vindo a destacar-se em importantes concursos internacionais, e atrelagem de competição onde aliás já obteve, por duas vezes, o título de Campeão do Mundo. Também na equitação de trabalho se distingue ao obter os mais importantes títulos internacionais.

É procurado como montada de desporto e de lazer, e como reprodutor pelas suas raras qualidades de carácter e antiguidade genética.

Atualmente a área de criação dos cavalos da raça lusitana situa-se fundamentalmente na região da Estremadura, Ribatejo e Alentejo, embora se possam encontrar cavalos Lusitanos dispersos por todo o território nacional.

Em Portugal, no Brasil, França e Espanha está o maior número de animais estando os restantes dispersos um pouco por todo o Mundo. Contando atualmente a Associação Portuguesa de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano (APSL) com 20 Associações congéneres: África do Sul, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Equador, EUA, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, México, Noruega, Suíça e Suécia.

Nascem Lusitanos em 31 países. Do total do efetivo 30 a 42 % dos nascimentos acontecem fora de Portugal sendo sempre a sua paternidade confirmada no nosso país e o seu registo efetuado pela APSL.

O Livro Genealógico da “Raça Puro Sangue Lusitano” (Stud-Book), é pertença dos criadores de acordo com o Regulamento UE 2016/1012 de 08 de junho do Parlamento Europeu e do Conselho, é único e funciona em Portugal, país berço da raça.

A APSL, Entidade de Utilidade Pública, é a responsável pela gestão do Stud-Book da Raça, assegurando a sua pureza étnica e o seu aperfeiçoamento zootécnico.

Padrão da Raça

Tipo - Eumétrico (peso cerca de 500 kg); mediolinio; subconvexilíneo (de formas arredondadas), de silhueta inscritível num quadrado;

Altura - Média ao garrote, medida com hipómetro, aos 6 anos: fêmeas 1,55 m Machos 1,60 m;

Pelagem - As mais frequentes são a ruça e a castanha, em todos os seus matizes;

Temperamento - Nobre, generoso e ardente, mas sempre dócil;

Andamentos - Ágeis e elevados, suaves, e de grande comodidade para o cavaleiro;

Cabeça - Bem proporcionada, de comprimento médio, delgada e seca, de ramo mandibular pouco desenvolvido e faces relativamente compridas, olhos sobre o elíptico, grandes e vivos, expressivos e confiantes. As orelhas são de comprimentos médio, finas, delgadas e expressivas;

Pescoço - De comprimento médio, rodado, de crineira delgada, de ligação estreita à cabeça, largo na base, e bem inserido nas espáduas, saindo do garrote sem depressão acentuada;

Garrote - Bem destacado e extenso, numa transição suave entre o dorso e o pescoço;

Peitoral - De amplitude média, profundo e musculoso;

Costado - Bem desenvolvido, extenso e profundo, costelas levemente arqueadas, proporcionando um flanco curto e cheio;

Espáduas - Compridas, obliquas e bem musculadas;

Dorso - Bem dirigido, servindo de traço de união suave entre o garrote e o rim;

Garupa - Forte e arredondada, bem proporcionada, ligeiramente oblíqua, de perfil convexo, harmónico, e pontas das ancas pouco evidentes. Cauda saindo no seguimento da curvatura da garupa, de crinas sedosas, longas e abundantes;

Membros - Braço bem musculado, harmoniosamente inclinado. Antebraço bem aprumado e musculado. Joelho seco e largo. Canelas sobre o comprido, secas e com tendões bem destacados. Boletos secos, relativamente volumosos. Quartelas relativamente compridas e oblíquas. Cascos de boa constituição. Nádega curta e convexa. Coxa musculosa. Perna sobre o comprido, colocando a ponta do curvilhão na vertical da ponta da nádega.

Área de dispersão dos criadores















No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 5893 machos e 3669 fêmeas em linha pura em 13969 criadores.

PÓNEI da TERCEIRA



História e Evolução

O Pónei da Terceira é a quarta raça equina autóctone Portuguesa, tendo sido reconhecida, pelas entidades oficiais, a 27 de janeiro de 2014. São animais de pequenas dimensões, com proporções muito corretas e equilibradas, confundindo-se com um puro sangue Lusitano em ponto pequeno.

A história desta raça não é fácil de compilar, dada a falta de elementos escritos. Análises moleculares demonstraram que geneticamente os parentes mais próximos do Pónei da Terceira são, para além de algumas raças existentes na Península Ibérica, raças da América do Sul, nomeadamente as raças Paso Fino de Porto Rico e Criollo da Venezuela, pelo que se crê que sejam descendentes de animais trazidos para o arquipélago aquando dos descobrimentos, e da sua seleção continuada por parte dos Terceirenses que, objetivamente, escolheram os animais de menor porte.

Existem abundantes testemunhos orais que associam esta raça à identidade cultural da ilha Terceira, tendo sido durante muitos anos o meio de transporte de pessoas e mercadorias (peixe, pão, leite e lenha). São inúmeros os relatos que enaltecem a resistência física, coragem e capacidade de sofrimento destes animais que engatados a uma carroça, a um arado ou a uma grade iam desempenhando as suas funções com paciência e dedicação.

No passado e até meados do século XX, o seu número era bastante elevado na ilha Terceira sendo frequentemente exportados para outras ilhas onde desempenhavam tarefas na lavoura. A sua posse era motivo de reconhecido orgulho, sendo apresentados, com frequência, nos diferentes certames organizados pelas autoridades distritais, e pelas organizações de festas populares. Exemplo e prova deste facto é a existência de um diploma com medalha, atribuído a uma Pónei afilhada com 1,11 m de altura pela Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo a 27 de Junho de 1924, aquando da Exposição Pecuária realizada por ocasião das Festas da Cidade.

Com o aparecimento de novas práticas agrícolas e cruzamentos indevidos com cavalos de maiores dimensões, a maioria dos animais existentes foram sendo abastardados. Foi a persistente procura, pelo Prof. Artur da Câmara Machado, de animais semelhantes àqueles com que aprendeu a montar e da conservação e cruzamento dos mesmos que permitiu perpetuar este recurso genético, que encontra atualmente a sustentabilidade na sua nova função: o desporto equestre e a formação de jovens cavaleiros.

Caraterísticas e Aptidões

Rápidos, inteligentes, corajosos, resistentes, rústicos, extremamente dóceis, de fácil maneio, aptidão natural para tração e saltos.

Padrão da Raça

Aspeto Geral - Animal de pequena dimensão da espécie *Equus caballus* cuja altura ao garrote aos cinco anos de idade, não excede 148 cm ou 149 cm se estiver ferrado nos quatro membros, sendo a média nas fêmeas de 128 cm e nos machos de 130 cm. Com proporções corretas e equilibradas, os seus andamentos permitem a sua utilização no desporto equestre nomeadamente em dressage e saltos de obstáculos, tendo também uma aptidão natural para tração com excelentes desempenhos, uma vez que no passado foram e ainda hoje em dia são muito utilizados no transporte e no desempenho de atividades agrícolas. Por serem dóceis e de fácil maneio são ideais para atividades de lazer, hipoterapia e de socialização com pessoas com deficiências.

Cabeça - Bem proporcionada, pequena e estreita, de perfil reto, levemente subconvexo. Fronte levemente abaulada, olhos sobre o elíptico, vivos, expressivos e confiantes. Orelhas proporcionais e expressivas;

Pescoço - Comprido e bem inserido saindo do garrote sem depressão acentuada;

Garrote - O garrote transita suavemente entre o dorso e o pescoço, de altura praticamente igual à garupa;

Espáduas - Oblíquas e longas;

Peitoral - De amplitude média;

Costado - Desenvolvido com costelas levemente arqueadas;

Dorso - Bem dirigido, horizontal com altura ligeiramente inferior ao garrote e à garupa;

Rim - Musculado, curto, bem ligado ao dorso e à garupa formando uma linha contínua e harmoniosa;

Garupa - Arredondada, bem proporcionada de comprimento e largura sensivelmente idênticas. Cauda de crinas longas, saindo no seguimento da curvatura da garupa;

Membros - Proporcionais e harmoniosos. Braços musculados e inclinados. Antebraço bem aprumado. Joelhos bem conformados e pouco volumosos. Curvilhões a tender para o baixo. Canelas curtas com tendões bem destacados. Boletos secos. Quartelas relativamente oblíquas;

Cascos - De boa constituição bem conformados e proporcionados;

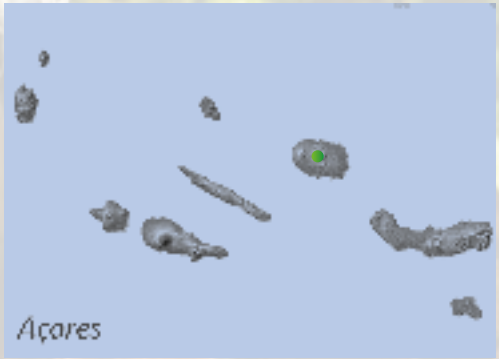
Pelagem - Todas. Os olhos azuis são considerados eliminatórios não sendo aceites no registo;

Os animais inscritos no Livro consideram-se reprodutores da Raça, desde que não sejam comprovadamente portadores de taras ou defeitos cuja transmissibilidade genética seja de recear.







No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 36 machos e 53 fêmeas em linha pura em 16 criadores.

Fotos de Paula da Silva

SORRAIA



História e Evolução

O cavalo do Sorraia é uma raça autóctone portuguesa de cavalos que resulta das descobertas efetuadas a partir de 1927 por Ruy d 'Andrade com a sua genialidade, e saber científico identificou no centro-sul do país, mais concretamente na confluência do rio Sor e Raia um grupo de cavalos de pequena estatura que se diferenciava da restante população equina nacional. Atribuiu a este grupo de cavalos a designação de cavalo do Sorraia, em referência ao local onde os encontrou. Em toda a região correspondente às margens destes rios, com particular incidência entre Benavente e Mora, era frequente encontrar, nas décadas de vinte a quarenta (séc. XX), eguadas bastante homogéneas constituídas por este tipo de equino, de pequeno porte e conformação pobre, fortemente raiado, de pelagem rato ou baia.

O cavalo do Sorraia pode, na generalidade, ser definido como uma raça de cavalos de pequena estatura, eumétricos, mesomorfos e subconvexilíneos, como que de uma miniatura do cavalo lusitano se tratasse. É, sem dúvida, um dos equinos europeus que apresentam carateres primitivos, tais como uma pelagem pardo-rato ou pardo-amarelo (vulgarmente designadas por rato ou baio), lista de mulo e, por vezes, lista axial, bem como zebruras nos membros, particularidades com vasta representação em pinturas paleolíticas.

Este tipo equino primitivo estará na origem de raças de cavalos da região meridional da Península Ibérica, fruto de maior seleção e melhoramento, tanto a Puro-Sangue-Lusitano como a Pura-Raza-Española, bem como de raças equinas da América do Sul (em particular o Crioulo argentino e brasileiro), descendentes de animais oriundos do Vale do Guadalquivir. A sua relação com os Mustang da América do Norte, se bem que evidente, pode ser resultante da influência que os cavalos ibéricos, em geral, tiveram nos cavalos existentes naquele continente.

Originalmente de zonas secas e planas do sul da Península Ibérica, tais como as bacias do Tejo, Sado e Guadiana e, em Espanha, as marismas do Guadalquivir, atualmente é mantido em Portugal por um número muito reduzido de criadores, sediados predominantemente no Ribatejo e no Alentejo e desde 1976 com alguns núcleos de criação muito significativos na Alemanha.

Na sua maioria, as éguas são mantidas em regime de manadio, em exploração de tipo extensivo, alimentando-se de pastagens naturais mais ou menos enriquecidas, aproveitando muito frequentemente os restolhos das searas. Em períodos de seca e menos abundância de pastagem, a sua alimentação é reforçada manualmente. Como foi referido anteriormente, é reconhecida a rusticidade destes animais, adaptando-se com facilidade à pobreza dos solos e respetivas pastagens.

Padrão da Raça

Aspeto geral - Perfil subconvexilineo, eumétrico e mediolíeno. Animais sobre a pernalta, de ossatura pouco volumosa mas de muito boa textura. Musculatura pobre. Quando magros tomam a forma mulina e quando gordos arredondam.

Altura - Medida com hipómetro nos animais adultos: fêmeas 1,44 m ; machos 1,48 m;

Pele e pelagem - Varia do baio claro ao baio torrado, ou do rato claro ao rato escuro, sempre com lista de mulo. É mais ou menos gateado ou zebrado nos cabos e por vezes noutras partes do corpo. Crinas fartas e bicolores, com cerdas escuras na linha do meio e da cor do corpo na parte mais externa. Cauda igualmente bicolor, formando uma borla na sua base. Extremidades (ponta das orelhas, focinho e membros) sempre em tom escuro;

Cabeça - Retangular e seca, de perfil subconvexo, crânio nitidamente inclinado em relação à face, que é bastante comprida. Os olhos expressivos, inseridos em órbita elíptica truncada posteriormente e situada acima da linha occipito-incisiva. As orelhas são sobre o comprido, secas e móveis, de implantação algo atrasada devido à inclinação do crânio;

Pescoço - Bem inserido, esbelto, de comprimento médio, invertido nos animais magros, armazena gordura para a época da fome, fazendo com que se transforme e apareça rodado no animal gordo;

Garrote - Bem destacado e muito extenso, liga-se quase a meio do dorso por uma linha suave;

Peitoral - Não muito largo mas musculoso. O Cilhadouro está bem situado sob o seladouro. O tórax é profundo e não muito largo;

Costado - É extenso e composto de costelas chatas e compridas que guarnecem bem o flanco;

Espáduas - De comprimento médio são secas e relativamente oblíquas;

Dorso - Curto, horizontal e destacado das costelas;

Rim - Curto, largo e convexo. Encontra harmoniosamente, sem ressalto, a garupa;

Garupa - De largura e comprimento médio e de forma elíptica, deixa ver a crista sagrada saliente com perfil subconvexo;

Membros anteriores - Ligeiros de osso, mas bem aprumados; Braços harmoniosamente inclinados; Antebraços bem aprumados e pouco musculosos; Joelhos bem conformados, secos e pouco volumosos; Canelas ligeiramente compridas, secas, com tendões bem destacados com ausência de pelo remontante; Boletos pouco volumosos, quase sem machinhos; Quartelas sobre o comprido e harmoniosamente inclinados; Cascos bem conformados e aprumados, de aspeto ligeiro e taipa de boa qualidade.

Área de dispersão dos criadores










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 39 machos e 73 fêmeas em linha pura em 9 criadores.

Galináceos

Raças:

Amarela
Branca
Pedrês Portuguesa
Preta Lusitânica


AMARELA

História e Evolução

A galinha Amarela ou galinha Minhota (Véstia, 1959), assim chamada pela coloração amarelada da sua plumagem e ser proveniente das regiões minhotas, utilizada no passado em praticamente todo o território nacional, sofreu uma grande regressão no século passado causada fundamentalmente por revolução a nível social, económico e de hábitos alimentares.

A utilização desta raça em modo de produção tradicional tem vindo a crescer e a expandir-se para além do seu solar, mas continua relacionada com sistemas agrícolas de subsistência. Apesar de se encontrar distribuída por todo o país, considera-se que o solar desta raça é a região noroeste de Portugal, onde subsistem os efetivos mais numerosos e menos geneticamente depauperados, por influência de cruzamentos com outras estirpes exóticas de galináceos.

Alguns fatores recentes de ordem social e económica contribuíram para que as raças de galinhas autóctones passassem a ser mais procuradas e associadas a uma agricultura familiar com pequenas áreas.

Presença frequente e notória nos tradicionais galinheiros do norte de Portugal, a galinha amarela é uma raça autóctone, criada em regime extensivo nas pequenas explorações familiares da região nortenha.

É também de realçar, como características ímpares destas aves, a sua rusticidade e resistência, a sua capacidade de adaptação ao meio e a sua notável aptidão produtiva. São frequentemente utilizados na confeção de variados e deliciosos pratos e doces tradicionais, como o arroz de cabidela, o cozido à portuguesa, os folares e o pão-de-ló, verdadeiros *ex libris* da gastronomia e doçaria portuguesa, entre outros.

É sabido que a crescente quebra de rendimento das populações rurais, associada às difíceis condições de vida nestas regiões, leva ao êxodo para as urbes do litoral e consequentemente à desertificação do interior. E como hoje em dia a sobrevivência das populações rurais depende cada vez mais da valorização dos seus recursos genéticos autóctones, a preservação e melhoramento das galinhas de raça Amarela, constitui um grande alicerce nesse sentido.

Características e Aptidões

SOLAR: região noroeste de Portugal;
SISTEMA DE EXPLORAÇÃO: em regime extensivo, ao ar livre e/ou capoeiras;
APTIDÃO: mista (carne e ovos);
PORTE: elegante, altivo, imponente e vigoroso;

Padrão da Raça

Plumagem - Os galos desta raça evidenciam-se pela vivacidade e brilho da sua característica plumagem de cor castanho alaranjado escuro em fundo amarelo palha. Na cauda, as retrizes e foices caracterizam-se pela sua cor negra azeviche, com peculiares reflexos e brilho metálico azul esverdeados. Nas asas, a extremidade das remíges primárias apresenta também esta coloração negra azeviche.

A galinha apresenta também uma tonalidade castanho alaranjada homogénea na cabeça e pescoço, mas menos escura e brilhante que no galo, tendendo muito para o amarelo palha, sendo que a partir da base do pescoço esta tonalidade torna-se menos intensa. O peito, as asas e o dorso apresentam uma coloração idêntica. Na cauda, as retrizes caracterizam-se pela sua coloração negra azeviche, mas ao contrário do galo, esta só está presente, em maior ou menor quantidade, na extremidade daquelas penas. Também ao contrário do que acontece no galo, na galinha as asas não apresentam qualquer coloração negra azeviche;

Peso - Galo: entre 2,300 e 3,100 kg ; Galinha: entre 1,700 e 2,500 kg;

Diâmetro dos aneis - Galo: 16 mm ; Galinha: 14 mm;

Descrição do Galo

Cabeça - Forte e robusta; cara ligeiramente enrugada, de cor vermelho vivo; crista grande, do tipo dentado simples, com 5 ou 6 pontas bem definidas e proeminentes, direita e firme, enrugada, de cor vermelho muito vivo; bico ligeiramente encurvado, de cor amarelo córneo ou amarelo pálido; olhos de tamanho médio a grande, íris cor-de-laranja avermelhado ou cor-de-laranja acastanhado; as pálpebras são de cor vermelho vivo; orelhas oblongas, levemente pregueadas e enrugadas, de cor vermelha ou amarelo esbranquiçado; barbilhões lisos ou muito levemente enrugados, de forma ovalada ou arredondada, de cor vermelho vivo, glabros;

Pescoço - Levemente encurvado, bem guarnecido de plumagem (exceto na variedade “careca”) que cai sobre as espáduas. Na variedade “careca” toda a sua porção dorsal é glabra, estando a porção ventral coberta de penas somente no seu terço posterior;

Tronco - Cilíndrico, levemente inclinado para trás; dorso arredondado e em ligeiro declive em direção à cauda, apresentando adornos cor-de-laranja afogueados e muito brilhantes no galo; peito proeminente, carnudo, ligeiramente arredondado até ao abdómen; abdómen largo e profundo; cauda bem aberta. As grandes foices apresentam-se graciosamente encurvadas em semi-círculo; as pequenas caudais e coberturas são de tamanho médio;

Extremidades - Asas bem emplumadas; coxas robustas, carnudas, com abundante plumagem; tarsos escamosos (escamas largas), moderadamente grossos, de cor amarelo pálido, completamente desprovidos de penas.










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 653 machos e 4525 fêmeas em linha pura em 170 criadores.


BRANCA

História e Evolução

A produção de raças de galinhas autóctones, caracteriza-se por ser uma atividade secundária, em que estas são criadas em sistemas produtivos complementares a outras atividades agrícolas, tradicional ao ar livre e com aproveitamento dos recursos disponíveis. As explorações são de reduzida dimensão, com baixa produtividade e recorrendo essencialmente a mão-de-obra familiar feminina. Os animais têm grande rusticidade, boa adaptação ao meio ambiente; um grau apreciável de resistência a doenças, boas qualidades maternas para a incubação natural, sendo a produção de carne e de ovos destinados, fundamentalmente, para autoconsumo.

Esta raça de galinhas, lembrada no seu solar como as “Galinhas de Pescoço Pelado”, é a que apresenta a situação mais preocupante no que diz respeito ao perigo de extinção. Em 2016, a raça estava reduzida a 261 fêmeas e 217 machos, distribuídos por 94 criadores. Habitualmente são criadas juntamente com as restantes raças de galinhas e encontrando-se 1 a 2 exemplares por exploração.

As galinhas de raça Branca estão referenciadas bibliograficamente no livro “A Casa Grande de Romarigães”, de Aquilino Ribeiro. Este livro data de 1957 e decorre precisamente no Alto Minho, em Paredes de Coura. Relata a história, de um casal de frangos brancos oferecido a Santa Justa, considerada a Santa da Fertilidade ou advogada da esterilidade feminina, e procurada pelos casais que queriam ter filhos e não conseguiam.
Sabe-se também que sempre que nascia uma galinha Branca as pessoas a guardavam para oferecer a S. Bento.

Aliando estas crenças tradicionais ao gosto pela beleza da galinha Branca, esta tem-se mantido, apesar de em número bastante reduzido, nas pequenas explorações do Entre Douro e Minho.

Os exemplares desta raça chamam a atenção por estarem munidos de uma plumagem totalmente branca, viva e brilhante em galos e galinhas, realçando-se a coloração avermelhada da epiderme do pescoço, da face nua, crista aurículas e barbilhões, a iris alaranjada e o amarelo dos tarsos desprovidos de penas.

Características e Aptidões

SOLAR: região noroeste de Portugal;
SISTEMA DE EXPLORAÇÃO: em regime extensivo, ao ar livre e/ou capoeiras;
APTIDÃO: mista (carne e ovos);
PORTE: elegante, altivo e vigoroso.

Padrão da Raça

Plumagem - Em geral, completamente branca, viva e brilhante em galos e galinhas tolerando-se um ligeiro reflexo amarelo. Os galos desta raça evidenciam-se pela vivacidade e brilho da sua característica plumagem de cor esbranquiçada. Na cauda, as retrizes e foices caracterizam-se pela sua cor branca. Nas asas, a extremidade das remíges primárias apresenta também esta coloração branca. Por vezes pode apresentar uma tonalidade ligeiramente amarelado na zona das asas e adornos;

Peso - Galo: entre 2,300 e 3,200 kg; Galinha: entre 1,500 e 2,300 kg;

Diâmetro dos aneis - Galo: 16 mm ; Galinha: 14 mm;

Descrição do Galo

Cabeça - Forte e robusta; cara, ligeiramente enrugada, de cor vermelho vivo, glabra ou apresentando minúsculas penas de cor esbranquiçada; o conduto auditivo está rodeado por pequenas penas esbranquiçadas; crista do tipo dentado simples, com 5 ou 6 pontas bem definidas e proeminentes, direita e firme, de textura fina, ligeiramente enrugada, de cor vermelho muito vivo. A lâmina da crista está direcionada dorso-caudalmente, destacando-se bem da nuca e terminando em ponta; bico forte e robusto, ligeiramente encurvado, de cor amarelo córneo ou amarelo pálido; olhos ligeiramente salientes, redondos; íris cor-de-laranja; as pálpebras são de cor vermelho vivo; orelhas: oblongas, levemente pregueadas e enrugadas, de cor vermelha, glabras; barbilhões lisos ou muito levemente enrugados, de textura fina, de forma ovalada ou arredondada, de cor vermelho vivo, glabros;

Pescoço - Levemente encurvado, desprovido de penas (careca) sendo toda a sua porção dorsal glabra, com a porção ventral coberta de penas somente no seu terço posterior; bem proporcionado relativamente à restante conformação corporal;

Tronco - Cilíndrico, levemente inclinado para trás; dorso arredondado e em ligeiro declive em direção à cauda, apresentando adornos no galo; peito proeminente, carnudo, ligeiramente arredondado até ao abdómen; abdómen largo e profundo; cauda bem aberta. As grandes foices apresentam-se graciosamente encurvadas em semi-círculo, cobrindo a ponta das retrizes, as quais se direcionam dorso - caudalmente; as pequenas caudais e coberturas são, regularmente curvas e abundantes, ocultando quase completamente as retrizes;

Extremidades - Asas bem unidas ao corpo e bem emplumadas; Coxas de tamanho regular e comprimento médio, robustas, carnudas, com abundante plumagem; tarsos escamosos, moderadamente grossos, bem proporcionados em relação ao desenvolvimento do resto do corpo, de cor amarelo pálido, completamente desprovidos de penas; dedos: em número de quatro, rectos, finos, de comprimento médio, bem destacados e abertos, da mesma cor que os tarsos.

Área de dispersão dos criadores









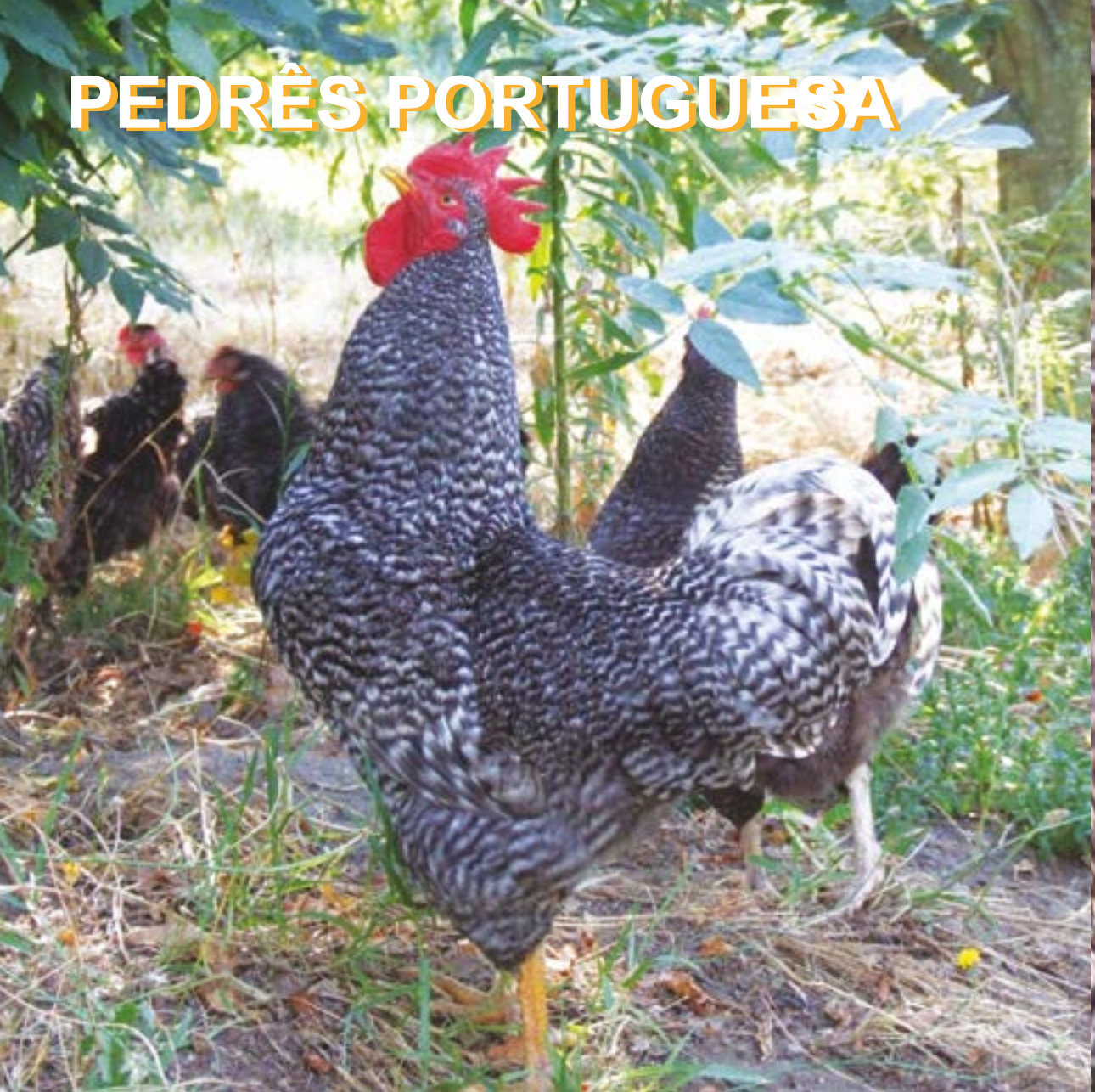






No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 264 machos e 2342 fêmeas em linha pura em 102 criadores.

PEDRÊS PORTUGUESA



História e Evolução

A manutenção ou aumento da competitividade das zonas rurais é crucial para impedir a sua desertificação e as raças autóctones podem ser um contributo quando promovidas como produtos de qualidade, aliadas à gastronomia regional ao turismo rural, às romarias locais, às feiras temáticas.

É no noroeste de Portugal continental que as raças de galinhas autóctones têm o seu solar, sendo criadas em sistemas produtivos complementares a outras atividades agrícolas, considerando a produção de carne e ovos como subprodutos da exploração, primordialmente para autoconsumo. De uma forma indireta, estas pequenas explorações familiares tiveram um papel importante impedindo a total extinção destas raças.

A raça Pedrês Portuguesa está distribuída por todo o Portugal continental, considerando-se o seu solar a região do Minho e alguns concelhos limítrofes do Douro Litoral e de Trás-os-Montes.

Conquistou desde sempre, a admiração das gentes da região norte de Portugal, não somente pela graciosidade da sua plumagem como também pela sua vitalidade, rusticidade, resistência a doenças e fatores ambientais adversos. Prova disso, são alguns provérbios antigos que o povo utiliza para exaltar a qualidade destas aves, como “Galinha Pedrês vale por três”, ou “Galinha Pedrês, não a mates nem a dês”.

De aptidão mista, são criadas essencialmente com vista à produção de carne e ovos, conhecidas como boas poedeiras, produzindo ovos de ótima qualidade e a sua carne é de notável textura, cor e sabor, muito apreciada pelos consumidores. Além disso, as suas penas são bastante procuradas para o fabrico de plumas para a pesca da truta.

É característica da plumagem o seu aspeto mosqueado, matizado de cinzento-escuro em fundo branco, apresentando cada pena transversalmente barras regulares, estreitas, paralelas, mais ou menos da mesma largura e definidas, em que uma barra cinzenta escura alterna com uma barra branca ou cinzenta clara, formando no seu conjunto barras descontinuas.

A galinha Pedrês Portuguesa esteve desde sempre associada ao aproveitamento de recursos excedentários das pequenas explorações minifundiárias do Minho e Trás-os-Montes, contribuindo desta forma para colmatar os poucos rendimentos que desde sempre estiveram associados a uma agricultura de subsistência. A galinha Pedrês Portuguesa, à imagem das outras raças autóctones reconhecidas, é vítima da absorção genética por inúmeras raças exóticas.

Características e Aptidões

SOLAR: região noroeste de Portugal;
SISTEMA DE EXPLORAÇÃO: em regime extensivo, ao ar livre e/ou capoeiras;
APTIDÃO: mista (carne e ovos);
PORTE: elegante, altivo e vigoroso.

Padrão da Raça

Plumagem - De aspeto mosqueado, matizado de cinzento escuro em fundo branco com reflexos metalizados, apresentando cada pena transversalmente barras irregulares, estreitas, paralelas, mais ou menos da mesma largura e definidas, em que uma barra cinzenta escura alterna com uma barra branca ou cinzenta clara, formando no seu conjunto barras descontinuas. Nas barras das penas do pescoço predomina o cinzento claro ou branco o que confere um aspeto global mais claro; o mesmo acontece nos adornos do dorso, embora em menor grau. As grandes foices e as retrízes podem não apresentar barras, sendo predominantemente, cinzentas escuras. A subpenugem apresenta uma coloração cinzenta. Fêmeas de tonalidade mais escuras;

Peso - Galo: entre 2,600 e 3,200 kg; Galinha: entre 2,200 e 2,700 kg;

Diâmetro dos aneis - Galo: 17 mm; Galinha: 15 mm;

Descrição do Galo

Cabeça - Forte, relativamente grande, larga de comprimento médio; cara rugosa, de cor vermelho vivo, glabra ou podendo apresentar minúsculas penas; conduto auditivo rodeado por pequenas plumas cinzentas escuras; crista direita firme, de textura fina, levemente rugosa, de cor vermelho vivo, com cinco ou seis pontas (ou dentes) relativamente bem definidas, lâmina da crista está direcionada para cima caudalmente, destacando-se bem da nuca e terminando em ponta; bico forte e vigoroso, meio curvo, de cor amarelo pálido podendo apresentar uma pigmentação de cor ardósia na base; olhos grandes, proeminentes, redondos, vivos, íris cor-de-laranja avermelhada; a pálpebra apresenta a mesma cor que a cara; orelhas oblongas, levemente rugosas, de cor vermelho vivo, glabras; barbilhões sem ou com poucas rugas ou pregas, textura fina, de forma ovalada ou arredondada, de cor vermelho vivo, glabros;

Pescoço - Levemente arqueado, bem proporcionado ao corpo e com abundante plumagem (exceto na variedade “careca”) que cai sobre os ombros. Na variedade “careca”, toda a sua porção dorsal é glabra, estando a porção ventral coberta de penas somente no seu terço posterior;

Tronco - Cilíndrico e ligeiramente inclinado para trás; dorso amplo, arredondado, comprido, ligeiramente inclinado em direção à cauda, apresentando adornos no galo; peito largo, profundo, proeminente, ligeiramente arredondado e arqueado até ao abdómen; abdómen amplo e profundo; cauda comprimento, bem aberta, as grandes e pequenas foices estão recurvadas em arco;

Extremidades - Asas de tamanho médio, bem unidas ao corpo; coxas robustas, carnudas, com abundante plumagem; tarsos escamosos, moderadamente grossos, bem proporcionados em relação ao desenvolvimento do resto do corpo, de cor amarelo pálido, com alguma pigmentação de cor ardósia escuro, desprovidos de penas.

Área de dispersão dos criadores








No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 1010 machos e 5213 fêmeas em linha pura em 271 criadores.



PRETA LUSITÂNICA



História e Evolução

Num mercado cada vez mais exigente, a certificação de produtos de qualidade passa quase obrigatoriamente pela utilização de sistemas de produção que privilegiem o natural e o tradicional, onde os recursos genéticos melhor adaptados a este ambiente sejam os preferidos (FAO, 2010).

Não conseguindo as raças autóctones competir com as estirpes comerciais de rápido crescimento, produção de carne e elevadíssima produção em ovos, é no contexto tradicional de produção extensiva, recorrendo ao que a natureza dá e a produtos excedentes da exploração, traduzindo-se em baixos investimentos, que resultam produtos de elevada qualidade apreciados pelos consumidores que cada vez mais se preocupam com a qualidade dos produtos que consomem.

A raça Preta Lusitânica é muito estimada e apreciada pela qualidade e delicadeza da sua carne, pela sua notável aptidão como poedeira e chocadeira e pela sobriedade e elegância da sua plumagem negra.

Embora a conservação das raças tenha como base a sua utilidade, a vertente cultural teve e tem um papel determinante na existência e conservação das mesmas. Neste sentido a raça preta, raça mais antiga, sempre esteve ligada a práticas de bruxaria, ocultismo e à proteção contra o mau-olhado. Ainda hoje é prática corrente e atual que animais desta raça sejam usados para afugentar os maus espíritos quando se habita uma casa pela primeira e até nos campos de futebol para tentar receber a bênção dos deuses pagãos e assim ganhar a partida. Em S. Bartolomeu do Mar, no “banho dos santos”, as crianças levam ao colo uma galinha preta para que o medo passe em definitivo para a galinha.

Com a chegada da avicultura industrial nos anos 60 (Séc. XX) e a consequente entrada de galinhas de novas estirpes selecionadas para um incremento do peso e aumento da produção de carne, estas aves autóctones foram relegadas para segundo plano, tendo o seu número declinado vertiginosamente, a ponto de, hoje em dia, se encontrarem à beira da extinção.

Atualmente, a maior população de galinhas Pretas Lusitânicas encontra-se na região noroeste de Portugal continental, aceite como sendo o solar da raça, sendo esporádica a sua ocorrência no resto do território nacional.

Características e Aptidões

SOLAR: região noroeste de Portugal;
SISTEMA DE EXPLORAÇÃO: em regime extensivo, ao ar livre e/ou capoeiras;
APTIDÃO: mista (carne e ovos);
PORTE: elegante, altivo e vigoroso;

Padrão da Raça

Plumagem - Totalmente negra, apresentando reflexos ou brilho metálico azul esverdeados em determinadas zonas do corpo, nomeadamente nos adornos do galo, dorso, cauda e/ou asas;

Peso - Galo: entre 2,500 e 3,000 kg; Galinha: entre 1,700 e 2,500 kg;

Diâmetro dos aneis - Galo: 16 mm ; Galinha: 14 mm;

Descrição do Galo

Cabeça - Robusta, largas; cara levemente rugosa, de cor vermelho vivo, podendo, apresentar ligeira pigmentação negra e/ou ardósia escuro, glabra ou apresentando minúsculas penas de cor negra; o conduto auditivo está rodeado por pequenas penas negras; crista direita, firme, de textura fina, rugosa, de cor vermelho vivo, ou com ligeira pigmentação negra e/ou ardósia escuro, com cinco ou seis pontas ou dentes bem marcadas e proeminentes; bico robusto, meio encurvado, de cor ardósia escura (na sua totalidade ou, em alguns exemplares, apenas na porção central, sendo a ponta e/ou a base de um amarelo acastanhado ou amarelo córneo); olhos ligeiramente salientes, íris cor-de-laranja a laranja acastanhada, sendo as pálpebras de cor vermelho vivo ou ardósia escuro; orelhas oblongas, levemente pregueadas e rugosas, de cor vermelho vivo, podendo apresentar ligeira pigmentação negra e/ou ardósia escuro, glabras; barbilhões lisos ou levemente rugosos, de textura fina, de forma ovalada ou arredondada, de cor vermelho vivo, podendo apresentar ligeira pigmentação negra e/ou ardósia escuro, glabros;

Pescoço - Ligeiramente encurvado, bem guarnecido de plumagem (exceto na variedade “careca”) que cai sobre as espáduas (mas sem as cobrir). Na variedade “careca” toda a sua porção dorsal é glabra, estando a porção ventral coberta de penas somente no seu terço posterior;

Tronco - Cilíndrico, levemente inclinado para trás; dorso arredondado e em ligeiro declive em direção à cauda, apresentando adornos no galo; peito profundo, saliente, carnudo, ligeiramente arredondado até ao abdómen; abdómen largo e profundo; cauda bem aberta, as grandes foices apresentam-se graciosamente encurvadas em semi-círculo, cobrindo a ponta das rectrizes, as quais se direcionam dorso - caudalmente; as pequenas caudais e coberturas são regularmente curvas e abundantes, ocultando quase completamente as rectrizes, quando observadas segundo uma perspetiva lateral;

Extremidades - Asas bem unidas ao corpo e bem emplumadas; coxas robustas, carnudas, com abundante plumagem; tarsos escamosos, moderadamente grossos, regularmente afastados, bem proporcionados em relação ao desenvolvimento do resto do corpo, de cor ardósia escuro, completamente desprovidos de penas; dedos retos, finos, da mesma cor que os tarsos.










No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 799 machos e 4762 fêmeas em linha pura em 263 criadores.

Canídeos

Raças:

Cão Barbado da Terceira
Cão da Serra da Estrela
Cão de Água Português
Cão de Castro Laboreiro
Cão de Fila de São Miguel
Cão de Gado Transmontano
Cão de Serra de Aires
Cão do Barrocal Algarvio
Cão Perdigueiro Português
Cão Podengo Português
Cão Rafeiro do Alentejo

CPC - Clube Português de Canicultura
Rua Frei Carlos, 7
1600-095 Lisboa

BARBADO da TERCEIRA



História e Evolução

Com o início do povoamento das ilhas açoreanas, foi necessário controlar e recolher as várias espécies de gado aí introduzidas logo após a sua descoberta.

Diversos tipos de cães, entre eles alguns utilizados no continente no maneio do gado, terão chegado aos Açores.

O “Barbado” provavelmente evoluiu de cães trazidos pelos povoadores a partir do Séc. XV e que eram utilizados na recolha de gado bravo. Não nos devemos também esquecer que ao longo dos séculos seguintes vários povos acompanhados pelos seus cães, em trânsito pelas ilhas, terão influenciado decisivamente o que é hoje o Barbado.

Cão de gado por excelência, muito ágil e dinâmico, de médio porte, olhar vivo e inteligente, com pelagem abundante e encaracolada, apresenta um passo algo bamboleante e um trote elástico o que justifica a sua utilidade no maneio do gado bravo. É utilizado ainda como cão de guarda, função que desempenha com eficácia. Devido ao seu caráter afável, aprende facilmente e é um bom cão de companhia.

A semelhança com outras raças com funções idênticas, como o Boieiro da Flandres (Bélgica), o Pastor de Brie (França), o Antigo Cão de Pastor Inglês (Reino Unido) e até com o nosso Cão da Serra de Aires poder-nos-iam levar a procurar a sua verdadeira origem. Mas a sua insularidade, a localização no seu berço, a Ilha Terceira, fazem com que, há umas dezenas de anos se apresente com identidades próprias, fenotípica e funcional.

A história desta raça confunde-se, portanto, com a daquelas que ainda hoje exercem funções idênticas, isto é o acompanhamento, condução e proteção dos rebanhos e manadas à sua guarda. As suas caraterísticas foram-se fixando não só por seleção natural, como também pela mão dos homens que o adaptaram às suas necessidades, daí não ser estranho a funcionalidade se ter fixado antes da própria imagem, conclusão referida em trabalhos do médico-veterinário, Diocleciano Pereira.

Nas ilhas açorianas, os cães acompanham o gado que circula entre as pastagens e até aos currais. Ajudam a encaminhar as vacas leiteiras para as salas de ordenha e fazem a guarda das máquinas de ordenha móveis e das salas de ordenha situadas em zonas mais isoladas. Estes cães são também, uma companhia das famílias e protegem as suas casas.

Temperamento, Educação e Treino

Cão companheiro e fiel ao dono, inteligente, de ensino fácil, alegre, meigo e voluntarioso.

Aparência geral

É um cão rústico, com corpo forte e bem musculado, coberto de pelo comprido, abundante e ondulado.

Cão sub-longilíneo, em que o comprimento do corpo é ligeiramente superior à altura ao garrote. O comprimento do crânio é ligeiramente superior ao comprimento do chanfro.

Cabeça: Forte, sólida e proporcional ao corpo;

Crânio: Tamanho médio e ligeiramente abaulado;

Lábios: Firmes, grossos e bem pigmentados. Comissura labial pouco evidente;

Dentes: Fortes, sólidos com caninos bem desenvolvidos. A dentição articula em tesoura ou em pinça;

Olhos: De tamanho médio, de formato oval, expressivos e inteligentes. Cor de mel a castanho-escuro;

Orelhas: De Inserção média a alta, triangulares, de tamanho médio, pendentes, quebradas e bem revestidas de pelo;

Pescoço: Médio, sólido e bem musculado;

Cauda: De implantação média a baixa e de tamanho médio sem ultrapassar o curvilhão;

Membros anteriores: Verticais de ossatura larga, bem musculados e bem aprumados;

Mãos: Grandes e ovais com dedos bem arqueados e almofadas digitais grossas e resistentes. Unhas fortes;

Membros posteriores: Robustos e bem musculados;

Pés: Ovais com dedos bem unidos e arqueados, podendo apresentar presunhos;

Andamentos: Ágeis e com boa impulsão, permitindo bruscas mudanças de direção e transição de movimentos;

Altura ao garrote: Machos: 52 a 58 cm; Fêmeas: 48 a 54 cm;

Peso: Machos: 25 a 30 Kg; Fêmeas: 21 a 26 Kg.

Pelagem

Comprida, farta, ligeiramente ondulada, nem lisa nem encaracolada, com sub-pelo abundante em todo o corpo. Admite-se a tosquia de trabalho.

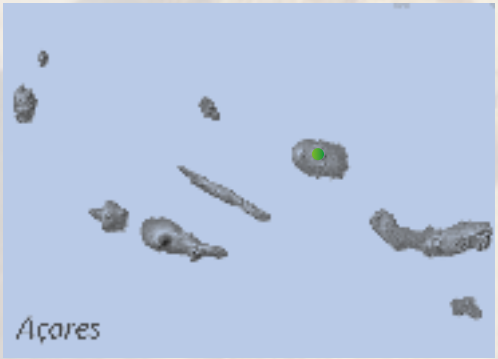
O pelo é forte, ligeiramente grosseiro mas não áspero. Abundante em toda a cabeça, no focinho e sobre os olhos, onde cai para a frente. Farto na zona mandibular, originando as barbas de onde lhe advém o nome. Nos membros o pelo é abundante, inclusive entre os dedos. Abundante na cauda até à ponta.

De cor amarela, cinzenta, preto, fulvo e lobeiro nas tonalidades claro, comum e escuro, podendo ser manalvos, pedalvos, quadralvos, com frente aberta, encoleirados e com malhas brancas no peito, ventre e ponta da cauda.







Associação Açoreana do Cão Barbado da Ilha Terceira
Canada do Rolo, 54
9700-713 TERRA-CHÃ Angra do Heroísmo
aaccbt@gmail.com

CPBT - Clube Português do Barbado da Terceira
Quinta da Fonte, 22 - Lavradio
2835-306 Barreiro
cpbarbadodaterceira@gmail.com

SERRA da ESTRELA



História e Evolução

O Cão da Serra da Estrela partilha uma história ancestral comum a todas as raças e populações caninas de Cães de Proteção de gado. À luz dos conhecimentos atuais pode afirmar-se com segurança que todo este tronco muito específico (a nível morfológico mas sobretudo em termos comportamentais) de *canis lupus familiaris* terá tido a sua origem e o início do seu desenvolvimento no Crescente Fértil, há cerca de 14-15 séculos, contemporânea à domesticação das primeiras espécies de produção pecuária. Sendo depois a partir daí que, acompanhando os movimentos migratórios das comunidades pastoris e os processos de sedentarização, se individualizaram núcleos populacionais em áreas geográficas distintas. Em cada área tais populações desenvolveram algumas caraterísticas específicas de adaptação quer às condições meteorológias e orográficas da área, quer ao tipo de maneio do gado, ao modo de vida das comunidades humanas e, desde logo, ao gosto maioritário dos pastores (elementos fulcrais do secular processo de seleção) de cada zona também por detalhes estéticos mas sobretudo pela aptidão para cumprir a função de proteção.

Tal aconteceu também na área geográfica sob influência da Serra da Estrela, sendo a prática da transumância um elemento fundamental no processo evolutivo da raça.

Com o surgir da canicultura organizada (finais séc.XIX - início do século XX) desenvolve-se o conceito de raça canina (indubitavelmente com base morfológica mas com influência geopolítica e cultural), estudam-se populações e inicia-se a redação de estalões. Em 1933 surge o primeiro estalão do Cão da Serra da Estrela com a descrição das caraterísticas físicas observadas na população mas também com a introdução de detalhes para uma seleção dirigida para a diferenciação em relação a outras raças similares. Nesta altura e durante as primeiras 3 décadas de registos no LOP, a maioria dos exemplares da raça era de Pelo Curto.

Só com o início do desenvolvimento do Turismo na Serra da Estrela (anos 50), mais tarde com a generalização do conceito de cão de companhia em meio urbano e sua periferia, com o decréscimo compulsivo da atividade pastoril e com o desaparecimento do lobo no início da década de oitenta na Serra da Estrela, se deu uma inversão completa do rácio de variedades na população da raça. O Serra de Pelo Comprido que era absolutamente residual na população inicial e muitas vezes desvalorizado em termos funcionais adquire, fruto do seu aspeto de peluche em cachorro, um outro estatuto tornando-se inclusive uma mais-valia económica para quem os criava e vendia aos turistas.

A partir daí a seleção no que à população registada e à canicultura organizada diz respeito, assentou sobretudo em aspetos morfológicos. Manteve-se contudo uma população funcional, no ambiente natural, junto dos cada vez menos pastores que se mantiveram fiéis ao maneio tradicional do gado, assim como em quintas (cumprindo a função de proteção de propriedades) da zona interior de Portugal entre o Tejo e o Douro, com especial relevo na Serra da Estrela e nas áreas em que se mantiveram populações lupinas (Sul do Douro).

Aparência geral

É um cão de grande porte, imponente, com uma cabeça grande e forte, olhos pequenos de cor âmbar escuro, orelhas pequenas e repuxadas, com máscara negra e a pigmentação das mucosas.

O crânio é ligeiramente mais comprido que o chanfro, a dentição é forte articulando preferencialmente em tesoura mas sendo admitida a pinça, os lábios são pouco espessos e não pendentes. Com eixos crânio faciais ligeiramente divergentes, stop pouco pronunciado e pele lisa no crânio e face.

O pescoço é curto e grosso com pouca barbela, o peito é largo e bem arqueado.

Com angulações moderadas, tem os membros altos, sendo a altura de peito inferior a metade da altura ao garrote. A altura à garupa deve ser igual ou ligeiramente superior à altura ao garrote. Bem musculado, com movimentos ágeis e fáceis, apresenta uma ossatura forte. As mãos e os pés são de forma intermédia entre os pés de lebre e os pés de gato, com pelos abundantes nos espaços interdigitais e unhas preferencialmente pretas. Pode apresentar presunhos simples ou duplos nos membros posteriores.

A altura varia entre os 62 e os 69 cm para as fêmeas e entre os 65 e os 73 cm para os machos, com uma tolerância de 2 cm no limite superior.

A cauda, de inserção média e formando gancho na ponta é comprida, chegando pelo menos ao curvilhão e bem guarnecida de pelos, sendo franjada na variedade de Pelo Comprido.

Os pesos médios para a raça são de 45 a 60 kg para os machos e de 35 a 45 kg para as fêmeas.

As cores do Serra da Estrela

A pelagem do Serra é forte, com sub-pelo abundante, com uma textura que faz lembrar um pouco o pelo de cabra. Na variedade de Pelo Curto o pelo é liso, praticamente homogéneo em todo o corpo sendo apenas ligeiramente mais curto na cabeça e membros e não podendo apresentar franjas. O Pelo Comprido apresenta pelo liso ou ondulado, sendo mais comprido em volta do pescoço e bordo inferior, na face posterior dos antebraços, nas nádegas que são franjadas e na cauda também franjada.

Em termos de cores, segundo o estalão: “são admitidas e consideradas típicas as seguintes cores:

- Unicolores: amarelo, fulvo e cinza em todas as suas tonalidades.
- Lobeiros: tonalidades de fulvo, amarelo e cinzento, muitas vezes em tons pálidos e escuros
- Tigrados: fulvo, amarelo e cinza, cor de carvão.

Na região crânio-facial é típica a máscara de cor negra. As marcas brancas são admitidas apenas nas extremidades das mãos e pés bem como numa zona muito limitada da base do pescoço e peitoral.”

Temperamento, Educação e Treino

O temperamento e os principais traços comportamentais da raça estão intimamente ligados à sua função original. Espera-se do comportamento de um cão de proteção de gado que seja sereno, reconhecido pelo rebanho como mais um elemento e que identifique o gado como a sua família que tem a responsabilidade de proteger.










Licrase - Liga dos Criadores e Amigos do Cão da Serra da Estrela
Club Camões, Av. 1.º de Maio - Apartado 99
6291-909 Gouveia
geral@licrase.pt

Associação Portuguesa do Cão da Serra da Estrela
R. Vale de Nogueira, 13
1685-559 Caneças
infoapcse@gmail.com

ÁGUA PORTUGUÊS



História e Evolução

O Cão de Água Português é uma raça muito antiga, reconhecidamente existente desde o século XIII. Pertence à grande família dos Cães de Água Europeus dos quais, possivelmente é o antepassado comum.

Trata-se de um cão de médio porte, mais quadrado do que comprido, bem aprumado, com boa musculatura no posterior. O olhar é vivo e inteligente.

Descende do *Canis leo* Romano e do "Canis Turkus" da Mesopotâmia. Em tempos remotos, radicou-se no litoral Algarvio, onde em 1297 já era referenciado como cão pescador e salvador. A sua história está ligada à vida dos homens do mar e eram eles que o criavam e utilizavam na faina da pesca, nos caíques e outras embarcações como ajudante sem par.

Tal era a sua utilidade, que cada cão era parte interessada no produto final da pescaria, a par de cada embarcadiço, que por sua vez era responsável por essa gestão. Era assim considerado como mais um membro da tripulação.

Supõe-se que o litoral Algarvio seja o solar da raça, desde Vila Real de Santo António a Sagres, especialmente as zonas ribeirinhas e comunidades piscatórias de Tavira, Olhão, Faro, Albufeira, Portimão, Ferragudo e Lagos. São estas, sem dúvida, terras de pescadores e homens do mar nas quais abundam as praias de areia branca e fina, alternando com falésias de rocha calcária cor de ferrugem e onde no passado a faina da pesca era o sustento principal de muitas das suas gentes.

Existem duas variedades de pelagem: a primeira apresenta uma pelagem longa e ondulada, ligeiramente baça. A outra é mais curta e encrespada, apresentando caracóis bem formados.

A tosquia tradicional desta raça é chamada "à leão" e tem origens muito antigas. A sua razão de ser é proteger termicamente o tórax durante a natação no alto mar. Ao mesmo tempo liberta-lhe a visão durante o mergulho.

O Cão de Água pode ser também um excelente cão de guarda, dando sempre o pré-aviso contra intrusos na defesa dos bens à sua guarda.

A sua inteligência viva, a sua grande dedicação, a sua alegria e a sua capacidade de entrega fizeram dele o companheiro ideal de crianças às quais se entrega sempre sem limites.

Aparência geral

É um cão de proporções médias, bem equilibrado, robusto e bem musculado. O seu desenvolvimento muscular, devido aos frequentes exercícios de natação, é apreciável. De forma quase quadrada, o comprimento do corpo é aproximadamente igual à altura ao garrote.

Cabeça: Bem proporcionada, forte e larga;

Crânio: Visto de perfil é ligeiramente mais comprido do que o focinho;

Lábios: Espessos, especialmente na parte da frente;

Maxilas/Dentes: Maxilas fortes. Caninos fortes e bem desenvolvidos, articulando em tesoura ou em pinça;

Olhos: De tamanho médio, arredondados. Bem afastados e ligeiramente oblíquos;

Orelhas: Inseridas acima da linha dos olhos, levantadas para trás e em forma de coração;

Pescoço: Direito, curto, arredondado, bem musculado;

Cauda: De inserção média. A cauda é um precioso auxiliar para nadar e mergulhar;

Membros anteriores: Fortes, direitos e bem aprumados;

Mãos: Arredondadas e planas. Os dedos não são muito arqueados, nem muito compridos. A membrana interdigital, que chega à ponta dos dedos, é de textura flácida e bem fornecida de pelos compridos;

Membros posteriores: Bem musculados e aprumados;

Pés: Em tudo idênticos às mãos;

Andamentos: Movimentos desembaraçados;

Altura ao garrote: Machos: 50 - 57 cm; Fêmeas: 43 - 52 cm;

Peso: Machos: 19-25 kg; Fêmeas: 16-22 kg.

Pelagem

Todo o corpo se encontra abundantemente revestido de pelo resistente, sem sub-pelo. Há duas variedades de pelagem: uma comprida e ondulada e outra mais curta e encarapinhada. O pelo comprido é um pouco lustroso e lanoso. O pelo mais curto é denso, baço e forma mechas cilíndricas. Na variedade de pelo comprido, este é mais comprido nas orelhas.

A pelagem é preta ou castanha nas diferentes tonalidades ou branco uniforme.

Temperamento, Educação e Treino

Animal de inteligência excecional, compreende e obedece facilmente com prazer a todas as ordens do seu dono.

É impetuoso, voluntarioso, corajoso, sóbrio e resistente à fadiga. Possui uma ótima visão e olfato e é um excelente nadador e mergulhador.










Associação Para a Proteção do Cão de Água Português
Rua 25 de Abril n.º 8, Vale Milhaços
2855-400 Corroios
apcap@clix.pt

CASTRO LABOREIRO



História e Evolução

O Cão de Castro Laboreiro, devido ao seu solar, a vila de Castro Laboreiro, situada no Alto Minho entre as Serras do Soajo e da Peneda, apresenta uma identidade fenotípica ancestral. O isolamento da região durante largos anos contribuiu igualmente para tal. Distingue-se, logo aí, dos outros cães de montanha nacionais. Apresenta-se de tipo ligeiramente amastinado, de expressão severa e séria, com uma cauda graciosa em "cimitarra" e com uma pelagem muito particular que muitas vezes comporta três cores, desde a cor da pinha, ao vermelho e até mogno, chamada "cor do monte". Tem ainda um ladrar caraterístico que se inicia com um tom profundo, subindo em seguida em tom grave, para terminar num agudo prolongado.

É, contudo, uma raça autóctone secular e, como outras, selecionada ao encontro das funções que tinha que exercer no seio da família-tipo dessa região.

Cão reservado, atento, de expressão severa e séria, o Castro Laboreiro faz parte do património desta região inóspita e bela, mas que, devido ao difícil acesso não permitiu que a conhecessemos e ao seu cão, tão cedo como seria desejável.

À semelhança das raças antigas de tipo mastim indígenas da Península Ibérica, já no séc. XIX há relatos literários que falam da sua existência. Camilo Castelo Branco, grande amante do Minho e das suas gentes, na sua obra, escreve: "…os cães de Castro Laboreiro, muito ferozes, arremetiam às portas com a dentuça refilada…".

Confinado ao longo dos tempos à sua região de origem era ofertado, como animal de estimação, a gente rica ou letrada, por parte dos castrejos. O Cão de Castro Laboreiro esteve em vias de extinção devido à desertificação da região e ao abandono da pastorícia durante os anos 70.

Pelo esforço de alguns dos seus defensores, a raça saiu do seu solar, encontrando-se já criadores noutras regiões do país.

Aparência geral

É um cão de tipo ligeiramente amastinado. Animal vigoroso e rústico.

Cabeça: Tamanho médio, comprida, aproximando-se do retângulo;

Crânio: Moderadamente desenvolvido, ligeiramente saliente e medianamente largo;

Lábios: Bem rasgados, com as comissuras médias e pouco aparentes;

Maxilas/Dentes: Potentes, bem musculadas e bem articuladas. Dentição completa, dentes brancos e fortes;

Olhos: Médios, amendoados e castanhos;

Orelhas: Colocadas relativamente alto, caindo natural e paralelamente de cada lado da cabeça;

Pescoço: Curto, direito e bem desenvolvido e de uma espessura proporcionada;

Cauda: De inserção mais alta do que a média, espessa na base e desce até ao jarrete;

Membros anteriores: Fortes e bem musculados. Ossatura bem desenvolvida;

Mãos: Proporcionais ao tamanho e mais arredondadas que compridas, quase pés de gato;

Membros posteriores: Fortes e bem musculados. Bem aprumados vistos de trás. Ossatura bem desenvolvida;

Pés: Em tudo idênticos às mãos;

Andamentos: Os movimentos são rítmicos e fáceis;

Altura ao garrote: Machos: 58-64 cm; Fêmeas: 55-61 cm;

Peso: Machos: 30-40 Kg; Fêmeas: 25-35 Kg.

Pelagem

O pelo é curto sobre o corpo e sem sub-pelo. Quase baço, liso, bem acamado em quase todo o corpo e muito espesso.

Em geral o pelo é mais curto e mais denso na cabeça e nas orelhas, onde é mais fino e macio, e nos membros debaixo do cotovelo e do jarrete.

É espesso e comprido sobre as nádegas e é resistente e até rude ao toque.

A cor cinzenta-lobo (lobeiro) é a mais difundida e a cor preferida é a “cor do monte”, assim denominada pelos autóctones e considerada pelos criadores da região de Castro Laboreiro como uma caraterística da raça. É uma pelagem tigrada cuja cor de base é composta por diferentes tonalidades de cinzento, cor de carvão mais ou menos escuro.

Temperamento, Educação e Treino

Companheiro leal e dócil para a sua família, é indispensável na proteção dos rebanhos contra o ataque dos lobos que, nas imediações da região de origem, ainda hoje são frequentes. Graças à sua vigilância constante e às suas patrulhas frequentes, é a sentinela ideal para as propriedades que lhe estão confiadas. Nobre de índole. Muito ágil e ativo, pode mostrar alguma hostilidade sem, contudo, ser brigão. Tem um ladrar de alerta caraterístico.










Associação Portuguesa do Cão de Castro Laboreiro
Lugar da Vila
4960-060 Castro Laboreiro
apccl@apccl.pt

Clube do Cão de Castro Laboreiro
Rua da Vitória, 52 - Vale de Milhaços
2855-433 Corroios
c_laboreiro@hotmail.com

FILA de SÃO MIGUEL



História e Evolução

O Cão de Fila de São Miguel, enquanto raça aceite e homologada pela Fédération Cynologique Internationale (FCI) é muito recente, mas já no século XVI há registos da sua existência, referidos pelo cronista D. Gaspar Frutuoso.

Este cão, que era mais conhecido localmente por "Cão das Vacas", pelas suas qualidades de guarda e sua utilização no acompanhamento do gado vacum Bovino, é de média corpulência e tem algumas características igualmente distintivas: o andar algo bamboleante, as zonas posteriores e anais, franjadas, a cabeça quadrada, o olhar determinado; carateriza-se ainda pela sua função de condutor de gado por morder baixo.

A denominação "Cão de Fila de São Miguel" aparece pela primeira vez numa fotografia existente no Clube Português de Canicultura, datada de 1938, de um exemplar apresentado na Exposição Canina Internacional de Lisboa.

Na Ilha de S. Miguel, foi iniciado o processo de reconhecimento e registo inicial de exemplares onde os cães de pelagem raiada eram mais apreciados e selecionados. O critério de seleção utilizado era efetuado de acordo com a sua funcionalidade, pois os pastores valorizavam a companhia de cães fortes, de estrutura sólida, manifestamente corajosos e dissuasores perante os estranhos.

Atualmente, e para além de manter a sua utilização na Ilha de S. Miguel como condutor de vacas, é também selecionado como cão de guarda sendo reconhecidamente devotado ao seu dono.

Nos últimos anos, o Cão de Fila de São Miguel tem ganho visibilidade no Continente, ocupando um lugar importante nas preferências dos portugueses.

Temperamento, Educação e Treino

Cão de proteção de gado por excelência, é também um bom guarda de propriedade e defesa. De temperamento muito forte para com os estranhos mas dócil com o seu dono. Muito inteligente, e muito recetivo. Na sua função de condutor de vacas leiteiras morde baixo, com o objetivo de não ferir as tetas das vacas. No entanto, pode morder mais alto no caso de se tratar de gado tresmalhado.

Aparência geral

Forte e rústico.

Cabeça: Forte, eixos longitudinais crânio faciais paralelos;

Crânio: Largo, de forma quadrada, ligeiramente abaulado, protuberância occipital pouco aparente;

Lábios: Bem pigmentados, sobrepostos e firmes. Perfil inferior ligeiramente arredondado. Boca bem rasgada;

Maxilas/Dentes: Muito fortes, bem desenvolvidas. Oclusão correta;

Dentes: Dentição completa com articulação em tesoura ou em pinça;

Olhos: Ovais, expressivos, ligeiramente encovados, horizontais, de tamanho médio e cor castanha escura;

Orelhas: De Inserção acima do nível dos olhos, de tamanho médio, triangulares e caídas, sem ser coladas à face;

Pescoço: Direito, forte e de comprimento médio;

Cauda: Inserção alta, grossa, de comprimento médio e ligeiramente curvada;

Membros anteriores: Fortes, medianamente afastados e direitos;

Mãos: Ovais, com dedos e unhas fortes;

Membros posteriores: Fortes, medianamente afastados;

Pés: Ovais, com dedos fortes não muito curvados e unhas fortes;

Andamentos: Fáceis e soltos. Em movimento, o cão apresenta um ligeiro balanço no trem posterior;

Altura ao garrote: Machos: 50 - 60 cm; Fêmeas: 48 - 58 cm;

Peso: Machos: 25 a 35 kg; Fêmeas: 20 a 30 kg.

Pelagem

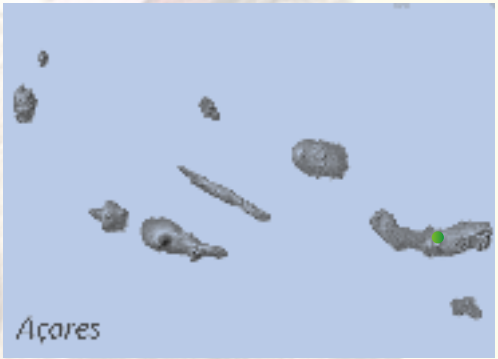
O pelo é curto, liso, denso, de textura rude, ligeiramente franjado na cauda, região anal e atrás das coxas.

De cor fulvo, areia carbonizada, cinzento, nas tonalidades claro a escuro, devendo ser sempre tigrado. Pode apresentar uma marca branca sobre a fronte e do queixo ao peitoral.







Clube do Cão de Fila de São Miguel
Quinta de São Gonçalo
Serviço de Desenvolvimento Agrário
9500-110 Ponta Delgada
clubecaofilasaomiguel@gmail.com

As fotografias foram cedidas pelo Clube do Cão de Fila de São Miguel

GADO TRANSMONTANO



História e Evolução

O Cão de Gado Transmontano que se estabeleceu no Nordeste transmontano há vários séculos, deverá ter a sua origem nos cães provenientes da Ásia Menor trazidos para a Península Ibérica na época das invasões Romanas e posteriormente usados na transumância.

Nesta região montanhosa, que se carateriza por campos de pasto íngremes e de difícil acesso, o Cão de Gado adaptou as suas funções de guardião aos requisitos da pastorícia local, nomeadamente ao tipo de gados ovino e caprino que tradicionalmente têm pastagem nestas áreas.

Ao contrário do que se pensa, nessa região ainda hoje subsistem ataques de lobo aos rebanhos de ovelhas, desempenhando esta raça autóctone, um papel preponderante na proteção dos rebanhos.

O Cão de Gado Transmontano diferencia-se das outras raças por ser um Mastim de grande porte podendo atingir os 84cm ao garrote. No entanto, é caraterizado por ser um cão de porte bastante ligeiro, quase quadrado, muito bem aprumado, bem proporcionado e de movimentos ágeis.

Em Trás-os-Montes, estes cães continuam a ser selecionados tendo em conta exclusivamente o seu lado funcional, da mesma forma e para as mesmas funções para que sempre foram selecionados ao longo dos séculos.

Entre 1994-2010 esteve em curso um programa de seleção e distribuição destes cães pelos pastores que apascentam os rebanhos pelo território, concorrendo como uma das medidas de preservação do Lobo Ibérico. A presença de bons cães de proteção de gado nos rebanhos constitui uma forma de diminuir quer a incidência de ataques de lobo, quer a incidência de conflitos entre esta espécie e as populações humanas contribuindo para a conservação da natureza.

A raça foi internacionalmente reconhecida pela FCI – Fédération Cynologique Internacionale em 2020.

O Cão de Gado Transmontano faz parte da história viva de Trás-os-Montes constituindo inequivocamente, parte do património cultural e social das suas gentes.

Aparência geral

Cão molossóide de grande tamanho, forte e rústico, porte altivo e olhar sereno. Tem o perfil lateral quadrado, com membros altos, de ossatura forte, naturalmente direitos e bem aprumados.

Cabeça: Grande e maciça mas não demasiado volumosa em proporção ao tamanho do corpo;

Crânio: Moderadamente largo e pouco abaulado nos eixos;

Lábios: Bem sobrepostos, de grossura regular, um pouco pendentes e ligeiramente arredondados;

Maxilares: São fortes, bem desenvolvidos e bem musculados;

Dentes: Fortes e bem desenvolvidos. Dentição em tesoura ou em pinça;

Olhos: De tamanho médio e de formato amendoado, de cor castanha, desde o tom de mel à mais escura;

Orelhas: São de tamanho médio, com a ponta em bico arredondado;

Pescoço: O pescoço é de tamanho médio, direito, forte e bem musculado;

Cauda: Grossa, bem coberta de pelo, de tamanho médio e não ultrapassa o jarrete;

Membros Anteriores: Vistos de frente são fortes, compridos, direitos e paralelos;

Mãos: Fortes, volumosas e redondas, com dedos bem juntos e arqueados. Almofadas digitais grossas, altas e resistentes;

Membros Posteriores: Fortes e musculados, vistos de trás são paralelos;

Pés: Ovais ou mesmo arredondados;

Andamentos: O andamento é ligeiro, enérgico, bem cadenciado e com amplitude de passo.

Altura: Machos: 75 a 85 cm; Fêmeas: 68 a 78 cm

Peso: Machos: 60 a 75 Kg; Fêmeas: 50 a 60 Kg

Pelagem

Grossa, de comprimento médio e abundante. O pelo é liso e muito denso. O sub-pelo existe e é evidente. As pelagens mais comuns são as brancas malhadas de preto, de amarelo, de fulvo ou lobeiro. As pelagens unicolores são fulvas, amarelas ou lobeiras podendo ser também raiadas.

Temperamento, Educação e Treino

Não obstante a sua corpulência é um cão de temperamento dócil, mas reservado.

É cauteloso sem ser agressivo, sempre calmo e com olhar sereno. É um excecional vigia na sua função de cão de proteção de gado.

Vive e convive com outros machos sem conflito onde existem fêmeas em idade de reprodução, impondo a hierarquia da dominância quando habita em conjunto e é natural vê-los juntos em número superior às fêmeas no acompanhamento do rebanho, que nunca é feito por um só cão.










Associação dos Criadores do Cão de Gado Transmontano
Rua Dr. Álvaro Leite, Edifício Casa do Povo
Delegação do Parque Natural de Montesinho
5320-332 Vinhais
geral@caodegadotransmontano.org.pt

Clube Português do Cão de Gado Transmontano
Rua de Ourém, 14, 1.º
Urbanização da Almoinha Grande (Nova Leiria)
2415-781 Leiria
geral@cp-caodegadotransmontano.com

SERRA de AIRES



História e Evolução

O Cão de Serra de Aires, à semelhança de outras raças portuguesas tem uma origem muito antiga, perdendo-se no tempo as razões pelas quais se encontram noutros países vizinhos, outros cães, de tamanho, fenótipo e funcionalidade idênticos. Disso, são exemplo o Cão de Pastor Catalão, em Espanha e o Pastor dos Pirinéus no sul de França.

No resto da Europa, para além das supracitadas há outras raças semelhantes, o Schapendoes na Holanda, o Nizinny na Polónia, o Puli na Hungria, e o Bergamasco em Itália, entre outras, que têm traços fenotípicos comuns e o mesmo instinto no que se refere a trabalho. A seleção a que foram sujeitas estas raças, através de cruzamentos com cães locais, influenciou ao longo do tempo a aquisição de traços bem fixados, dando origem a estalões próprios das diversas regiões.

Falar da sua história é recuar no tempo, mas é possível que a sua entrada no nosso país tenha sido feita pelo Alentejo, acompanhando povos nómadas, invasores, mas que já se dedicavam à pastorícia.

Tem uma particularidade singular, que se carateriza pela adoção de atitudes de gestos e expressão simiescas, o que lhe confere a designação de “cão macaco”. nalgumas regiões do Alentejo. Tem pelo comprido de textura áspera, de várias tonalidades de cores, deixando a descoberto os olhos, de expressão e olhar inteligente. É um cão dócil, de médio porte, movimentando-se de forma rápida e elástica.

O nosso “Serra de Aires” adquiriu uma certa homogeneidade, muito cedo no século XX, sendo o seu primeiro projeto estalão datado de 1932 e tendo como berço o monte “Serra de Aires” no concelho de Monforte.

Cão rústico e sóbrio, ligeiro e atento, profundamente adaptado à sua função de cão de proteção de gado, este cão foi durante décadas conhecido como companheiro fiel do pastor do Alentejo, sempre pronto a partilhar com ele a solidão luminosa das pastagens, o silêncio gelado da noite, a escassez da refeição parca e o trabalho rude da proteção e condução dos rebanhos.

Com o declínio progressivo da pastorícia e a desertificação do Alentejo também a continuidade e evolução desta raça esteve em perigo, tendo sido selecionado há cerca de 20 anos e cada vez mais, como cão de guarda e de companhia.

Pela sua inteligência e fidelidade, pela sua rusticidade e poder de adaptação é também um excelente cão de família, amigo das crianças dizendo-se inclusivamente que as trata como trataria as suas “ovelhas”.

Aparência geral

Cão de tamanho médio, dotado de rusticidade e sobriedade apreciáveis, extremamente ágil e rápido.
O comprimento do corpo é cerca de 10% superior à altura ao garrote.
Cabeça: De tamanho médio, forte, larga, nem comprida, nem pesada;
Crânio: A sua forma tende para o quadrado, com largura ligeiramente inferior ao comprimento;
Lábios: Bem unidos e não sobrepostos, quase direitos, finos, firmes;
Maxilas/Dentes: Desenvolvimento normal, com perfeita oposição das duas maxilas;
Olhos: De dimensões médias, arredondados, geralmente de cor escura;
Orelhas: Inseridas alto. Pendentes e não dobradas, triangulares, finas e lisas;
Pescoço: De comprimento médio;
Cauda: Inserção alta, pontiaguda, tocando o jarrete. O pelo é abundante e comprido;
Membros anteriores: Fortes, bem aprumados vistos de frente e de perfil e bem afastados;
Mãos: Arredondadas, não espalmadas. Dedos compridos, unidos e bem curvados;
Membros posteriores: De largura média e fortes;
Pés: Em tudo idênticos às mãos;
Andamentos: Principalmente um trote ligeiro e elástico. Movimentos de grande amplitude;
Altura ao garrote: Machos: 45-55 cm; Fêmeas: 42-52 cm;
Peso: 17-27 Kg.

Pelagem

O pelo é de grossura média, liso ou pouco ondulado e comprido. A textura ligeiramente áspera e preferencialmente cáprea. O pelo forma uma longa barba, um bigode e sobrancelhas, mas não cobre os olhos. Denso e igualmente repartido por todo o corpo, incluindo os espaços interdigitais. Ausência de sub-pelo ou de pelo lanoso. Pelo muito longo na cabeça, no tronco e membros, incluindo os espaços interdigitais.

De cor amarela, castanha, cinzenta, fulvo e lobeiro (fulvo cor de carvão), com as variedades claro, médio e escuro e preto.

Temperamento, Educação e Treino

Excecionalmente inteligente e muito vivo. De uma dedicação extrema ao pastor e ao rebanho que lhe é confiado. É distante perante os estranhos e vigilante de noite. Hoje em dia é também um excelente cão de companhia, de desporto e de guarda. Distingue-se pela forma hábil como conduz e mantém o gado nas pastagens e como encontra os animais tresmalhados. Sempre atento, sinaliza com sucesso a proximidade de predadores. Executa o seu trabalho com prazer.










Associação do Cão da Serra de Aires
Rua da Lameira, nº12
7440-043 Alter do Chão
acsaalterdochao@gmail.com

Clube Português do Cão da Serra de Aires
Rua do Chafariz, 14
2635-026 Rio de Mouro
cpcsa.portugal@hotmail.comb

As fotografias foram cedidas pela Associação do Cão da Serra de Aires

BARROCAL ALGARVIO



História e Evolução

A origem do Cão do Barrocal Algarvio é muito antiga.

A imagem que hoje se conhece desde épocas remotas, embora a fonte que o suporta seja a tradição oral, tem sido perpetuada através de várias gerações.

Não obstante encontrar-se em todo o Algarve, é na região do Barrocal, que apresenta caraterísticas geofísicas particulares, tais como solos calcários, com afloramentos rochosos, que ele se fixou. Esta região estende-se pelos concelhos de Loulé, S. Brás de Alportel, Faro, Tavira, Lagoa, entre outros.

Um cão de temperamento próprio, perfeitamente adaptado e eficiente nos terrenos mais inóspitos, resultou certamente de cruzamentos bem-sucedidos entre vários tipos de cães.

Ao longo dos anos, o Cão do Barrocal Algarvio tem sido apelidado por caçadores, e não só, como Cão "abandeirado", "fraldado", "felpudo" ou "gadelhudo" devido à forma e porte da sua cauda e ao pelo meio comprido e macio.

O Cão do Barrocal, em vias de extinção nos anos sessenta, ressurge através do trabalho de alguns caçadores que o selecionaram de acordo com caraterísticas próprias, tais como a rapidez e a eficácia, pronto a enfrentar a diversidade geográfica onde ele se instala. Adaptado a solos pedregosos, mas também a terrenos arbóreos e até a mato denso, o Cão do Barrocal, para além de ser utilizado na caça ao coelho, integra hoje algumas matilhas dedicadas à caça grossa.

A sua importância e divulgação ganham visibilidade através do trabalho da Associação de Criadores do Cão do Barrocal Algarvio (A.C.C.B.A.), que desde 2004, o tem vindo a apresentar nas feiras locais, através de um significativo número de exemplares.

Em 2012 e com o objetivo de compilar informação histórica e científica (morfológica e genética) que permitisse justificar a atribuição da classificação de raça a esta população de cães presentemente denominada Cão do Barrocal Algarvio, o grupo de Biologia Molecular do Instituto Nacional de Investigação Veterinária (INIAV, IP) desenvolveu um estudo de análise molecular por forma a investigar a sua identidade genética e analisar e relação com outras raças caninas autóctones portuguesas. Os resultados deste estudo evidenciam inequivocamente que estes animais constituem um núcleo geneticamente distinto no contexto das restantes das raças caninas autóctones com que foram comparados. Em 2016 foi oficialmente reconhecida a raça Cão do Barrocal Algarvio.

Aparência geral

Cão de corpulência média, rustico e bem proporcionado, com caraterístico porte de cauda em cimitarra. A cabeça tem forma piramidal com orelhas eretas e chanfro cónico truncado na ponta.

Cabeça: Em forma de pirâmide, sulco frontal pouco acentuado. Eixos craniofaciais paralelos ou ligeiramente divergentes;

Crânio: Estreito e plano, visto de perfil quase direito, arcadas supraciliares pouco aparentes;

Lábios: Bem sobrepostos, de grossura regular, pouco pronunciados, com comissura labial pouco aparente;

Maxilares: São fortes;

Dentes: Fortes com oclusão normal das maxilas. Dentição em tesoura;

Olhos: Médios e de formato amendoados, de cor castanha variável entre clara, cor de mel ou mais escura;

Orelhas: São de inserção media-alta (acima da linha dos olhos), com base larga, de tamanho grande, mais compridas do que largas, triangulares, direitas e bastante grossas;

Pescoço: De tamanho médio/curto, direito e bem musculado;

Cauda: Comprida, de inserção médio/baixa, deve chegar ou ultrapassar o jarrete;

Membros anteriores: Vistos de frente são bem aprumados, compridos, direitos e paralelos;

Mãos: Ovais com dedos compridos, e arqueados. Almofadas digitais grossas e resistentes. Podem apresentar pelos interdigitais;

Membros posteriores: Musculados, bem aprumados, vistos de trás são paralelos;

Pés: Em tudo idênticos às mãos;

Andamentos: O andamento é ligeiro, enérgico, com movimentos fáceis e rápidos;

Altura: Machos: 48 a 58 cm; Fêmeas: 45 a 55 cm;

Peso: Machos: Machos: 20 a 25 Kg; Fêmeas: 15 a 20 Kg.

Pelagem

O pelo é liso, denso e de comprimento médio. Sem sub-pelo.

Abundante na região do pescoço, base das orelhas, coxas, face posterior dos membros, e inferior da cauda, onde é franjado.

As pelagens mais comuns são os fulvos. amarelos, castanhos, pretos e cinzentos em todas as tonalidades, unicolores ou malhados, ou brancos malhados destas cores.

A pelagem pode ser tricolor, raiada ou interpolada.

Temperamento, Educação e Treino

Cão de caça por excelência, resistente, rápido e ágil. Dócil por natureza e de maneio fácil. Muito vivo e inteligente.










Associação de Criadores do Cão do Barrocal Algarvio
Sítio do Arneiro
Caixa Postal 114
8005-412 FARO

Fotografias gentilmente cedidas pela A.C.C.B.A. em cooperação com o Geopark

PERDIGUEIRO PORTUGUÊS



História e Evolução

O Perdigueiro Português é uma raça que se julga derivar do antigo “Podengo de Mostra”, cuja referência mais antiga se encontra no Livro de Montaria de D. João I (séculos XIV-XV). Estes podengos passaram a ser conhecidos, a partir do século XVI, por “perdigueiros”, pensando-se que a seleção natural tenha conduzido ao surgimento, na Península Ibérica, dum cão de parar de pelo curto, com caraterísticas já bastante definidas que era conhecido como perdigueiro peninsular. Acredita-se que este terá sido o antepassado direto do atual perdigueiro.

É um cão de tipo bracóide, de estatura média e compacta, de pelo curto e áspero que lhe permite, por vezes, suportar temperaturas elevadas. É resistente, curioso e afetivo. Extraordinariamente airoso no porte e no andar, bate o terreno com vivacidade, para firme aos eflúvios olfativos da caça que traz à mão com alegria e entusiasmo.

O Perdigueiro é fruto dum processo de evolução lento, que atravessou séculos, durante o qual foi sofrendo influências várias, quer de tipo ambiental e geográfico, quer de tipo genético, não esquecendo a intervenção humana, que lhe foram conferindo uma identidade morfológica e comportamental distinta e orientada para a sua função natural, a caça. Nesta sua função cinegética, reúne caraterísticas próprias dos cães “de parar” uma vez que, ao detetar a caça através do olfato, assume instintivamente uma postura de imobilidade que lhe permite, deste modo, indicar a sua localização ao caçador.

No século XVI, eram cães muito populares e usados pela plebe, o que prejudicava os interesses dos caçadores nobres. Surgiu então, no reinado de D. Sebastião, o “Regimento das Coutadas de Lisboa”, onde se proibia e penalizava gravemente a posse de perdigueiros. Dá-se, por isso, início a um acentuado declínio da raça no século XVII que viria a ter a sua máxima expressão durante o século XIX, época em que começaram a ser preferidas para as atividades de caça, as raças estrangeiras como o Pointer e o Pachon. Os cruzamentos aleatórios que se observaram então, entre estas raças, resultaram na perda de homogeneidade fenotípica reconhecida do perdigueiro.

No início do século XX, foi feito um grande esforço no sentido de devolver ao perdigueiro a sua tipicidade morfológica, com recurso à importação de Pointers para beneficiamento dos perdigueiros. Gradualmente, o perdigueiro foi readquirindo grande parte das caraterísticas que o tinham tornado famoso em toda a Europa. A restrição da variedade de cores admitidas para a pelagem e o interesse de diversos criadores, conferiu à raça a homogeneidade, quer em termos morfológicos, quer em funcionalidade, que hoje lhe é reconhecida.

Aparência geral

Cão bracóide de tamanho médio, retilíneo, robusto mas com uma estrutura harmoniosa acompanhada de uma grande leveza de movimentos.

Cabeça: Proporcionada ao corpo, bem construída e com dimensões harmoniosas;

Crânio: Visto de face é quadrado, com a linha superior quase plana, ligeiramente abaulado visto de perfil;

Lábios: Lábio superior pendente, quadrado visto de perfil;

Maxilas/Dentes: Dentição sã, correta e completa, com articulação em tesoura;

Olhos: Expressivos, muito vivos, castanhos de tonalidade mais escura que a pelagem. Ovais quase redondos e grandes;

Orelhas: De inserção acima da linha dos olhos em direção à parte de trás da cabeça;

Pescoço: Direito, ligeiramente arqueado no terço superior, não muito grosso e guarnecido de curta barbela;

Cauda: De comprimento médio, não devendo ultrapassar o jarrete;

Membros anteriores: Aprumados, vistos de frente. Perfeitamente paralelos ao eixo mediano do corpo. Vistos de perfil, os aprumos dão uma impressão de grande estabilidade de apoio e de uma facilidade natural de movimento;

Mãos: Proporcionadas ao comprimento dos membros e mais arredondadas do que compridas. Dedos bem formados, fechados, uniformes e sólidos para proporcionar um bom apoio. As almofadas digitais são fortes e bem desenvolvidas;

Membros posteriores: Aprumados vistos por detrás e de perfil e paralelos ao eixo mediano do corpo;

Pés: Idênticos às mãos mas ligeiramente mais longos;

Andamentos: Movimentos normais, fáceis e elegantes. Polivalente no trabalho, adapta-se facilmente ao terreno, às condições climáticas e à caça;

Altura ao garrote: Machos: 54-60 cm; Fêmeas: 50-56 cm;

Peso: Machos: 20-27 Kg: Fêmeas: 16-22 Kg.

Pelagem

O pelo é curto, duro, bem cerrado, denso e bem distribuído sobre todo o corpo. É mais fino e mais curto na cabeça e principalmente nas orelhas, que dão aspeto de veludo. Sem sub-pelo. De cor amarela nas tonalidades clara, média e escura, unicolor ou com marcas brancas na cabeça, pescoço, peitoral, extremidade inferior dos membros, debaixo dos cotovelos e dos jarretes e na extremidade da cauda.

Temperamento, Educação e Treino

Trata-se de um cão extremamente meigo e afetivo, rústico e capaz de uma grande resistência e de uma grande devoção. Calmo e bastante sociável. Curioso por natureza, trabalha com persistência e vivacidade. Muito inflamado com a caça, colabora sempre estreitamente com o caçador.










Associação do Perdigueiro Português
Rua do Cabecinho Lameira de São Gonçalo
3050-502 Vacariça
app1984@hotmail.com

PODENGO PORTUGUÊS



História e Evolução

O Podengo Português é sem dúvida uma raça muito antiga que evoluiu por adaptação ao terreno e até ao clima. É um cão primitivo totalmente vocacionado para a caça e existe em três variedades de tamanho. O Grande é utilizado em matilhas de caça grossa e o Médio e o Pequeno são utilizados fundamentalmente na caça ao coelho. É, de entre os cães portugueses, talvez o mais distribuído em todo o país sendo vulgarmente mais conhecido por “cão coelheiro”.

Apresenta caraterísticas tão evidentes como a cabeça em forma piramidal, as orelhas eretas, a elegância de porte, a cauda em foice, apresentando-se em duas variedades de pelo: o liso e o cerdoso. O primeiro é curto e denso, sendo o cerdoso comprido e áspero e não apresenta sub-pelo.

Dotado de vivacidade e inteligência, combinados com grande rusticidade, durante a caça distingue-se pelo seu ladrar contínuo e agudo chamado “maticar”. O Pequeno e o Médio caçam em pequenas matilhas, procurando os coelhos entre silvas e rochedos.

Para a adaptação e fixação das caraterísticas distintivas do Podengo contribuíram os cães trazidos pelos mercadores Fenícios para Península Ibérica em época pré-romana. A primeira referência da existência destes cães coelheiros em Portugal foi feita no reinado de D. Sancho I, em 1190. Na Idade Média, todos os cães de caça em Portugal eram chamados “Podengos de Mostra”.

Possivelmente terá sofrido a influência de cruzamentos com cães locais, pelo que podemos encontrar raças similares de tipo primitivo, noutros países mediterrânicos, desde o Egito até à vizinha Espanha.

No século XIV, o cão Podengo Português foi utilizado na caça aos ratos das naus portuguesas.

Através dos tempos, e de acordo com a seleção para determinadas funções, a caça grossa e a caça menor, o Podengo foi adquirindo uma homogeneidade que foi reconhecida nos princípios do século XX.

No Podengo Pequeno, a variedade de pelo liso foi a primeira a atingir uma mais significativa homogeneidade, enquanto a variedade de pelo cerdoso é aquela que apresenta caraterísticas mais diversificadas e que só começa a ser recuperada nos anos setenta, pois evidencia maior dificuldade e tempo na fixação das suas caraterísticas fundamentais.

Sendo uma raça muito popular entre os caçadores portugueses, tem igualmente muita aceitação no meio familiar, nomeadamente a variedade de tamanho pequeno, como cão de companhia.

Aparência geral

No Podengo Grande e Médio, o corpo é quase quadrado de formato grande ou médio. No Podengo Pequeno o corpo é ligeiramente mais comprido que alto, de pequena estatura.

Em todas as variedades o comprimento do chanfro é mais curto do que o comprimento do crânio.

Cabeça: De forma piramidal quadrangular, com base larga e extremidade bem afilada;

Crânio: Plano, quase direito visto de perfil;

Lábios: Bem juntos, finos e firmes. A fenda da boca é horizontal. Bem pigmentados;

Maxilas/Dentes: Normais em tesoura, com dentes brancos e sólidos. Dentição completa na variedade Grande;

Olhos: Pequenos e oblíquos e de cor de mel a castanha, consoante a cor da pelagem;

Orelhas: Inserção oblíqua ao nível dos olhos, direitas, erguidas com grande mobilidade;

Pescoço: Comprido, direito, forte e bem musculado;

Cauda: De inserção mais alta do que baixa, forte, espessa e pontiaguda e de comprimento médio;

Membros anteriores: Bem aprumados de frente e de lado e bem musculados;

Mãos: Arredondadas com dedos compridos e fortes. Unhas fortes e almofadas digitais resistentes e duras;

Membros posteriores: Bem musculados e bem aprumados de trás e de lado;

Pés: Arredondados com dedos compridos, fortes, fechados e curvos;

Andamento: Trote ligeiro, movimentos fáceis e rápidos;

Altura ao garrote: De 20 a 30 cm nos Pequenos; De 40 a 54 cm, nos Médios; De 55 a 70 cm, nos Grandes;

Peso: De 4 a 6 Kg, nos Pequenos; De 16 a 20 Kg, nos Médios; De 20 a 30 Kg, nos Grandes.

Pelagem

Temos duas variedades de pelo: curto e liso ou longo e cerdoso – as duas variedades são de espessura média e ausência de sub-pelo. O pelo curto é mais denso do que o comprido. Na variedade de pelo comprido, o pelo no chanfro é mais comprido (barbaças).

De cor amarela, fulvo, em todas as tonalidades do claro ao escuro, com ou sem marcas brancas ou branco com marcas das outras cores.

Temperamento, Educação e Treino

O Podengo Grande é utilizado para a caça grossa.

O Podengo Médio é conhecido também por “cão de tapada”, a sua aptidão natural para a caça ao coelho é bem explorada. Caça em matilha ou sozinho.

O Podengo Pequeno é utilizado para procurar o coelho nas covas e entre as rochas.

Em todas as variedades é também utilizado, como cão de guarda e de companhia.










Clube do Podengo Português
Avenida Almeida Garrett, Quinta dos Pizões
2710-567 Sintra
vitorveigaadvog@netcabo.pt

RAFEIRO do ALENTEJO



História e Evolução

O Rafeiro do Alentejo, desde sempre selecionado como guardião dos montes e como cão de proteção de gado, distingue-se pela cabeça volumosa, olhar calmo, andamentos lentos e pesados.

A sua origem confunde-se com a dos grandes molossos existentes na Península Ibérica. Muito antes das invasões Celtas, já estes molossos defendiam os rebanhos dos predadores, e protegiam as tribos nómadas que atravessavam a Europa.

A transumância explica o aparecimento destes poderosos molossos nas diferentes regiões de Portugal. As diferentes condições geográficas e as alterações climatéricas obrigavam a que os rebanhos se deslocassem de Norte para as planícies do Sul, quando as regiões montanhosas já não satisfaziam as suas necessidades de sobrevivência. Desta forma, este tipo de cão expandiu-se entre as regiões ao longo destes percursos, resultando na sua chegada às planícies alentejanas. Desde os finais do século XIX que se começa a designar por “Rafeiro do Alentejo”.

A raça era também utilizada na caça maior, sendo frequente a sua presença nas matilhas de caça grossa do Rei D. Carlos, das quais existem vários registos fotográficos. A raça evoluiu progressivamente, no entanto, apenas em 1953 foi possível estabelecer o primeiro estalão oficial do Rafeiro do Alentejo.

Na década de setenta do séc. XX registam-se acentuadas alterações socioeconómicas, levando a mudanças radicais nos hábitos dos Portugueses, com abandono das zonas rurais e migração da população para as zonas urbanas, com uma redução drástica da pastorícia. Este fenómeno retira importância ao papel ativo que a raça desempenhava na sua função, verificando-se uma dramática redução de exemplares que leva a raça quase à extinção, atingindo o ponto mais crítico no início dos anos oitenta.

A década de 80, decisiva para a raça, é marcada pela perseverança de um grupo restrito de criadores, que levaram a cabo a luta pela preservação da raça contra a sua iminente extinção.

Em 1994 constitui-se a ACRA - Associação de Criadores de Rafeiro do Alentejo, com sede em Monforte. Tendo em vista a persecução de programas de criação seletiva, a Câmara Municipal de Monforte, em estreita colaboração com a ACRA, criou o Centro de Reprodução do Rafeiro do Alentejo, procurando deste modo restituir a esta nobre Raça “transtagana” o prestígio que historicamente lhe é devido, na salvaguarda de um Património Genético e Cultural.

Na atualidade, o Rafeiro do Alentejo mantém-se nas suas funções originais, sendo também muito usado na proteção de quintas e propriedades, assumindo-se cada vez mais como elemento turístico de referência e como um leal animal de estimação de muitas famílias. O trabalho de divulgação além-fronteiras tem sido cada vez mais intenso, apresentando resultados muito positivos: a raça desperta um crescente interesse em cada vez mais países.

Aparência geral

Cão de grande porte, possante, rústico, sóbrio e tranquilo.

De perfil, a cabeça é ligeiramente convexa apresentando eixos crânio faciais ligeiramente divergentes.

A altura ao garrote é ligeiramente inferior ao comprido do corpo.

Cabeça: Volumosa, quase maciça, proporcionada ao seu tamanho;

Crânio: Largo e abaulado nos dois eixos;

Lábios: Pretos, ligeiramente arredondados à frente, sobrepostos, bem rasgados e espessura média;

Maxilas/Dentes: Fortes e bem desenvolvidos com articulação em tesoura, sendo tolerada a articulação em pinça;

Olhos: Pequenos, de forma elíptica, castanhos e expressão calma;

Orelhas: Colocadas a média altura, pouco móveis, pequenas, dobradas e pendentes;

Pescoço: Boa saída de pescoço, direito, curto, forte com uma só barbela;

Cauda: De inserção média no prolongamento da garupa. Comprida e espessa na base;

Membros anteriores: Fortes, afastados, bem aprumados de frente e de lado;

Mãos: Os dedos são grossos, fechados, ligeiramente encurvados e as unhas são fortes;

Membros posteriores: Fortes, afastados e bem aprumados vistos de trás e de lado;

Pés: Em tudo idênticos às mãos;

Andamentos: Pesados, lentos, bamboleantes sem exagero;

Altura ao garrote: Machos de 66 a 74 cm; Fêmeas de 64 a 70 cm;

Peso: Machos de 45 a 60 kg; Fêmeas de 35 a 50 kg.

Pelagem

Pelo curto ou de preferência meio comprimento, espesso, liso e denso, regularmente distribuído até aos espaços interdigitais.

De cor preta, lobeira, fulva ou amarela, tigradas ou não, sempre com marcas brancas ou branca com marcas das cores precedentes.

Temperamento, Educação e Treino

Excelente guarda, particularmente ativo durante a noite, útil como cão de proteção de gado, sendo pouco tolerante com os intrusos quando na defesa dos animais ou das propriedades que lhe são confiadas.

Calmo e confiante, não deve demostrar agressividade ou timidez excessivas.

O seu temperamento forte e independente recomenda uma educação consistente e coerente durante a fase de crescimento.

É extremamente tolerante com os membros da família, em particular com crianças.










ACRA - Associação de Criadores de Rafeiro do Alentejo
Apartado 34
7450-909 Monforte
geral@acra.org.pt

Fotografias cedidas por ACRA

Bovinos

Alentejana; Algarvia; Arouquesa; Barrosã; Brava de Lide; Cachena; Garvonesa; Jarmelista; Marinhoa; Maronesa; Mertolenga; Minhota; Mirandesa; Preta; Ramo Grande.

Ovinos

Bordaleira de Entre Douro e Minho; Campaniça; Churra Algarvia; Churra Badana; Churra da Terra Quente; Churra do Campo; Churra do Minho; Churra Galega Bragançana Branca e Preta; Churra Galega Mirandesa; Merina da Beira Baixa; Merina Branca e Preta; Mondegueira; Saloia; Serra da Estrela.

Caprinos

Algarvia; Bravia, Charnequeira; Preta de Montesinho; Sepentina; Serrana.

Suínos

Alentejana; Bísara; Malhado de Alcobaça.

Equídeos

Burro da Graciosa; Burro de Miranda; Garrana; Lusitana; Pónei da Terceira; Sorraia.

Galináceos

Amarela; Branca; Pedrês Portuguesa; Preta Lusitânica.

Canídeos

Cão Barbado da Terceira; Cão da Serra da Estrela; Cão de Água Português; Cão de Castro Laboreiro; Cão de Fila de São Miguel; Cão de Gado Transmontano; Cão de Serra de Aires; Cão do Barrocal Algarvio; Cão Perdigueiro Português; Cão Podengo Português; Cão Rafeiro do Alentejo.

Colaboração: ruralbit

Cofinanciado por: PO ISE, PORTUGAL 2020, UNIÃO EUROPEIA